

Iara Félix Viana

MULHERES NEGRAS E BAILE FUNK:
sexualidade, violência e lazer

BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2013

Iara Félix Viana

MULHERES NEGRAS E BAILE FUNK:
sexualidade, violência e lazer

BELO HORIZONTE
Universidade Federal de Minas Gerais
2013

Iara Félix Viana

MULHERES NEGRAS E BAILE FUNK:

sexualidade, violência e lazer

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer - Mestrado em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de Concentração: Lazer, Cultura e Educação.

Linha de Pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques.
Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2013

V614m Viana, Iara Félix
2013 **Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer.** [manuscrito] /
Iara Félix Viana. – 2013.
216f., enc.: il.

Orientador: Walter Ude Marques

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 186-198

1. Mulheres - Teses. 2. Lazer - Teses. 3. Funk (música) – Teses. 4. Juventude e
Violência - Teses. I. Marques, Walter Ude. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 796.015.52

**Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação ***Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer*** de autoria da mestrandia Iara Félix Viana defendida e aprovada em 15 de março de 2013, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques (Orientador)

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira

Faculdade de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

DEDICATÓRIA

*À memória de José Evangelista Viana, meu inesquecível pai.
À minha mãe, inspiração para a realização deste estudo.*

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, pela oportunidade de aprendizagem.

Ao Walter Ude, grande mestre, amigo e orientador tenho muito agradecer: pela atenção, pela disponibilidade e pelo interesse com que acompanhou minha trajetória no mestrado, pela orientação segura, atenta e estimulante para a realização desta dissertação. Sou grata por tudo que aprendi com ele.

À minha mãe, o que dizer dela? Minha mãe é tudo e hoje o exemplo vivo da resiliência! Sua força é admirável e, sobretudo, sua infinita capacidade de amar. Esta sim, nunca deixará de acreditar e orgulhar-se por cada conquista minha. Teu amor é que me fez chegar aqui e me possibilita seguir adiante. Muito obrigada.

A meu pai, que já não está mais comigo, por tudo que fomos. O que há de elemento contestador em mim veio de cada palavra sábia que ele me ensinou;

A minha companheira Vania Oliveira, cujo apoio e carinho foram meu maior estímulo. Obrigada pelo seu amor, seu cuidado, seu apoio, sua cumplicidade e sua compreensão e, sobretudo, pelo prazer e orgulho de tê-la ao meu lado;

Aos professores, pelas ideias e conhecimentos trocados;

Às professoras Cláudia Mayorga e Sandra Azeredo, por me apresentarem o vasto e encantador mundo feminista;

Aos grupos de estudos da *Teoria História-Cultural do NEPCOM* e o *OTIUM* por me ajudarem a compreender o “desconhecido do conhecimento”.

Aos meus sobrinhos (as), por tudo que fomos, somos e seremos. Obrigado por me fazerem acreditar que, juntos, a vida pode ser linda e divertida.

As minhas primas Sônia, Luana e Ana Viana, pelo carinho, pela amizade e pela compreensão frente às minhas ausências.

Aos amigos e interlocutores do mestrado: Karla, Fabiano, Cláudio, Marcília, Suzana, Rafael, Vinícius e Gelka, com quem dividi, ao longo desses dois anos, as alegrias, as incertezas, os “desesperos”,

os momentos divertidos e as descobertas. Obrigado pela sincera e divertida amizade.

À amiga Denise Falcão, pelas palavras encorajadoras, além do eterno senso de humor.

Quero agradecer sinceramente a todas as meninas/mulheres por mim entrevistadas, especialmente aos três Bondes diretamente envolvidos neste estudo, pelo interesse, pela paciência, pela disponibilidade, pela confiança e pelo desprendimento com que me receberam. Obrigada por tudo. Vocês são co-autoras desta investigação.

Enfim, agradeço a todos(as), que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Epígrafe

*Sou a mulher que tem força, que tem o coração trabalhado no gelo.
Que pode ser várias, uma em cada dia da semana.
Eu tenho o cabelo que eu quiser a unha da cor que eu quiser.
Os peitos do tamanho que eu quiser, e do material que eu puder pagar.
O que eu não trocaria por uma armadura medieval, uma prótese blindada talvez.
A prova de balas, a prova de facas.
Uma prótese dura o suficiente para me proteger de um tiro
e maleável o suficiente para ainda deixar o amor entrar.
(...)
E a vida segue.
Muitas morrem, outras nascem cada vez mais novas.
E assim elas vão, desviando dos tiros, esbarrando no preconceito, correndo da polícia.
Mas sempre com um batom nos lábios, um belo salto nos pés e algumas vezes um vazio
no coração.
Ela não precisa de redenção.*

Rafael Menezes.

(História de todas nós – texto adaptado)

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade analisar o processo de construção social das feminilidades, em um bairro popular favelizado, denominado Conjunto Morro Alto, em Vespasiano-MG, bem como suas relações com a violência e o poder nos momentos de lazer em bailes *funk*. Desse modo, conhecer a trajetória, a cotidianidade de *jovens meninas/mulheres*¹, lançando um olhar sobre os processos de construção dos sentidos sobre suas atividades; no que tange ao *ser mulher* e o *tornar-se mulher*, com suas historicidades e complexidades, representou um esforço relevante para a produção deste trabalho. Esta pesquisa foi sustentada por uma abordagem qualitativa, na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação de campo do tipo participante e grupos de discussão, com *jovens meninas/mulheres*, *funqueiras* e integrantes de *grupos/Bondes*. Trabalhou-se com as seguintes categorias teóricas organizadoras do estudo realizado: lazer, gênero, feminilidades, juventudes, violência e, no decorrer do estudo, emergiram, como categorias explicativas do campo pesquisado: o frequentar e dançar funk, a formação dos Bondes e seu pertencimento, os sentidos e significados para reconhecer-se como perigete, o empoderamento feminino no público e no privado em bairros populares. Verificou-se que as trajetórias de vida das meninas/mulheres são marcadas por ações de enfrentamento em distintos territórios masculinos que questionam relações de gênero, decorrendo inicialmente em transgressões tanto em casa quanto na rua. O território funk representou um dos espaços favoráveis à crítica de uma realidade supostamente prescrita, na qual elas tornam-se sujeitos de suas ações produzindo um ethos feminino singular.

Palavras-chave: *Lazer, Funk, Perigete, Bondes, Território.*

¹ Indica que a condição de menina não está desvinculada da condição de ser mulher num contexto no qual as relações de gênero se mostram assimétricas diante de uma pretensa hegemonia patriarcal. Desse modo, o termo não se reduz à faixa etária de crianças e jovens femininas como se estivesse naturalizando a adultização desse período de vida; pelo contrário, procura evidenciar como a representação de ser mulher e ser homem atravessa os distintos ciclos da vida humana.

ABSTRACT

This study has the purpose of analyzing the process of social construction of femininity in a popular district favelizado called set Morro Alto, Vespasian-MG, as well as its links with violence and power in moments of leisure in funk parties. Thus, knowing the trajectory, the everyday life of young girls / women, glancing about the processes of construction of the senses about their activities, with respect to being a woman and becoming a woman, its historicity and complexity, represented an effort relevant to the production of this paper. This research was supported by a qualitative approach, in which semi-structured interviews were conducted, the type field observation and participant discussion groups with young girls / women, and members of groups funqueiras / Trams. Worked with the following theoretical categories organizers of study: leisure, gender, femininity, youth, violence, and during the study, emerged as explanatory categories researched field: attend the dance and funk, and the training of your Trams belonging, the meanings to recognize themselves as periguate, feminine empowerment in public and in private popular districts. It was found that the life trajectories of girls / women are marked by distinct actions for coping in male territories that challenge gender relations, stemming initially transgressions both at home and on the street. The territory represented a funk spaces favorable to criticism of supposedly prescribed a reality in which they become subjects of their actions producing a singular feminine ethos.

Keywords: *Leisure, Funk, Periguate, Streetcars, Territory*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS)

FIGURAS

FIGURA 1	Mapa de localização do Município de Vespasiano/MG	75
FIGURA 2	Favelas Buraco Quente e Perrela que se localizavam às margens do ribeirão arrudas. Área hoje ocupada pelo Boulevard Shopping	78
FIGURA 2a	Mapa confeccionado pelo Plambel, a área que está sinalizada em vermelho foram às atingidas pelas enchentes de 1981, 1982 e 1983.....	79
FIGURA 2b	Ribeirão Arrudas nas chuvas de 1982, na altura do Boulevard Shopping	79
FIGURA 2c	Região do Complexo do Perrela e Buraco Quente, após a revitalização	80
FIGURA 3	Mapa de Vespasiano, com imagem de satélite do Conjunto Morro Alto	82
FIGURA 4	Adensamento Populacional e estilo de casas geminadas –Conj. Morro Alto.	82
FIGURA 4a	Estilo de casas separadas e geminadas – Conj Morro Alto	83
FIGURA 4b	Crescimento desordenado – Adjacências do Conj Morro Alto	83
FIGURA 5	Algumas propagandas dos bailes funk que acontecem em áreas de sítios mais afastados ...	144
FIGURA 6	Propaganda do Proibidão funk que acontece em áreas de sítios mais afastados – a divulgação é feita nas redes sociais	144
FIGURA 7a	Inscrição nas pilastras da praça central	174
FIGURA 7b	Inscrição nas pilastras da praça central, uma menção a outros possíveis Bondes	175
FIGURA 8	Inscrição na Praça da Lagoa do Morro Encantado – uma reprodução de símbolos	176

TABELAS

TABELA 1	Evolução da População do Município de Vespasiano - MG e da RMBH - Entre os Anos de 1991 e 2010	77
----------	--	----

GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Jovens meninas/mulheres entre 12 e 29 anos - autuadas em flagrante como autoras ou co-autoras dos crimes listados	165
-----------	---	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FEMINILIDADES, JUVENTUDES E BAILE FUNK.....	19
2.1 Construção Social das Feminilidades: a necessidade de um olhar hermenêutico	20
2.2 A mulher enquanto símbolo de força: algumas explicações míticas	22
2.3 Feminismos e paradoxos da modernidade	24
2.4 Lazer, Violência e Contexto Histórico-Cultural.....	32
2.5 Juventudes travestidas de Meninas/Mulheres: condição ou processo?	45
2.6 Breve histórico do Funk no Brasil.....	49
2.7 Funk: o lugar e o não-lugar da Menina/Mulher Popular	58
3 PERCURSO METODOLÓGICO	64
3.1 Objetivos do estudo	64
3.2 Reminiscências da Minha Vida: da enchente do Ribeirão Arrudas em 1982 ao Mestrado em 2010.	66
3.3 Descrição Geral da Área de Estudo	74
3.3.1 Conjunto Habitacional Morro Alto	81
3.3.2 Caracterização dos Sujeitos.....	85
3.3.4 Considerações Metodológicas e Feministas.....	93
3.3.5 Quanto à observação de campo (OC) do tipo participante.....	98
3.3.5 Quanto aos grupos de discussão (GD)	102
3.3.6 Quanto às entrevistas semiestruturadas e individuais (EIS)	105
3.4 A inserção da pesquisadora no campo de estudos	107
3.5 Aprendizagens com a experiência de pesquisa	116
4 TERRITÓRIO FUNK E FEMINILIDADES: SUBJETIVIDADES CONSTRUÍDAS ENTRE RELAÇÕES DE PODER, A RUA E A VIOLÊNCIA.	120
4.1 Territorialidades e Capital simbólico dos Bondes Femininos: Ariranhas, Padoka dos Boys, e Malcriadas.	126
4.2 Patriarcado, Feminilidades e Baile Funk: territórios atravessados e tensionados por prescrições normativas e subversões.....	137
4.3 Territorialidades nas ruas e nas baladas: periquetes versus recalçadas	140
5 FAVELA E COMUNIDADE: NARRATIVAS DOS BONDES EM UM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE.....	148

5.1 Feminilidades nos espaços da rua da casa e dos bailes: sua materialidade e sua organização subjetiva.....	153
5.2 Feminilidades, Baile Funk e Transgressão: códigos e constituição de um ethos feminino singular.....	159
5.3 O ETHOS da Rua: Um olhar feminista para a ressignificação dos seus códigos.....	170
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS.....	188
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturada com as jovens.....	201
APÊNDICE B - Termo de consentimento informado livre e esclarecido único para (pais/responsáveis e crianças a partir de 12 anos).....	203
APÊNDICE C - Termo de consentimento informado livre e esclarecido para pais/responsáveis de adolescentes entre 13 e 17 anos.....	205
APÊNDICE D - Termo de consentimento informado livre e esclarecido para adolescentes entre 13 e 17 anos.....	207
APÊNDICE E - Termo de consentimento informado livre e esclarecido para jovens maiores de 18 anos.....	209
APÊNCIDE F – Termo de anuência institucional do Programa Fica Vivo.	210
APÊNCIDE G – Termo de anuência institucional do Conselho Tutelar	211
APÊNCIDE H – Termo de anuência institucional do 36º Batalhão de Polícia Militar de Vespasiano.....	213
ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG	215

1 INTRODUÇÃO

Sentada em frente ao computador, para dar início à apresentação deste estudo, remeto-me a um conjunto de lembranças, experiências, teorias e conceitos acerca do ser mulher e o tornar-se mulher em um bairro popular favelizado. Nesse aspecto, durante longos anos grande parte dos discursos, teorias e visões sobre a mulher, produziram uma ideia de um ser reduzido à sua capacidade biológica reprodutiva. Nesse sentido, Lígia Amâncio chama-nos a uma reflexão “embora a mitologia da diferença entre os sexos seja muito antiga, essa permanência histórico-cultural ao longo do tempo pode, de certa forma, legitimar as desigualdades atuais” (AMÂNCIO, 1998, p.80). Nesse sentido, contrariando ideias que defendem características de passividade atribuídas à mulher, de um modo essencialista e fatalista, pretendo salientar, neste estudo, os diversos lugares da transgressão ocupados por jovens mulheres de um bairro popular favelizado.

Desde a Grécia Antiga, no mundo ocidental, produziram-se concepções acerca da masculinidade como detentora da ordem e da lei, enquanto a mulher estaria associada ao desejo e à desordem, um ser inferior pela sua natureza. Desse modo, a sociedade foi se organizando por relações desiguais e hierárquicas de gênero, mas cuja desigualdade foi baseada numa presumível diferença de naturezas, atribuindo-se à mulher qualidades negativas que a impossibilitariam de participar ativamente de forma equânime, na sociedade onde vive (FOUCAULT, 1979, p.19).

Frente a essas contradições, o empreendimento de uma pesquisa pressupõe o interesse por um tema a ser investigado, o qual representa interesse que se constrói a partir de nossas vivências. Desse modo, nossas teorias vão se tornando impregnadas de discursos que influenciam o modo como a realidade é percebida (FOUCAULT, 1969, 1997; GUBA; LINCOLN,

1994) e como as situações são definidas, fundindo-se, assim, nossa teoria com nossa biografia (FONSECA, 2000a, 2000b). Nessa perspectiva, somos construtores ativos de temas e de narrativas que contamos a nós mesmos e a outros, ao longo de nossa história, tais temas e narrativas não são apenas individuais, embora singulares, mas produzidas por meio de relações coletivas (HARDING, 1987).

Nesse sentido, a presente investigação frequentou um ethos masculino que busca exaltar sua virilidade, povoado por meninas/mulheres funkeiras. Contrariamente, à normativa patriarcal, apresento uma problematização que procura compreender jovens femininas que vivenciam com prazer e intimidade o espaço da *rua* e das *baladas*, e que também partilham momentos de certa “igualdade” com os jovens masculinos em diversas “*transgressões*”.

Frente a isso, organizei a apresentação deste estudo abordando primeiramente, a necessidade de um olhar hermenêutico, para a construção social das feminilidades, visitando o feminismo nos mitos de origem com Lilith e Eva. Todavia, ao adentrar neste universo, elegi o marco das deusas endiabradas, ou condenadas pela Igreja, deparei-me com as tragédias clássicas como ‘*As Bacantes*’ e ‘*Medéia*’ de Eurípedes, que tratam de mulheres independentes e poderosas, que integravam sexualidade e maternidade, bondade e maldade numa só figura.

Desse modo, pesquisas realizadas em bairros populares de Porto Alegre encontraram narrativas espontâneas de mulheres autônomas (FONSECA, 1992), descritas segundo esta autora, como valentes, malandras, interesseiras e transgressoras, que não admitiam a traição dos maridos. Estes últimos tinham um lugar garantido nas piadas, fofocas e zombarias, proferidas pelas mulheres da região, sendo conhecidos como “guampudos²”

² A palavra é derivada de guampa que significa chifre, corno, aspa, galho - pode também ser utilizada para denominar aquela pessoa que foi traída por sua parceira.

(FONSECA, 1992, p. 310). Neste contexto, a apresentação da mulher no universo funk, nos dias atuais, nos remete à necessidade de uma nova leitura do seu lugar. A tentativa de enclausuramento das mulheres foi percebida nestes estudos como estratégia de controle dos homens diante do medo da transgressão feminina.

No **primeiro capítulo**, a discussão da presença do funk, nos anos 70 e 80, já questionavam normas patriarcais pelas atitudes femininas. Após essa (re) visita ao universo funk, fundamentada na concepção histórico-cultural, busquei identificar no estudo, *o lugar* e *o não-lugar* das jovens mulheres empoderadas, trazendo a tona um *ser-mulher* e um *tornar-se mulher* singular, produtora de um ethos que lhe proporciona voz, para além do ambiente privado supostamente prescrito e normatizado. Nesse enfoque, a questão das baladas funk será discutida aqui, concebendo o lazer como um tempo/espço questionador de identidades preconcebidas.

No **capítulo dois**, apresento o percurso metodológico adotado nesta investigação, bem como a relação da minha história de vida com o *lócus* de pesquisa. Dessa forma, além das leituras no campo do feminismo, Lev Semenovitch Vigotsky e Fernando Rey, foram os autores importantes para a produção deste trabalho científico ao dialogar com as subjetividades encontradas e compartilhadas, já que as formas pelas quais problematizamos uma questão afetam o modo como a investigamos. Neste sentido, ao caracterizar os sujeitos da pesquisa neste capítulo, coaduno com Rey quando nos faz pensar que “toda pesquisa possui uma carga ideológica, pois os construtores são pessoas históricas” (REY, 2005, p.199).

Desse modo, a escolha da teoria crítico-feminista centrada no repertório da ‘desconstrução’, ‘interseccionalidade’, ‘sentidos’, ‘significados’, ‘complexidade’ e ‘subjetividades’ (BUTLER, 2003; BILA SORJ, 1992; REY, 2004; MORIN, 2005), contempla o caráter ativista intrínseco à ética das abordagens críticas feministas. Entretanto, evidenciou-se a necessidade de privilegiar a

Observação de Campo do tipo participante, para as práticas e discursos do cotidiano feminino, o que se configurou como fio condutor da análise; sem, contudo abrir mão dos Grupos de Discussão e por fim das Entrevistas Individuais Semiestruturadas que funcionaram como via de acesso às falas mais genuínas das jovens. Na metodologia adotada, “as estratégias de pesquisa foram consideradas meios de produção de informação, percebidas como parte do processo de comunicação” (REY, 2004, p. 199).

No **capítulo três**, ao dedicar-me ao processo de análise deparei-me com uma gama de informações fervilhando em meus pensamentos que me levaram à seguinte indagação: O que aprendi, após esse trabalho embrionário do fazer científico, iniciado? Avalio que o esforço desta produção acadêmica me conduziu ao questionamento de diversas prescrições normativas, de origem patriarcal, numa sociedade marcada por relações desiguais. Pensar cada realidade - neste caso da menina/mulher que escolhe ser uma funqueira e se autointitular uma perigete - com sua particularidade, conforme adotado neste estudo, poderá contribuir para o fomento de novos estudos que enfrentarão, de uma maneira distinta, as relações de poder presentes na sociedade, possivelmente sem desqualificar mulheres, negras, pardas, e pobres das periferias da cidade, como se percebe no senso comum.

Nesse sentido, a escuta das trajetórias das meninas/mulheres participantes deste estudo, pretendeu privilegiar, a partir das categorias de gênero, feminilidades e baile funk, uma reflexão acerca das seguintes questões: Essas experiências observadas no contexto funk gerariam mudanças nos comportamentos ou valores por elas vividos? Quais os impactos gerados diante da revelação das suas memórias? Elas reconstruíram conteúdos do seu passado? Como se enxergam e operam no momento atual?

Frente a isso, algumas questões levantadas pelo *lócus* deste estudo tangenciaram problemas ligados à discriminação

étnico-racial e à criminalização da pobreza, como fora apresentado no item intitulado “Feminilidades nos espaços da rua, da casa e dos bailes: sua materialidade e sua organização subjetiva”, o qual teve como proposta expor/discutir, ainda que de forma breve, alguns pontos-chave ligados ao problema sócio-racial em bairros de periferia.

Nesses termos, a sociedade capitalista apresenta-se mediada por relações de poder que configuram territórios desiguais e autoritários. Entretanto, em momentos específicos, tais territórios são questionados, são colocados em xeque pelo conjunto dos explorados, e supostamente subjugados. Nichos de resistência e de subversão emergem em contraposição a modelos prescritos.

No **capítulo quatro**, apresento as singularidades das histórias das jovens meninas/mulheres funqueira e perigete, bem como o contexto de violência em que estão inscritas e suas formas de subversão frente a essa realidade. Nesse contexto, coube a utilização de lentes feministas para o entendimento do ethos presente na rua, buscando entender a ressignificação dos códigos reelaborados por essas jovens nos *bailes funk*, no *pagofunk*, e nos *proibições funk*.

E por último, no que denominei “Considerações finais”, faço a exposição das conclusões a que minha análise permitiu chegar. No entanto, o que se pretendeu desvelar foi a forma como as representações de identidade são criadas, ou reconstruídas num sistema patriarcalista ainda tão presente. Frente a isso, desejo que a leitura deste estudo, provoque ruídos, gere inquietações, para criação de outras investigações ou ampliação desta, com o intuito de descriminalizar a menina/mulher que frequenta o funk. E por fim, desejar ainda, que a cultura funk, alcance outros espaços, sem a atual necessidade de se esconder em guetos, como sítios, esquinas desertas, ou ainda manifestar-se somente nas áreas de favelas/comunidades, como se fosse algo proibido, feio e perigoso. Com o esforço despendido, creio ter contribuído para a construção

de uma ciência mais inclusiva, mais implicada, mas também consciente.

2 FEMINILIDADES, JUVENTUDES E BAILE FUNK

Apresentar uma parte do mosaico de feminilidades e das juventudes é o que pretendo neste capítulo. Sabe-se que é impossível falar em uma identidade feminina tornando-se inútil buscar alguma essência da noção de “mulher”. Nesse sentido, seria ingênuo pensar no ser humano sem os atravessamentos identitários, de raça, classe, idade e ideologias. Nesse contexto, esse ser humano pode ser compreendido como uma amálgama desses vários traços identitários que o compõe, apresentando uma série de multiplicidades, de modos de estar no mundo, de *ser* ou *tornar-se* mulher. Há muito os movimentos de mulheres e até mesmo as teorizações feministas já demonstravam a ocorrência de muitas *fraturas*, muitas *diferenças*. Desse modo, tanto no movimento, quanto no pensamento feminista, a mulher se constitui de “muitos jeitos”, de “várias formas” de “diferentes raças”, “classes”, “crenças”, “orientações sexuais”, mulheres de diferentes tempos, ainda que estejam todas vivendo numa mesma época. Desse modo, essas distintas posições também vão contribuir para elaboração de formas distintas de enfrentamento das condições de vida, supor destinos, expectativas, possibilidades, assim como distintas formas de se submeter. Frente a isso apresento um olhar hermenêutico acerca da construção social das feminilidades, com o intuito de resgatar a historicidade nessas relações do *ser* e do *tornar-se*, a fim de compreender seu engendramento, em especial no que concernem as relações de poder que caracterizam o sistema patriarcal ainda tão presente em nossos dias.

2.1 Construção Social das Feminilidades: a necessidade de um olhar hermenêutico

O esforço de tentar interpretar, e até mesmo entender, o lugar social da mulher, em espaços públicos, os quais, até então, foram prescritos como um ethos masculino, levou-me neste primeiro capítulo, a eleger algumas personagens célebres para criar um mosaico hermenêutico da condição feminina através dos tempos. Ainda que obedeça a uma cronologia histórica, deixo clara a essência atemporal nesta construção.

Neste percurso introdutório, visito as feminilidades nos mitos de origem com Lilith e Eva, entidades míticas dos tempos imemoriais; e algumas personalidades marcantes da Antiguidade e da Idade Média; apresento as várias faces da Virgem Maria, que simbolizam o poder e a piedade desde a Renascença até a Modernidade, findando essa viagem na primeira metade do século XX, berço de verdadeiros ícones da liberdade, da irreverência e da inteligência feminina, como Simone de Beauvoir e Virginia Woolf.

Todavia, para elucidar melhor os objetivos desta pesquisa, trago a noção de juventudes femininas, na qual, vivenciam como lazer e liberdade de expressão, os bailes funk, os chamados *Proibições*, nos bairros populares favelizados. Foi nestes espaços, reconhecidamente masculinos, que percebi o quanto a trajetória feminina, tanto na mitologia quanto na história, apresenta mais afinidades com o presente do que diferenças. Ou seja, como salienta Debray:

A fonte não é a essência, e o devir é importante. Mas qualquer coisa obscura esclarece-se através de seus arcaísmos. Do substantivo *asché* que significa ao mesmo tempo razão de ser e começo. Quem recua no tempo avança no conhecimento (DEBRAY, 1994, p.21).

Nesse sentido, destaco as heroínas que eternizaram seus feitos, ou seja, mulheres intensas, desafiadoras, autênticas,

obstinadas, compassivas, apaixonadas, irreverentes, predestinadas. Umas conheceram o céu, outras o inferno; umas foram enaltecidas, santificadas, outras demonizadas, mas todas tocaram as profundezas do ser, chegaram ao limite de sua condição e de seu tempo. Procuo conhecer o poder exercido pela mulher historicamente limitado, mas que burla sutilmente o poder masculino socialmente legitimado. Faz-se uso do “jeitinho”, de ordens, reprimendas, ameaças, chantagens, vigilância sobre filhos e marido e trama-se uma rede invisível, na qual, controla e organiza o interior da casa e da família e que, por vezes, extrapola esse domínio privado fazendo-se presente no espaço público. Todavia, nem como vítimas nem como algozes, acredito que as mulheres ao longo dos tempos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina.

Desse modo, o desejo de desvendar a origem do mundo, do sujeito, das coisas e da natureza, bem como de compreender as relações que regem a vida em sociedade são objeto de estudo de várias disciplinas há séculos (PIRES, 2002). Recorrendo aos mitos, às revoluções e às teorias científicas. Diferentes sociedades elegeram inúmeras e criativas justificativas para sua organização social. Nas civilizações antigas, essas explicações baseavam-se nos mitos de origem divina, enquanto nas civilizações ocidentais contemporâneas a ciência cumpre a função de buscar explicações para a ordem social existente a fim de legitimá-la (BERGER; LUCKMANN, 1966; Strey, 1998). Sendo assim, o resgate tanto da história mítica da criação do mundo, quanto a história da civilização ocidental auxilia-nos a compreender as diferentes formas de relação vividas ao longo da história pelo/as humano/as. Não se trata de buscar origens universais que revelem verdades últimas e essencialistas (ROSALDO, 1995), mas sim, de recuperar a historicidade dessas relações a fim de compreender seu engendramento, em especial no que concerne às relações que

emergem códigos e significados do ser menina/mulher³ funkeira em um bairro popular- tema central deste estudo. Diante disso, no próximo tópico, apresento algumas explicações míticas e a mulher enquanto símbolo de força neste universo.

2.2 A mulher enquanto símbolo de força: algumas explicações míticas

Tragédias clássicas⁴ como ‘*As Bacantes*’ e ‘*Medéia*’, de Eurípedes, falam em mulheres independentes e poderosas, que integravam sexualidade e maternidade, bondade e maldade em uma só figura. *Medéia*, que matou por ciúme os próprios filhos ao ser traída pelo marido, encarna ora a imagem negativa de uma mãe má, ora a imagem de sabedoria, poder e força da mulher que não se submete à infidelidade masculina legitimada pela ordem patriarcal. As ‘*Bacantes*’ são mulheres de Tebas que abandonam seus lares à noite e celebram orgias, a ponto de uma delas matar o próprio filho sem o saber (MALUF, 1993; RINNE, 1988). Em ‘*Antígona*’, tragédia de Sófocles, Electra e Antígona, filhas de Édipo, representam mulheres que, mesmo vivendo sob a égide paterna, ousam desafiar a dominação masculina reinante em Tebas (PIRES,

³ Indica que a condição de menina não está desvinculada da condição de ser mulher num contexto no qual as relações de gênero se mostram assimétricas diante de uma pretensa hegemonia patriarcal. Desse modo, o termo não se reduz à faixa etária de crianças e jovens femininas como se estivesse naturalizando a adultização desse período de vida; pelo contrário, procura evidenciar como a representação de ser mulher e ser homem atravessa os distintos ciclos da vida humana.

⁴ São dramas no qual um herói trágico luta contra um fator transcendental que controla o fluxo dos acontecimentos. Tamaña é a força desse fator, que sempre chegamos em um final trágico, em que o herói sofre todas as consequências por tentar controlar o poderoso destino (Fado). A Tragédia suscita terror e piedade nos leitores, ocasionando a chamada catarse, que é uma espécie de purificação através do sofrimento alheio. São três os principais autores de tragédias: Sófocles, Ésquilo e Eurípedes. Ainda hoje suas obras são consideradas únicas e verdadeiras tragédias, pois possuem todas suas características. (Disponível em: <http://www.lendo.org/a-tragedia-grega/> acessado em: set. 2012

2002). O poder feminino é também representado pelas sacerdotisas, que conhecem a arte do amor e da adivinhação.

Os poderes femininos, associados à capacidade reprodutiva, à sexualidade e à adivinhação eram percebidos, no entanto, como ameaçadores. Aparece, então, o mito da criação do Universo por Zeus, que toma para si a capacidade reprodutiva e engrandece a paternidade, destituindo as imagens femininas de seus poderes. Em outros mitos, como os de Pandora, Perséfone e Psique, as mulheres são representadas como curiosas, frívolas, dependentes e feitas apenas para agradar aos deuses masculinos (BULFINCH, 2001; LUNA, 2002; MURARO, 1997; RICHLIN, 1991; TIBURI, MENEZES; EGGERT, 2002).

As origens do mundo e da humanidade, segundo o livro bíblico 'Gênesis' (A Bíblia Sagrada, 2007), revelam um Deus-Pai-Criador violento e autoritário. Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem é dotado do privilégio de dominar todos os seres vivos, ao qual é prescrito que subjugue a terra, o céu, o mar e todas as suas criaturas. A mulher é criada a partir do homem, como produto dele. Não tolerando a desobediência de Adão e Eva, que outorgam a si o direito ao saber e à autonomia, Deus os castiga com o sofrimento do trabalho e a dor do parto (BOFF, 1997; DADOUN, 1998).

O mito de Lilith, a deusa diaba, que representa a outra face de Eva, conta que Lilith foi expulsa do paraíso por reivindicar autonomia e prazer sexual. Não querendo se submeter a Adão e nem a Deus, Lilith é condenada pelo Deus-Pai-Criador, que lhe diz: "Multiplicarei grandemente a tua dor com dores terás filhos. Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará" (A Bíblia Sagrada, 2007, p. 3).

Enquanto Lilith é castigada, a Virgem Maria é venerada, não como *deusa*, mas enquanto *mãe* de Jesus-Deus. Maria é a Serva do Senhor, mediadora do 'Deus Criador', cuja sexualidade é negada, uma vez que concebe a partir do 'Espírito Santo'. A

imagem da mulher ideal passa a ser a de Maria, que não é mulher, é apenas mãe, adorada por sua condição de humildade, resignação e subordinação. Idealiza-se, a partir daí, a representação feminina da boa mãe, nutridora, protetora, santa e assexuada. Essas breves considerações denotam que, mitologicamente, religiosamente e historicamente a mulher fora concebida de maneira ambígua e contraditória, como se pode observar no decorrer da modernidade.

Diante desse enredo histórico acerca dos aspectos míticos e sagrados produzidos em torno do ser-mulher, remeto essa discussão para os feminismos e os paradoxos da modernidade.

2.3 Feminismos e paradoxos da modernidade

Se avançarmos no tempo e retomarmos a História Moderna como exemplo, perceberemos as contradições inerentes no desenrolar dos processos políticos em que a mulher foi representada como o grande símbolo da República, mas ao mesmo tempo excluída. Na Revolução Francesa, a república foi representada por meio do símbolo de uma mulher amamentando. Essa imagem associava a república à mãe protetora, mais próxima da ideia de Virgem Maria submissa e obediente do que de Lilith, a outra face de Eva autônoma e reivindicadora.

Nesse aspecto, o historiador José Murilo de Carvalho (1987) nos informa que na Segunda República Francesa fora aberto um concurso para a escolha de um símbolo nacional, no qual a grande maioria dos pintores e escultores escolheu a figura feminina como representação da república, da pátria e da nação. Esse propósito poderia, por um lado, ter um sentido mitológico na opção dos pintores e escultores, mas, por outro lado, existia um fato real: a mulher também participou da revolução (SCOTT, 2002).

Um exemplo de participação feminina foi o de *Thérèse de Mericourt*, que favorável à guerra, tenta criar uma Falange de Amazonas e, na primavera de 1792, participa ativamente da invasão do *Palácio das Tulherias* pelo povo de Paris na Jornada de 10 de Agosto de 1792. Em Maio de 1793, já após a deposição de Luís XVI, na Assembleia Nacional, foi acusada de apoiar Brissot, chefe dos *Girondinos*, sendo levada por mulheres para um canto dos Jardins das *Tulherias*, onde fora despida e, quando completamente nua, foi açoitada. Este ato degradante representou uma resposta aos demais para reproduzir a ideia de uma revolucionária fracassada, que não suporta tal humilhação e mergulha na loucura. Depois desse episódio enlouquecedor, passa os seus últimos vinte e três anos de vida internada num manicômio. Sua trajetória faz dela uma das primeiras feministas da História, o que veio à inspirar Charles Baudelaire⁵ em "*Les Fleurs du Mal*" ("*As Flores do mal*") e Sarah Bernhardt que interpretou seu papel e lhe deu voz nos teatros ocidentais (JACOB, 2008). Muitas outras mulheres que enfrentaram combates pela revolução, como Olympe de Gouges, Claire Lacombe, Pauline Leon, Marie Deschamps, dentre outras, foram guilhotinadas e/ou presas pelos seus opositores (JACOB, 2008).

Um estudo recente da pesquisadora feminista Nancy Cott, recoloca o feminismo em um contexto histórico e demonstra que, no seu sentido atual, esta palavra só começou a ser utilizada na América no primeiro decênio do século XX. A "definição operacional" que ela propõe é funcional e abrangente - seus três componentes são: 1. a defesa da igualdade dos sexos ou oposição

⁵ Além de ser evidentemente, um precursor de todos os grandes poetas simbolistas, Baudelaire é considerado pela maior parte dos críticos como o mais provável fundador da poesia dita moderna. Isto deve-se ao fato de que através da percepção do real, chegava sempre a um correlato objetivo para o sentimento que desejasse expressar. Respondendo à pergunta, por ele mesmo formulada, sobre o que seria uma arte pura, conclui: "É criar uma mágica sugestiva, contendo a um só tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista e o próprio artista." É através, naturalmente, dos sentidos, que Baudelaire apreende a realidade concreta. A mesma maneira de encarar a arte que o torna um precursor dos poetas do fim do século XIX o faz ser considerado o pai da poesia moderna.

à hierarquia dos sexos; 2. o reconhecimento de que a "condição das mulheres é construída socialmente, [...] historicamente determinada pelos usos sociais.";3. a identificação com as mulheres enquanto grupo social e o apoio a elas.

No que tange ao contexto brasileiro a história é também herdeira de uma configuração política, mas relativamente poucas histórias têm uma ligação tão forte com uma proposta de transformação e de ação como a história das mulheres. Quer as historiadoras tenham sido ou não membros de organizações feministas ou de grupos de conscientização, quer elas se definissem ou não como feministas, seus trabalhos não foram menos marcados pelo movimento feminista de 1970 e 1980⁶. Foi durante a ditadura militar, quando existiam torturas a presos políticos, a homens, mulheres e crianças supostamente participantes de movimentos políticos, que o movimento feminista foi capaz de produzir uma série de argumentos indicando as ligações da violência contra a pessoa e contra as mulheres na esfera doméstica.

O movimento de mulheres nos anos 70⁷ trouxe uma nova versão da mulher brasileira, que vai às ruas em defesa de seus direitos e necessidades e que realiza enormes manifestações de denúncia das desigualdades. Concordo com Alvarez quando afirma que, ironicamente, as regras autoritárias dos militares, que tinham por intenção despolitizar e restringir os direitos dos cidadãos e cidadãs teve como consequência a mobilização das mulheres, geralmente marginais na política (ALVAREZ, 1990).

⁶ Argumenta-se que, embora influenciado pelas experiências europeias e estadunidenses, o início do feminismo brasileiro dos anos 1970 foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país, desde o golpe militar de 1964. Uma parte expressiva dos grupos feministas estava articulada a organizações de influência marxista, clandestinas à época, e fortemente comprometida com a oposição à ditadura militar, o que imprimiu ao movimento características próprias.

⁷ Algumas autoras citam o movimento que emergiu no Brasil como talvez o mais amplo, maior, mais diverso, mais radical e o movimento de maior influência dos movimentos de mulheres da América Latina. (STERNBACH et alii, 1992, p. 414).

Embora o feminismo comporte uma pluralidade de manifestações, cabe ressaltar a particularidade da articulação da experiência feminista brasileira com o momento histórico e político no qual se desenvolveu, já que representou um movimento emergente que foi, em muitos momentos, velado pelo olhar androcêntrico daquela época e, ainda hoje, enfrenta restrições. Naquele período histórico, símbolos femininos sejam na arte, mitologia, história ou revoluções não diziam muito para a população brasileira. Nesse aspecto, a heroicização de feitos históricos sempre representou uma categoria destinada ao masculino, no mundo falocêntrico (OLIVEIRA, 2004).

De qualquer maneira, os vários exemplos citados na mitologia, e na história, ilustram como a figura feminina sempre apareceu inserida nas contradições da história. Após a Revolução Francesa, por exemplo, as mulheres foram impedidas da sua participação política e as organizações femininas foram proibidas e fechadas. No Brasil, não foi muito diferente, a participação política da mulher só ocorre com a constituição de 1934, por meio da extensão do voto concedido à mulher. Nessas circunstâncias, o Ano Internacional da Mulher em 1975, oficialmente declarado pela ONU, propicia o cenário que permite a visibilidade do movimento feminista. O reconhecimento oficial da ONU pela questão da mulher, como problema social favoreceu a criação de uma fachada para um movimento, que ainda atuava nos bastidores da clandestinidade, abrindo espaço para a formação de grupos políticos nacionais de mulheres que passaram a existir abertamente, como o *Brasil Mulher*, o *Nós Mulheres*, o *Movimento Feminino pela Anistia em Minas Gerais*.

A ampla bibliografia sobre o assunto já apontou as especificidades do feminismo brasileiro, nascido nesse contexto (SCHMINK, 1981; GOLDBERG, 1982a, 1982b; COSTA, BARROSO; SARTI, 1985; MORAES, 1985, 1996; Heloisa PONTES, 1986; COSTA, 1988; SARTI, 1989a, 2001; ALVAREZ, 1990). Iniciado nas

camadas médias⁸, o feminismo brasileiro, que se chamava “movimento de mulheres”, expandiu-se através de uma articulação peculiar com as camadas populares e suas organizações de bairro, constituindo-se em um movimento interclasses (SCHMINK, 1981).

Essa atuação conjunta marcou o movimento de mulheres no Brasil e deu-lhe coloração própria. Envolveu, em primeiro lugar, uma delicada relação com a Igreja Católica, a qual representava um importante foco de oposição ao regime militar. As organizações femininas de bairro ganham força como parte do trabalho pastoral inspirado na Teologia da Libertação. Isso colocou os grupos feministas em permanente enfrentamento com a Igreja que buscava alcançar uma hegemonia dentro dos grupos populares, nas suas práticas catequistas. O tom predominante, entretanto, foi o de uma política de alianças entre o feminismo, que buscava explicitar as questões de gênero, os grupos de esquerda e a Igreja Católica, todos navegando contra a corrente do regime autoritário.

O feminismo, como ideologia, ficou restrito apenas a um setor do movimento de mulheres. Alegando a prioridade de combater o autoritarismo e as desigualdades existentes na sociedade brasileira, algumas tendências relegavam a um plano secundário a problemática feminista, expressando o que Costa (1988) chamou de natureza híbrida das manifestações de rebeldia das mulheres brasileiras.

De todo modo, a forma contraditória como a Modernidade tratou a mulher se caracteriza pela constituição desse período histórico marcado ainda pela vigência do patriarcado, enquanto discurso normativo.

[...] há duas tarefas cada vez mais urgentes que se apresentam à história das mulheres: produzir não

⁸ Segmento social no qual se situavam as mulheres que tiveram acesso à educação universitária e ao estilo de vida propiciado pela modernização excludente, que caracterizou o desenvolvimento social e econômico brasileiro a partir da década de 1950.

somente estudos descritivos e interpretativos, mas também estudos que resolvam problemas analíticos, e vincular as descobertas decorrentes desses às questões gerais que há muito estão postas à história (TILLY, 1990, p.29).

Escrever uma história acerca da experiência de mulheres, inscrita nos Estudos Feministas e de Gênero de matriz pós-moderna⁹, representa um desafio que demanda não apenas a escolha de um *corpus* documental, mas, sobretudo, de um quadro teórico-metodológico específico para referenciar minhas reflexões. Dessa forma, não poderia deixar de citar a releitura que fiz das obras de Simone de Beauvoir, na qual identifiquei textos que apontam para a descoberta da existência como metapergunta, como uma indagação acerca da condição humana que problematiza a própria consciência e a possibilidade de seu perguntar. É no intento de vasculhar arquétipos e estigmas da mesmidade em que se assenta a nossa cultura que seu pensamento merece ser ressaltado, sobretudo no que concerne às análises sobre o ser-mulher em sua dimensão de alteridade no contexto cultural do Ocidente. Ao trazer para o horizonte da filosofia a figura do feminino, Beauvoir rompe com a presumida neutralidade e universalidade dos cânones da tradição metafísica¹⁰.

Como ressalta Françoise Rétif (1998), Beauvoir ocupa um lugar *difícil* e mesmo *ambíguo* na linhagem dos filósofos, na medida em que tenta a “articulação da tradição e do futuro”. Isso é

⁹ Compreendo por Estudos Feministas e de Gênero de matriz pós-moderna ao conjunto de autoras que incorporaram conceitos oriundos de pensadores pós-modernos como Foucault, Deleuze, Derrida, dentre outros. Algumas expressões desta perspectiva reúnem autoras como Judith Butler, Teresa de Lauretis, Joan Scott, Michelle Perrot, Jane Flax, Sandra Harding, Diva Muniz, Tânia Navarro Swain, Margareth Rago. Embora o termo pós-modernidade apresenta características polissêmicas e representa uma categoria em construção no campo científico; também entendo que constitui uma demarcação importante que propõe romper com as prescrições deterministas e certezas instituídas pela modernidade.

¹⁰ Pensar metafisicamente é pensar, sem arbitrariedade nem dogmatismo, nos mais básicos problemas da existência. Com efeito, seria provavelmente válido afirmar que o fruto do pensamento metafísico não é o conhecimento, mas o entendimento.

válido para livro *O segundo sexo*, publicado em 1949, mas também para o conjunto de sua obra, em que, dialeticamente, os ensaios conceituais se somam às práticas de uma intelectual engajada. Pensar o idêntico e o contraditório; o igual e o diferente, num mesmo plano valorativo, representa o seu grande desafio teórico-político.

Para Beauvoir, a querela entre os gêneros que ela denomina, em *O segundo sexo*, de “relação dos dois sexos” – pressupõe a indagação sobre aquilo *que é* próprio de cada um. Assim, antes de tudo, para além de toda síntese, há de se perguntar: o *que é ser-mulher*? Não seria algo determinado por um conjunto de fatores culturais que fazem dela um ser atrelado a imposições ditas *naturais*, que, todavia, não passam de sociais e morais? Um ser em contínua minoridade, por se sujeitar, inclusive, a ser *cúmplice* de sua própria desigualdade?

Diante do cenário que vivemos atualmente, as afirmações do professor Pedro Paulo de Oliveira, em seu livro, *A Construção Social da Masculinidade*, podem ser utilizadas como lente para ampliar as discussões e reflexões apontadas acima, quanto aos paradoxos comportamentais da mulher. Segundo este autor “a posição da mulher na sociedade contemporânea tende a ser cada vez mais aproximada da posição masculina” (OLIVEIRA, 2004, p.11). Isso porque as atividades laborais, por exemplo, cada vez menos requerem especificidades vinculadas ao sexo biológico e podemos perceber uma crescente inserção de mulheres em atividades antes destinadas apenas aos homens. Um problema é o fato, já constatado, de que agora, além de produtivas no mercado de trabalho, elas continuam a exercer boa parte das funções domésticas, o que algumas feministas chamam de dupla jornada. “Não há um tipo único de mulher que emerge desta forma de sociabilidade, ou seja, cada vez mais veremos a possibilidade de se ter agentes femininos de tipos variados” (OLIVEIRA, 2004, p.22).

Não podemos nunca esquecer, no entanto, que a lógica social tende a reproduzir um modelo de feminilidade, instaurado pelo modelo patriarcal burguês, em que a ideia de fragilidade e de objeto no mercado matrimonial continua a orientar os comportamentos hegemônicos, permitindo que o paradigma da feminilidade, centrado em características como a delicadeza, vaidade e emotividade, entre outras, continue a imperar, mesmo que contestado por outros modelos diferentes que não se enquadram nesse molde, os quais, muitas vezes, permanecem invisíveis.

Frente a isso, o que me levou a focalizar especificamente as adolescentes¹¹ e jovens na faixa etária entre 12 e 29 anos, foi perceber que a identidade feminina compartilhada por mulheres, defendida por algumas vertentes feministas, não pode ser tratada de maneira uniforme. Como ressalta Butler (1999), o esforço de se forjar um conceito de mulher estável, compartilhado de forma generalizada persistiu dentro de várias vertentes feministas. A identidade feminina compartilhada por todas as mulheres bem como a opressão masculina esquece a importância de outras formas de dominação. Não se pode determinar um grau de importância entre a opressão de sexo, classe, raça, opção sexual ou qualquer outra, na medida em que há interseção entre elas, e tal fato é evidente na realidade brasileira. Nesse sentido, também não é adequado defender uma identidade feminina compartilhada por todas as mulheres, pois essa identidade é mais um mecanismo de padronização da conduta da mulher¹².

¹¹ De acordo com o art. 2º, do ECA: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

¹² É interessante observar que na verdade a defesa de uma feminilidade inata, de uma essência tipicamente feminina passiva, pacífica e moralmente superior representada nas e pelas mulheres é um mecanismo que também serve para não somente estabelecer uma conduta específica para mulheres que seja socialmente adequada e correta, como também para responsabilizá-la de forma mais intensa, na medida em que ela representa e carrega a honra e a reputação dela e da família ou da comunidade, enquanto que

A história cultural dessas jovens meninas/mulheres de bairros favelizados nos diz de outras tantas feminilidades; mas quem são elas? É necessário realizar críticas às identidades, que instauram a naturalização e imobilizam os movimentos, para que o feminismo possa surgir fundado em pilares diferentes e se libertar da construção de uma única identidade, um modelo de mulher que exclua as demais.

Sendo assim, no próximo item discuto o lazer como uma necessidade humana e como direito de meninas/mulheres que participam deste estudo, no intuito de revelar o reconhecimento das suas singularidades.

2.4 Lazer, Violência e Contexto Histórico-Cultural

O reconhecimento das meninas/mulheres pesquisadas como seres capazes de recriar a própria vida produziu, neste estudo um olhar distinto das visões lineares impostas pela ciência clássica. Nesse aspecto, Perrot (2005, p.274) afirma que as mulheres, utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados, elaboraram, às vezes, contrapoderes que podiam subverter os papéis aparentes. Há abundantes imagens de mulheres resplandcentes, de avós reinando sobre sua linhagem, de mães “abusivas”, de donas-de-casa autoritárias que dirigem seus empregados, donas de casas populares que os homens chamam de “a burguesa” porque lhes entregam seu pagamento e elas controlam seus lazeres, mulheres cotidianas ou excepcionais que investem sobre a vida diária ou o social.

o homem seria somente responsável pela sua própria honra. Sendo assim, qualquer conduta praticada por uma mulher que viole as regras sociais e morais de uma comunidade passa a ter uma gravidade maior do que a mesma violação cometida por um homem, afinal, a natureza ou a essência dela seria mais passiva e pacífica. Esse tema é muito bem trabalhado pela autora Carol Pateman, especialmente quando trata do contratualismo de Rousseau. Cf. PATEMAN, Carol. *The sexual contract*.

A autora afirma o poder exercido por mulheres no século XIX, e expande sua afirmação provavelmente para todos os tempos, ressaltando que as mulheres não foram apenas vítimas ou sujeitos passivos.

Todavia, lidar com a questão do lazer enquanto direito¹³ também das meninas/mulheres de bairros populares favelizados significa reconhecer o seu antagonismo; ou seja, o não direito desse sujeito, por ser-mulher, negra, parda e pobre. Diante dessa contradição me pus em contato com a questão da violência, como uma linguagem do corpo feminino; talvez desconhecida por elas mesmas.

Nesse aspecto, a importância de um tempo/lugar conquistado para usufruir de momentos que possibilitem viver o ócio, o descanso, o entretenimento, as brincadeiras, as diversões, e demais direitos sociais, constituem dimensões de uma vida cidadã. No entanto, no contexto de uma sociedade industrial e capitalista, observamos que o lazer desenvolveu uma conotação distorcida, já que passou a representar um tempo de reposição das forças para a exploração do trabalho humano, estabelecendo relações hierárquicas e dicotômicas entre trabalho e lazer. No entanto, para Dumazedier (2001) o lazer atual surge como consequência do desenvolvimento das grandes indústrias do início do séc. XIX, diferentemente do antigo ritmo de trabalho regido pelas estações, o qual provocou mudanças no mundo do trabalho, da família e da cultura.

De todo modo, não compartilho da ideia de que o lazer se contrapõe ao trabalho de forma dicotômica como se fosse o não trabalho. Nesse sentido, concebo que se trata de uma dimensão ontológica do ser humano que integra as atividades humanas de uma maneira dialógica, tensionando o trabalho, por meio de uma configuração peculiar. Essa concepção foca suas bases na busca

¹³ Constituição Brasileira, no parágrafo terceiro do art. 217, estabelece que “O poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social”.

pela excitação, pelas fortes emoções que sempre estiveram presentes na vida das pessoas e que se tornaram cada vez mais reprimidas nas sociedades atuais (ELIAS, 1992). Esses aspectos me remeteram para as baladas funk, espaço de fruição de lazer de meninas/mulheres, reprimidas ainda por grande parte da sociedade capitalista burguesa.

Para tanto, o lazer é compreendido aqui como uma dimensão da cultura. Nesse sentido, o lazer é caracterizado pelos momentos de diversão por meio de manifestações culturais no tempo/espço social que dialogam e sofrem interferências das demais esferas da vida em sociedade e nos permitem ressignificar, simbólica e continuamente, a cultura (GOMES e MELLO, 2008, 2010a, 2010b). A diversão representa, neste estudo, uma construção cultural cerceada por vários fatores, tais como normas políticas e sociais, princípios morais, condições concretas de existência, códigos de convivência, dentre outras dimensões, como a interseccionalidade¹⁴ que contribuiu para analisar a feminização nos bailes funk.

¹⁴ No que se refere à relação entre gênero, sexualidade e raça, Butler assume uma posição ambivalente. Ela afirma reiteradamente a necessidade de analisar essa relação. Em *Gender Trouble* (1990) alega que gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Essas interseções não poderiam ser hierarquizadas nos termos de alguma condição primária de opressão. Contudo, ela só realiza uma tentativa de análise articulando esse conjunto de diferenças em um capítulo de uma obra posterior, *Bodies that Matter* (1993). Nesse livro, a autora considera sexo e raça como efeito de regimes de produção reguladora que operam na produção dos contornos corporais. Além de contestar a idéia de que a diferença sexual seja a diferença da qual podem ser derivadas as outras diferenças, Judith Butler afirma que a reprodução da heterossexualidade assume formas diferentes segundo a forma como se entendam a raça e a reprodução da raça. Segundo Crenshaw, as interseccionalidades são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo. Essa noção de 'interação' entre formas de subordinação possibilitaria superar a noção de superposição de opressões. Por exemplo, a ideia de que uma mulher negra é duplamente oprimida, à opressão por ser mulher deve ser adicionada a opressão por ser negra. A interseccionalidade trataria da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, confluindo e, nessas confluências constituiriam aspectos ativos do desempoderamento. A imagem que ela oferece é a de diversas avenidas, em cada uma das quais circula um desses eixos de opressão. Em certos lugares, as avenidas se cruzam, e a mulher que se encontra

Sendo assim, nesta esfera marcada por distintos fatores, a noção de articulação e interseccionalidades apresenta uma leitura ampla das políticas de agência e estão presentes no trabalho de Brah (2006), o qual rejeita parcialmente o conceito de patriarcado, preferindo pensar em relações patriarcais nos casos específicos em que as mulheres ocupam posições subordinadas. Essa autora, após uma trajetória delineada pelo deslocamento por diversos contextos, se envolveu em um trabalho com a articulação entre gênero, raça, etnicidade e sexualidade, no feminismo negro, na Inglaterra¹⁵. A proposta de Avtar Brah é trabalhar, não com gênero como categoria analítica, como, por exemplo, Scott, mas com a *'diferença'* como categoria analítica. Essa ideia remete à análise de como as formas específicas de discursos sobre a diferença se constituem e são contestados, reproduzidos e (re)significados, pensando na diferença como experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade. A autora afirma que há discursos que apresentam as diferenças de modo estanque, como o racismo e estereótipos, os quais simulam limites fixos. Entretanto, outras diferenças podem ser apresentadas como relacionais e contingentes. Como a diferença nem sempre é um marcador de hierarquia nem de opressão, torna-se necessário indagar, de maneira recorrente, se a diferença remete à desigualdade, opressão, exploração. Ou, ao contrário, se a diferença remete a igualitarismo, diversidade, ou a formas democráticas de ser-mulher.

Diante dessa complexidade de fatores que integra aspectos ontológicos, bem como, relações étnico-raciais, de gênero e de classe, dentre outras dimensões, nos cabe discutir as tensões

no entrecruzamento tem que enfrentar simultaneamente os fluxos que confluem, oprimindo-a (CRENSHAW, 2002, p.171-189).

¹⁵ Avtar Brah nasceu na Índia, cresceu em Uganda de onde fugiu com a família antes que Idi Amin expulsasse os asiáticos do país, estudou nos Estados Unidos e morou depois na Inglaterra, onde se envolveu nos movimentos feministas, antirracistas e nas tentativas socialistas de imaginar um mundo democrático.

geradas por experiências que envolvem práticas de lazer. Sendo assim, são atividades constituídas pelas tradições, pelos valores, pelos costumes e as contradições presentes em cada sociedade, como nos mostra Gebara

As relações entre lazer e o não-lazer tornam-se um equilíbrio entre tensões flutuantes. A função do lazer, se é que assim podemos nos expressar, não é liberar tensões compensatórias e sim, restaurar tensões agradáveis e desrotinizadoras, capazes de recuperar e integrar todas as esferas da vida. (GEBARA, 2002, p.85).

Nesse sentido, o conceito tradicional acerca do Lazer que associa essa manifestação humana a um mecanismo de fuga da realidade, provoca-me a realizar uma reflexão referente ao tema por meio de mais uma indagação: Que sentidos e significados são atribuídos ao tempo de lazer dessas meninas/mulheres de bairro popular, na baladas funk, inseridas em um espaço marcado pela criminalidade e a violência? Observa-se que essas emoções parecem ser potencializadas quando os indivíduos as experimentam em conjunto com outros que partilham das mesmas necessidades, provavelmente, como afirmam Elias e Dunning (1992, p.72), pelas “poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos” que a sociedade atual permite.

Nesse aspecto, um estudo realizado por Cecília Minayo (2011) com cerca de 3.200 jovens, de 15 a 19 anos, matriculados em escolas públicas e particulares de dez cidades (Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Florianópolis, Manaus, Porto Alegre, Porto Velho, Rio de Janeiro, Recife e Teresina), corroboraram para as análises dos resultados investigados neste estudo. A pesquisa de Minayo, por sua vez, deu origem ao livro intitulado *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Diante da publicação desse trabalho, a pesquisadora foi

indagada numa entrevista¹⁶ quanto à identificação de casos de violência praticada pelas meninas, na qual afirma que:

O livro todo, na verdade, trata de questões de gênero, na medida em que analisa relações entre os jovens. A pesquisa mostra que, em geral, as agressões praticadas pelos rapazes são mais cruéis e causam danos físicos maiores. Porém, a não ser no caso da violência sexual, que é predominantemente praticada pelos homens, os outros tipos são comuns para ambas as partes. É importante ressaltar que as violências físicas, sexuais e psicológicas vivenciadas ou praticadas pelos jovens, com frequência, ocorrem simultaneamente, indicando a necessidade de termos sempre em mente que não há características únicas e simplificadas que identifiquem uma pessoa como vítima ou agressora. Há, ao contrário, uma constante interseção de papéis entre vítimas e perpetradores, por parte tanto dos rapazes como das moças. No entanto, conceber que jovens de ambos os sexos, ao interagirem na relação afetiva, atuam de forma violenta não significa diminuir a importância da subordinação feminina. A violência contra a mulher no ambiente privado - incluindo-se os feminicídios - encontra-se entre as violações de direitos humanos mais comuns e entre os problemas sociais mais relevantes e com maiores repercussões sobre a saúde desse grupo social.¹⁷

Percebe-se que nesse discurso há uma tentativa de criar uma identidade de gênero baseada no sexo anatômico-biológico: um sujeito “mulher” que se contrapõe a um sujeito “homem”. Assim, na prática esse discurso de cunho *essencialista*¹⁸ reafirma a

¹⁶ Entrevista realizada pela Editora Fiocruz e publicada pela ENSP em 10/08/2011. Essa pesquisa foi a primeira, em nível nacional sobre a violência nas relações de gênero. Fiocruz e 09 universidades públicas. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portalenp/informe/materiaacessado> em: set. 2012.

¹⁷ Extraído de: <http://www.ensp.fiocruz.br/portalenp/informe/site/materia/detalhe/26884>, acessado em: set. 2012.

¹⁸ A obra do sociólogo Pedro Paulo de Oliveira A construção social da masculinidade (2004), que é uma versão de sua tese de doutorado, faz coro a esse movimento que procura tratar a masculinidade como uma categoria em constante construção social. Assinala que, nos séculos XVIII, XIX e parte do século XX, inúmeras características tidas como positivas a exemplo da valentia, firmeza, inteligência e imponência foram associadas ao ser masculino e vistas como qualidades sobre as quais a própria sociedade gostava de se autoprojetar. Em suas considerações finais almeja que sejam desatados os nós das conexões e das associações imediatamente projetadas na polarização entre o masculino e o feminino, tão frequentes nos julgamentos do senso comum. A superposição de ações violentas e características tidas como viris podem ser melhor compreendidas por meio dessa construção.

existência de uma natureza feminina e outra masculina, a qual gera uma perspectiva limitadora para entender o fenômeno, pautada numa visão heterossexista e biologizante, como observa o pesquisador Pedro Paulo de Oliveira:

Apesar de todas as mudanças socioestruturais e todos os movimentos que continuamente contestam a hegemonia masculina, esse lugar simbólico ainda é bastante valorizado e funciona como bússola de orientação para a construção de identidades em diversos segmentos sociais. (OLIVEIRA, 2004, p. 285)

Dessa forma, a pesquisa da socióloga Maria Cecília de Souza Minayo (2007), nos traz dados quantitativos de forma globalizada e homogeneizante, assinalando uma heterossexualidade padrão e predeterminada. Ao concordar com OLIVEIRA (2004), quanto à construção social da masculinidade e às imbricações entre violência de gênero, busco um caminho oposto, em meu estudo, ao tentar qualificar o quantitativo, no sentido de alcançar a subjetividade dos sujeitos envolvidos nessa trama social e histórica.

De todo modo, fica evidente a falta de pesquisas e debates acerca das mulheres populares que usufruem do espaço público, que transgridem a ordem e, além disso, ocupam e utilizam a rua sem reservas, como espaço de lazer.

Nesse aspecto, tornou-se relevante analisar os impactos dessas evidências na subjetividade das jovens meninas/mulheres e que significados e sentidos emergem das experiências, no contexto pesquisado. Essas mudanças configuracionais podem estar sinalizando, também, processos de empoderamento, por meios transgressores, como aponta a pesquisadora abaixo:

O termo [empoderamento] começou a ser usado pelo movimento de mulheres ainda nos anos setenta. Para as feministas o empoderamento compreende a alteração radical dos processos e estruturas que reduzem a posição de subordinada das mulheres como gênero. As mulheres tornam-se empoderadas através

da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais (LAGARDE, 1993 p.154).

Adotarei a proposta do conhecimento situado¹⁹ sugerido por Haraway (1995), que questiona posições falocêntricas baseadas na objetividade forte (HARDING, 1996) e reconhecedora de que os compromissos com os valores e projetos antiautoritários, antielitistas, participativos e emancipadores desconstruem visões objetivistas da ciência, já que apresentam caráter androcêntrico.

Em termos de contextos favoráveis à pesquisa e aos estudos dessas categorias *in loco*, Maffesoli (1985), propõe a socialidade na alteridade, ou seja, afirma que todo ser humano interage e interdepende sozinho, reafirmando sua existência do eu individual, possibilitada mediante o contato com o Outro. Esses momentos se dão na euforia dos grandes shows, em lazeres não usuais e principalmente nas festas *underground*.

Nessas práticas cotidianas, podemos observar características como enraizamento no presente hedonismo, valorização do lazer e da espiritualidade, associação entre razão e emoção, que privilegiam as intensas sensações dos engajamentos passageiros e estão presentes tanto nas sociedades arcaicas quanto nos grupos de jovens dos grandes centros e suas periferias (MAFESOLI, 1985, p.17).

¹⁹ Para Dona Haraway, os feminismos têm também como tarefa desmascarar as doutrinas de objetividade, (...) “porque elas ameaçavam nosso nascente sentimento de subjetividade e atuação histórica coletiva e nossas versões ‘corporificadas’ da verdade (...)” (HARAWAY, 1995 p.13). Haraway propõem uma versão feminista de objetividade que é o “conhecimento situado e corporificado”. Assim “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto” (HARAWAY, 1995, p.21). Essa perspectiva vai ao encontro da “política de localização”, de Rosi Braidotti, na sua tentativa de identificar pontos de saída dos esquemas falocêntricos de pensamento. Um desses pontos diz respeito à linguagem. Contra uma linguagem acadêmica, formal e tediosa, signo de “cientificismo”, Braidotti sugere mesclar deliberadamente o modo teórico com o poético e o lírico. Essa seria também uma das maneiras de deslocamento da linguagem falocêntrica em que formas formadas.

E ainda na perspectiva crítica lançada por este autor acerca do aspecto gregário do hedonismo²⁰:

A “busca pelo prazer que se esgota no ato, por meio da sucessão de instantes intensos”, paradoxalmente “permite que a vida social se estruture. Neste sentido o lazer vem sendo refúgio privilegiado do hedonismo, no qual os ritmos muito breves e acelerados não criam nada a que se apegar senão a própria vivência, que se basta por si mesma (MAFESOLI, 1985, p.21).

Diante dos argumentos apresentados, indico que, neste estudo, não tenho a intenção de realizar uma pesquisa tendo como eixo exclusivo a categoria, gênero, já que também, tomo como base o aporte teórico pós-estruturalista, de Judith Butler da *desconstrução*²¹ e *performatividade*²², no intuito de apontar uma discussão urgente e necessária quanto à subjetividade da mulher popular frente à opressão. Tais articulações adquiriram formação e deformação que vêm se apresentando impregnadas de violência, relações de poder e subjugação. Portanto, mapear as tensões que emergem do sujeito feminino em momentos de lazer, que chegam a se configurar em alguns casos como atos infracionais, foi meu

²⁰ Doutrina moral que considera ser o prazer a finalidade da vida: há pessoas que professam naturalmente o hedonismo. O termo hedonismo vem de uma palavra grega que significa prazer. Na Grécia antiga, epicuristas e cirenaicos baseavam suas teorias éticas na ideia de que o prazer é o maior bem. Mas os epicuristas acreditavam que os homens devem buscar os prazeres da mente, e não os prazeres do corpo. Achavam que o sábio evita os prazeres que mais tarde podem lhe causar dor. (JAPIASSU,H.;MARCONDES,D.1993)

²¹ Teoria que busca uma desconstrução das configurações de identidade de gênero e propõe um pensamento abrangente, que ao deslocar-se da análise recorrente da questão relacionada a homem e mulher, inclui na questão os indivíduos inadequados ao ideal normativo. O objetivo de Butler é indicar uma incapacidade de coerência da identidade de gênero, que, se pensada em uma estrutura binária e linear, pressupõe uma necessidade de ajuste à norma por parte daqueles que não se enquadram em tais estruturas. (Revista Estudos Feministas - vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002).

²² Este olhar pós-estruturalista, baseado também em Nietzsche, é necessariamente nihilista por negar a essência ou um ser que exista previamente às nossas representações e as determine a priori. Tanto o homossexual ou a drag queen interpretam um ideal de masculinidade/feminilidade sem nenhuma possibilidade de se chegar ao original quanto um heterossexual ao se vestir/fantasiar de homem ou mulher. Na verdade, está interpretando ideais de gênero e necessariamente representando, não dando vazão a nenhum instinto ou natureza. (MARTIN, 1992, p.103)

objetivo de estudo. Ao invés de quantificar a violência, concentrei-me nas análises e interpretações frente à capacidade de praticar uma transgressão, tendo em vista o contexto histórico-cultural em que estão inseridos os sujeitos da pesquisa.

Além disso, procurei não esquecer a advertência de Barret ; Phillips (1992), de que, ao criticar a ciência moderna, não esqueçamos que a teoria feminista também é fruto da modernidade, com forte tendência a dicotomizar. Aliado a isso, tentei aqui resgatar a recomendação de Bila Sorj (1992) que ao, avaliar o feminismo na encruzilhada entre a modernidade e a pós-modernidade, sugere às feministas modernas que encontrem antídoto para tendências totalizadoras e até intolerantes no discurso pós-moderno, e, ao mesmo tempo, aconselha as “pós-modernistas” a reconhecerem a importância da trajetória da modernidade como campo unificado do social que continua presente e que demanda esforços na identificação e denominadores comuns, além da afirmação de particularidades.

Nesse contexto, o feminismo vem utilizando, preferencialmente, ferramentas metodológicas que propiciem uma análise qualitativa dos dados, a exemplo da escuta, observação de posturas e verificação de registros históricos.

Dentre essas estratégias metodológicas, por meio de uma concepção histórico-cultural, a categoria atividade representa um conceito-chave explicativo do processo de mediação. A atividade mediatiza a relação entre o sujeito e a realidade objetiva (LEONTIEV, 1990; VYGOTSKY, 1984). De acordo com Duarte (2000), para Marx, o trabalho representa uma atividade que distingue o ser social do ser natural, a formação do sujeito enquanto ser histórico, social e cultural. Ele abarca três importantes aspectos: a de ser uma atividade consciente dirigida por um fim previamente estabelecido, de ser mediatizado por instrumentos e de se materializar em um produto social.

Tais pressupostos estão presentes nas construções tanto de Vygotski quanto de Leontiev, sendo essenciais no desenvolvimento de suas pesquisas e teorias. O último aspecto salienta que o produto final da atividade não é mais um objeto inteiramente natural, mas um produto que é uma objetivação da atividade e do pensamento do ser humano. O processo dessa produção objetiva no ser humano é, ao mesmo tempo, subjetiva, no sentido de que o resultado da atividade é tanto a produção de uma realidade humanizada quanto a humanização do sujeito que a empreende. Sob este enfoque, Góis conclui que “a atividade humana é a condição mediatizadora pela qual se realiza o processo de hominização (filogênese e ontogênese), humanização (sociogênese) e construção do sujeito (microgênese)” (GÓIS, 2005, p.78).

Nesta pesquisa, o conceito de atividade, lazer e seus desdobramentos no cotidiano de jovens meninas/mulheres de bairros populares, estarão imbricados, com a microgênese, o que reforça uma concepção histórico-cultural. O ser humano não reage mecanicamente aos estímulos do meio; ao contrário, pela sua atividade, põe-se em contato com os objetos e fenômenos do mundo circundante, atua sobre eles e transforma-os, transformando também a si mesmo. Assim, não podemos negligenciar a singularidade, a subjetividade e a história de vida dessas jovens meninas/mulheres. Centrada na categoria teórica da atividade, que surgiu como desdobramento da concepção histórico-cultural e foi desenvolvida por Leontiev (1903-1979), depois por seus seguidores.

Leontiev investigou a atividade a fim de demonstrar que o desenvolvimento psíquico humano encontra sua expressão na atividade psíquica como forma peculiar de atividade humana, “como um produto e um derivado da vida material, da vida externa, que se transforma em atividade da consciência” (LEONTIEV apud GOLDBER, 2002, p. 52).

Diante disso, estabeleci como objetivo averiguar as tensões que emergem do sujeito feminino em momentos de lazer, no intuito de investigar o perfil da jovem menina/mulher funkeira moradora do Conjunto Morro Alto, em Vespasiano - Minas Gerais; ou seja, captar os distintos significados e sentidos atribuídos a esse tipo de atividade no processo de construção social das suas feminilidades.

A questão das baladas funk enquanto *ethos* do lazer será levantada, aqui, porque é no chamado “tempo livre” que nós possuímos uma maior autonomia e flexibilidade para expressar nossos anseios e vínculos de sociabilidade. Outra forma de olhar para essa questão, é ver o lazer como um tempo em que as restrições que governam o nosso comportamento em outras áreas da vida, como o trabalho, a escola e até a família, são muitas vezes atenuadas. Sobre isso, Santini (1993) descreve uma segunda diferenciação, que serviu como mais uma lente neste estudo:

(...) a diferença entre lazer e recreação consiste no fato de que no lazer o indivíduo possui liberdade de escolha e na recreação as atividades são estruturadas, seja de aspectos físicos, psicológicos ou sociais. (SANTINI, 1993, p.24-25).

De acordo com Andrade, o lazer apresenta um fenômeno “positivo em termos psicológicos e físicos, financeiros e econômicos, porque, por sua natureza, visa a integralidade de cada criatura no todo cósmico” (ANDRADE, 2001, p. 141). Isto é, aproxima culturas e maneiras de ser e agir.

Diante desse enfoque, o que Durkheim (1960) chamou de consciência coletiva, o sistema de regulação moral que carregamos, não é eliminado nas formas e práticas de lazer, mas pode ser expandido significativamente. Nesses momentos, podemos construir a oportunidade de estarmos mais relaxados para assumir um comportamento que nos satisfaça e nos realize, como salienta Rojek:

Achamos difícil discutir o lazer em termos negativos. Não é fácil para nós que este possa ser para muitos um tempo de violência e quebra de regras ou de tédio. Parece haver uma ideologia que faz associações positivas fortes às formas e práticas de lazer. Sabemos que há uma afinidade eletiva entre o crime e o lazer. Uma pesquisa de Wolfgang, logo na década de 1950, mostrou que os índices de criminalidade aumentam nas sextas-feiras e atingem o seu pico nos fins de semana. Isto é, quando as pessoas têm mais tempo para estar em bares e clubes, ir às compras e libertar-se da disciplina do trabalho. Sabemos que os crimes contra o patrimônio, o abuso de drogas e de álcool e a violência estão todos concentrados no tempo de lazer. (ROJEK, 2011, p.140)

No contexto das galeras funk, o lazer não ocorre de forma díspare, já que é fundamental possuir atributos corporais necessários à luta com as adversárias. As falas explícitas sobre a “disposição para brigar” assim como o clima de jocosidade e agressão e o gosto pelo desafio que caracterizam essa forma de ação juvenil, parecem ser maneiras de afirmar elementos centrais de um estilo feminino violento na esfera do lazer. O divertimento e o ethos guerreiro (UDE, 2007) estão presentes nos Bondes²³ femininos pesquisados. Nesse aspecto, me propus a analisar os tipos de bailes em um bairro favelizado; a rua como espaço de sociabilidades, considerando o papel que eles desempenham na produção e reprodução desse estilo feminino de ser. A intenção deste trabalho acadêmico foi mostrar que esse movimento acontece em grande escala em nosso país, e que faz parte daquilo que denominamos realidade social brasileira.

²³ Bonde é também uma gíria usada nos bairros da periferia, especialmente no Rio de Janeiro, e serve para designar grupos de amigos que estão sempre juntos, além de ser um termo muito utilizado em letras de funk e nomes, por exemplo, bandas como Bonde do Tigrão, Bonde do Funk, e etc. As pessoas tornam-se conhecidas por serem membros de um determinado bonde, e geralmente há rixas entre eles.

Sendo assim, no próximo item, discuto a condição de meninas/mulheres que fazem parte deste estudo, no intuito de evidenciar suas singularidades e construções sociais.

2.5 Juventudes travestidas de Meninas/Mulheres: condição ou processo?

Para iniciar essa discussão cito um comentário de Magda Guadalupe dos Santos²⁴ quando se refere ao pensamento de Simone de Beauvoir:

Pensar a autonomia, pensar a liberdade, explicar porque o feminino foi transformado em condição menor, em o *outro* da cultura, é tentar vasculhar uma trajetória de descompassos e subterfúgios crivados temporalmente. Repensar essa trajetória implica tentar modificá-la e buscar instaurar o lugar da reciprocidade no contexto das relações humanas, compreendendo *alteridade* e *identidade* num mesmo patamar axiológico (SANTOS, 2009, p.61)

Sua preocupação com os paradoxos do *ser-mulher*, que envolvem a condição feminina e os acontecimentos que ordenam o tempo, amplia a dimensão do conceito de humanidade e propõe a indagação acerca da permanência de paradigmas históricos que ainda prevalecem, segundo os quais a racionalidade e a normalidade se apresentam sob a feição do masculino, enquanto a irracionalidade e a patologia são estigmatizadas na esfera própria do feminino. Os apontamentos de Beauvoir são sempre atuais, comprovando que o discurso supostamente *neutro* da filosofia e das ciências necessita constantemente de revisão. Isto, para não cair em lugares-comuns, relegando o *Outro*, o *diferente*, a uma instância

²⁴ SANTOS, Magda Guadalupe dos. Beauvoir e os paradoxos femininos. Cult, a. 12, n. 133, março/2009, p. 61.

de solidão, em que cada sujeito fala sozinho num mundo de solitários (indivíduos jovens) travestidos de masculino e de feminino.

Nesse aspecto, a noção de juventude foi construída na modernidade num contexto marcado pelo ideal burguês europeu, de acordo com uma temporalidade prescrita segundo os interesses da classe dominante. O sociólogo Cavalli (1980), desenvolve uma interessante reflexão mostrando a relação entre classe social e o surgimento da juventude como fato social na sociedade europeia, na qual os modelos de socialização (instituições formalizadas) acreditam estar atuando na formação do caráter e das vontades. Dessa forma, é comum encontrarmos, tanto na população em geral quanto em trabalhos acadêmicos voltados ao público jovem, a ideia de uma divisão cronológica²⁵ da infância, adolescência e juventude. Esses trabalhos de forma objetiva procuram configurar, em sua maioria, políticas públicas, levantamentos estatísticos e aplicabilidade de leis, conforme etapas predefinidas de uma maneira universalizante. Nesse ponto, Carrano (2007) chama atenção para o caráter simplista dos critérios de denominação da adolescência e juventude pela faixa etária, uma vez que tais categorias ultrapassam as definições de idade, bem como, Ozella ; Aguiar (2008), que também discorrem sobre esta questão, afirmando a insuficiência nas definições que impõe limites cronológicos e/ou fisiológicos, alertando-nos: “O tempo linear, cronológico e contínuo é superado por um devir, um tempo que não se esgota em si mesmo” (FROTA, 2007, p. 154).

Diante desses breves apontamentos acerca do reconhecimento das juventudes, é possível perceber a

²⁵ Juridicamente, a adolescência é concebida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como período compreendido entre os 12 e os 18 anos. O ECA abre exceção para fins de cumprimento de medida socioeducativa para atender indivíduos de até 21 anos incompletos, se o ato que gerou a imposição da medida ocorreu antes que completasse 18 anos. A juventude é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como etapa compreendida entre os 15 e os 24 anos. Há um projeto de Estatuto da Juventude, já aprovado na Câmara dos Deputados que, caso seja adotado, utilizará o recorte da juventude entre 15 e 29 anos

complexidade de tal categorização, no universo feminino, no qual sua definição abarcaria uma investigação minuciosa. A ambiguidade e a indefinição sobre o conceito de jovem menina/mulher são algumas das características dessa situação de complexidade. Nesse aspecto, é recorrente que a categoria juventude feminina seja também definida por critérios relacionados com as ideias que vinculam a cronologia etária com a imaturidade psicológica. Além disso, a irresponsabilidade seria outro atributo da situação social de jovialidade, particularmente nas idades correspondentes à adolescência. Parece-me mais adequado, entretanto, compreender a juventude feminina como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais (CARRANO, 2007). Dessa forma, não pretendo aprofundar as questões referentes a essa categorização ou recuperar toda a discussão a esse respeito existente na literatura, o que fugiria ao propósito deste trabalho. Todavia, me propus a apenas localizar pontos de vista dentro das perspectivas existentes para a compreensão das feminilidades nas juventudes.

No presente estudo, considero a juventude feminina como construções histórico-culturais, relacionadas a interesses sociais e econômicos determinados, que variam ao longo do tempo e de acordo com a geograficidade²⁶. Ser jovem mulher está intrinsecamente ligado às relações sociais, aspectos econômicos e valores culturais vigentes em determinada época e território. Da mesma forma, não pretendo negar ou relativizar as especificidades da infância e da idade adulta, já que procurei apontar que elas não designam uma fixação linear natural ou universal. Ou seja, não

²⁶ Definida como uma "geografia vivida em ato" a partir da exploração do mundo e das ligações de cada ser humano com sua história-cultural. Dardel apud Nogueira ressalta que a "geograficidade refere-se a várias maneiras pelas quais sentimos e reconhecemos ambientes em todas as suas formas, refere-se ao relacionamento com os espaços e os lugares, paisagens construídas e naturais, moldadas e remodeladas, institucionalizadas e ilegais que servem de base e recursos para as habilidades do humano e para as quais há uma fixação existencial ou não" (DARDEL, apud NOGUEIRA, 2004, p. 14) .

estão presas a critérios rígidos de definição e não são vividas por todos da mesma forma.

Ao considerar esses pontos, tendo como fundamentação epistemológica o pensamento complexo, fica evidente que, tratando-se de um fenômeno que se expressa no âmbito de um grupo humano, estamos diante de uma realidade dinâmica e diversa, a qual apresenta uma capacidade recreativa admirável e, ao mesmo tempo, uma capacidade de permanecer em estados de equilíbrio relativamente estáveis de uma maneira fantástica. Essa constatação me levou a concordar com os dizeres de Ude (2005, p.73) quando nos leva a pensar que turbulências e crises²⁷ são processos inerentes ao movimento da vida, independentemente do sistema que se observa como também a possibilidade de se reequilibrar perante os percalços que ocorrem ao todo momento no nosso dia a dia.

Com o intuito de situar o sujeito feminino deste trabalho, que compreende as idades entre 12 e 29 anos, configurou-se a possibilidade para criar a categoria jovem menina/mulher. Não para enquadrá-las em mais um esquema de idades biológicas, mas sim, para entender melhor o processo de construção social das feminilidades nessa interseccionalidade, tão imbricados nesses dois tempos, como as atividades, as ações, as reações, as construções, as reconstruções e as subjetividades presentes nessa trama identitária, afinal, estamos tratando de jovens meninas/mulheres moradoras de um bairro popular favelizado.

Diante de tais considerações entendo a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se

²⁷ A noção de crise é utilizada não no sentido de uma ruptura, de caos, mas de mutações e recomposições profundas nas relações sociais, onde se esgotam modelos anteriores e ainda não estão delineadas as novas, como sugere MELUCCI (1991).

reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto (lugar) no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Nesse sentido, apresento no próximo item um breve histórico do funk no Brasil, bem como as matrizes que possibilitaram uma nova forma de ser funkeiro(a).

2.6 Breve histórico do Funk no Brasil

No Brasil²⁸, a origem do funk remonta aos anos 70, quando da proliferação dos chamados "bailes black" nas periferias dos grandes centros urbanos. Embalados pela *black music* americana, principalmente o *soul* e o funk, milhares de jovens encontraram nos bailes de finais de semana uma alternativa de lazer até então inexistente. Em cidades como o Rio de Janeiro ou São Paulo, formavam-se equipes de som que promoviam bailes que atraíam um número cada vez maior de jovens. Na esteira dos bailes funk, foi-se disseminando um estilo que buscava uma valorização da cultura negra, expressa tanto na música como nas roupas e nos penteados. Nesse aspecto, Vianna (1988), em seu livro intitulado *O mundo funk carioca*, afirma que, nessa época, cantores como Tony Tornado e Tim Maia passaram a integrar o funk brasileiro; embora as propostas vindas dos Estados Unidos chamassem mais a atenção dos integrantes do movimento. Além das batidas pesadas, o ritmo ganhou também uma versão mais lenta que passou a ser conhecido como "charme". Afirma ainda que, foi a partir da década de 1980, com os chamados melôs, que o funk passou a ganhar

²⁸ Consegui localizar poucos registros sobre a história do funk em Belo Horizonte, mas nenhum estudo sistemático. Na sua maioria foram reportagens esparsas, a partir dos anos 90, quase sempre noticiando algum evento local. Assim, esse resgate histórico foi realizado principalmente a partir de depoimentos colhidos entre as funkeiras, DJs e produtores culturais ligados ao estilo, bem como a tese de Juarez Dayrell.

maior expressão no cenário musical²⁹, apesar de os integrantes desse movimento ainda sofrerem preconceitos e críticas da sociedade carioca. Os melôs surgiram como uma forma de diálogo entre os Djs e o público, tendo em vista a dificuldade dos participantes do movimento em pronunciar o nome de muitas músicas que eram executadas nos bailes, pois a maior parte delas eram oriundas da língua inglesa. Ainda na década de 1980, de acordo com o autor, os melôs³⁰ receberam versões nacionais, como o *Melô da mulher feia*, título original *Do wah diddy*, do grupo Live Crew. A partir de então, surgem os melôs propriamente com letras em português.

*A danada da mulher tinha um bundão
E de longe o teco-teco parecia um avião
Que corpinho, que corpinho
Violão, violão
Mais a cara, mais a cara
Parecia um canhão
Mulher feia cheira mal como urubu
Eu sou feia mais não do pra qualquer um*

A matriz do funk reporta também à tradição musical africana, reelaborada na diáspora. Alguns estudos, como os de Sposito (1993), Silva (1998) e Tella (2000), buscam estabelecer conexões com a sonoridade africana baseada no ritmo e com a tradição oral dos "griots"³¹, que foram incorporados na experiência cultural dos afro-americanos através de uma série de práticas, entre

²⁹ De acordo com Yúdice (2004), na passagem da década de 1970 para 1980, enquanto o jovem da classe média do Rio de Janeiro ouvia rock, o jovem da periferia afastava-se um pouco do funk por achar que apenas o Hip Hop poderia dizer mais sobre as condições sociais deles. Houve um declínio da "consciência negra das galeras", embora os funkeiros ainda mantivessem estreitas relações com a música negra estadunidense.

³⁰ É uma das formas de nomear a música funk. É originária do Rio, onde os funkeiros adaptavam as músicas americanas na base da homofonia. A música que tinha como refrão "you talk too much", por exemplo, passou a ser conhecida como "Melô do tomate" (VIANA, 1997).

³¹ Segundo Silva, os griots referem-se a práticas existentes em algumas regiões da África onde uma casta de músicos se responsabiliza pela narrativa da história da sociedade, apoiados em um instrumento melódico, o kora.

elas o "toast"³². No início dos anos 80, a moda chegou a Belo Horizonte, que assistiu a uma proliferação de pequenos salões de dança nos mais diversos bairros da periferia, a maioria deles em quadras cobertas ou em escolas públicas que, nos finais de semana, transformavam-se no que se tornou conhecido como "som". O que dominava era o funk de James Brown, o *soul* melódico de Marvin Gaye e Billy Paul, e os metais de *Earth, Wind and Fire*, dentre outros. Havia diferentes tipos de "sons", como aqueles que funcionavam em locais próprios, amplos, com uma boa infraestrutura, cujos proprietários eram também os donos da aparelhagem, contratando os DJs para tocar. Foi o caso das Quadras do Vilarinho, na região de Venda Nova; do Chiodi, no bairro Industrial; e do Frangão, em Vespasiano.

Durante a semana, funcionavam como quadras cobertas e, nos finais de semana, transformavam-se em templos da música negra. Esses locais são reconhecidos como uma referência importante na história da difusão da música negra no Estado de Minas Gerais. Ainda em meados dos anos 80, começou a ser tocado nos bailes um tipo de funk mais pesado, com a presença de *scratches*, bateria e instrumentos eletrônicos, além de sintetizadores, criando um clima futurista. Era o rap de *Sugarhill Gang*, de *África Bambaataa*, anunciando uma nova moda que, logo depois, tornar-se-ia a febre do momento: o *break*. Popularizado pela mídia, principalmente pelos clipes de Michael Jackson, pelos filmes como *Flash Dance* e *Break Dance*, mas também por novelas como a abertura de *Partido Alto*, da TV Globo, o *break* passou a ser a dança do momento. Nesse contexto, os seus movimentos quebrados e a destreza corporal exigida faziam dos dançarinos a grande atração nos bailes.

³² O toast caracteriza-se pelo uso da linguagem das ruas e pela construção de narrativas e experiências que remetem à história de vida das camadas populares (TELLA, 2000).

A hierarquia entre os participantes desse movimento era definida pela destreza física. A constituição dos chefes dos grupos se estabelecia por aqueles que melhor incorporavam a dança e detinham maiores informações sobre o *break*. A identidade grupal se consolidava pela referência espacial e o gosto pela dança, as quais geravam sentimento de pertença. Todavia, a frequência a esses locais, na sua maioria, era constituída por jovens do sexo masculino.

Desse modo, de acordo com Essinger (2005), na década de 1980, no Rio de Janeiro os frequentadores dos bailes, sujeitos geralmente oriundos dos grandes aglomerados da Zona Norte e da Zona Oeste, andavam em grupos pelas ruas da periferia em busca de bailes funk que cobravam preços condizentes com a condição social da juventude habitante das periferias da cidade. O grande atrativo dos bailes eram as equipes de som, com todo o aparato de luzes e alto-falantes. O DJ era tratado como uma figura secundária ao baile, já que ele se apresentava de costas para o público. No entanto, posteriormente, sua posição foi resignificada, passou a ser o ponto central do baile, apresentando-se com dançarinas profissionais. Após esse período, o qual podemos chamar, de consolidação nacional, o funk encontrou espaços nunca antes imaginados, adentrando a televisão brasileira pela emissora de maior influência no país, e pela mão da então mais importante apresentadora da época:

O sonho dourado dos funkeiros se tornou realidade em junho de 1994, quando a apresentadora infantil Xuxa Meneguel inaugurou em seu programa de todo sábado, o *Xuxa Park*, o quadro *Xuxa Park Hits* – uma espécie de parada de sucessos, com a participação, em caráter experimental, do DJ Marlboro. Era mais ou menos como se o funk entrasse pela porta da frente da TV, com tapete vermelho. (...) Marlboro tanto fez, porém, que acabou virando atração fixa do *Xuxa Park Hits*, permanecendo no ar durante três anos (ESSINGER, 2005, pp. 135, 136).

Foi nessa fase de consolidação da produção nacional entre os anos de 1994 e 1995 que o funk produzido na periferia do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo enfrentou seu momento de maior desafio: lidar com o preconceito e a difamação por parte dos meios de comunicação, quando “o funk sofreu a maior perseguição e estigma da mídia, da polícia e dos “formadores de opinião”, que acenaram reiteradamente com os argumentos do pânico moral para analisar o fenômeno” (SÁ, 2009, p. 9). Nesse mesmo período, temos a máxima aproximação entre os jovens consumidores de funk e seus produtores: “O fato é que, nos primeiros meses de 1995, a aproximação da juventude do *asfalto* com o mundo funk já era uma realidade - e das mais vistosas, difícil de negar. A onda da garotada em busca de emoções ao menos aquelas que as boates da moda não podiam oferecer” (ESSINGER, 2005, p. 134).

Do mesmo modo, essa fase de sucessos é marcada pela associação entre a violência e o funk, o que figura em praticamente todos os trabalhos de pesquisa que pretendem abordar o tema de maneira mais aprofundada. A referência clássica a respeito da violência nos bailes é de Hermano Vianna, que descreve a origem do refrão “é o bicho, é o bicho” (VIANNA, 1988, p. 83). Segundo o pesquisador, o refrão surgiu durante um acerto de contas entre gangues de traficantes, que invadiram o baile, encapuzados, e assassinaram um dos dançarinos. Desde os episódios acontecidos no início da década de 1990, os quais desencadearam as possíveis associações entre o funk e as facções criminosas até o momento do lendário “arrastão”, em outubro de 1992, na praia do Arpoador, que o estigma da violência é relacionado ao funk. Hermano Vianna vê esse episódio como uma:

(...) tentativa das galeras de diferentes favelas cariocas (veja bem, eu não falo de galeras de funkeiros) de encenar na areia da praia o “teatro da violência” que inventaram nas pistas de dança de centenas de bailes

funk realizados semanalmente em quase todos os bairros da cidade (VIANNA, 2006, p. 2).

Nesse sentido, a entrada do funk na mídia pelos cadernos policiais, serviu também, para marcar o momento criminal que acontecia no início dos anos 90, quando

tristemente acompanhamos as chacinas da Candelária e de Vigário Geral, na qual, os arrastões ocorridos no Arpoador, foram identificados mais tarde como uma forma de resposta às autoridades da época, para o descontentamento com os ocorridos. Inegavelmente os funkeiros tiveram maior visibilidade (FACINA, 2009, p.5).

Entretanto, a violência desses eventos, associados ao cenário político da época, desencadearam um processo de medo em relação aos “funkeiros” por parte da elite carioca (MEDEIROS, 2006, p. 22), mas também é necessário ressaltar que:

(...) toda a campanha de estigmatização e a criação de uma onda de pânico moral em torno do funk de modo geral, mas principalmente o carioca, nos noticiários de TV e nas páginas da grande imprensa, acabou, de certa forma, contribuindo para que o estilo de vida e a produção cultural dos jovens funkeiros tenham exercido enorme fascínio entre grupos sociais situados muito além dos morros e domínios da cidade do Rio de Janeiro (FILHO ; HERSCHMANN, 2003, p. 62).

Desde então, a dimensão da festa, a relação entre o divertimento e a violência, representa uma questão recorrente nos trabalhos sobre juventude e música funk no Brasil. O trabalho de Cecchetto (1998), por exemplo, discute em seu artigo intitulado “*Galeras funk cariocas: os bailes e a constituição do ethos guerreiro*”, na qual, analisou como a configuração desses bailes contribuem para a produção e reprodução desse estilo masculino guerreiro presente na nossa cultura patriarcal:

Para conhecer uma galera funk, é preciso ter disposição para percorrer praças e recantos e até frequentar lugares não muito seguros da cidade (...) a tensão, o movimento, a catarse de emoções, o entusiasmo e as práticas violentas estão presentes na atuação dos integrantes das galeras de baile. São elementos que

aparecem como que imbricados numa só dinâmica, desencadeada, como afirmam os funkeiros, pela batida da música e complementada pela dança guerreira (CECCHETTO, 1998, p.156).

Influenciada por Vianna (1988), Fátima Cecchetto (1997) observa e enfatiza a relação entre os aspectos lúdicos e violento manifestos nos bailes funk cariocas. De todo modo, Cecchetto (1997) apresenta o mundo funk do Rio de Janeiro como um universo de sociabilidade de jovens pobres, suburbanos ou favelizados, distantes do Rio de Janeiro mais urbanizado e sofisticado. Nesse contexto, evidencia-se um mundo marcado pela presença de rapazes cuja afirmação da identidade masculina se mostra forjada através de um "ethos de virilidade" associado à violência. Dessa maneira, a violência no funk representa uma atribuição exterior estigmatizante, que constitui também um aspecto interno presente nos bailes, e nos seus rituais, os quais acionam a produção de territórios e identidades por meio da constituição das galeras.

Com efeito, a adesão dos jovens às práticas das galeras do bairro ou do "pedaço" pode ser compreendida como uma afirmação da identidade grupal, que aparece associada à noção de "nós", em contraposição ao "eles", os jovens de outras galeras e de outras comunidades. É preciso ressaltar, entretanto, que essa rivalização entre nós e eles não recorta as relações entre as classes sociais; o que se estabelece são disputas intra-classe, entre os jovens de diferentes bairros populares, favelas e conjuntos habitacionais (CECCHETTO, 1997, p. 98).

Assim, onde para Vianna (1998) não havia possibilidade de formação de qualquer tipo de identidade, já que a *balada*³³ só fazia sentido em si mesma, Cecchetto, por sua vez, identifica "a representação simbólica de processos complexos que organizam a

³³ Alguns anos atrás, no Brasil e mais especificamente nas grandes metrópoles, o termo "balada" tornou-se sinônimo de vida noturna, ou uma festa em que se dança ao som do ritmo musical que estiver na moda naquela estação. Balada é um termo aplicado às boates, festas, shows públicos com músicas em vários estilos, comercialização de bebidas e outros (MICHAELIS, 1998, p.2259).

vida social das favelas ou bairros favelizados, segundo uma lógica antagônica, territorial e guerreira" (CECCHETTO, 1997, p. 114). Diante dessas considerações cabe indagar: E a territorialidade feminina nas baladas funk? É possível afirmar a existência de um ethos feminino? Como essas jovens meninas e mulheres reequacionam suas marcas sociais de classe, de gênero e de raça? Como incorporam os trejeitos da mulher que ocupa o espaço da rua³⁴; sem deixar anular os seus desejos?

No espaço discursivo do funk, a mulher passa a integrar um cenário específico, a interação dela com a própria sexualidade e com o Outro se torna construída no e pelo movimento musical proposto. Trata-se de uma situação interativa em que a mulher assume uma postura considerada por muitos grupos de cunho religioso (católicos, evangélicos, entre outros), de direitos sociais e movimentos feministas, como exclusivamente objeto sexual. Nesse aspecto, a representação construída em torno da figura feminina nos bailes funk é concebida, muitas vezes, como alguém que expõe sua sexualidade de forma vulgar.

No entanto, a funkeira costuma tratar toda a situação que a envolve no movimento como uma brincadeira, ou mesmo um jogo de representações, no qual ser a *periguete*³⁵ da moral confere a ela poder em relação à sua própria sexualidade e à condição de submissa, apregoadada pelo universo social machista. Algumas vezes, ela inverte as representações instituídas e mantidas por uma sociedade fundada no patriarcalismo e assume um lugar de

³⁴ Nesse sentido, segundo o antropólogo Roberto Damatta em seu livro *A casa e a Rua*, a rua, tornou-se espaço privilegiado do masculino e "naturalmente" sujeito a todos os perigos e tentações que recheiam aquele espaço (DAMATTA, 1997 p.60).

³⁵ A expressão "periguete", que surgiu na periferia de Salvador, é a junção das palavras "perigosa" com "girl" (garota em inglês). Como a pronúncia ficaria estranha, adaptou-se o guete. De acordo com o "Aurélio", 'periguete' significa "moça ou mulher que, não tendo namorado, demonstra interesse por qualquer um". Dicionário Escolar Da Língua Portuguesa - Aurélio Júnior - 2ª Ed. - 2011

dominadora da situação em que se encontra. Outras vezes, poderá assumir um caráter de submissão às determinações de seu parceiro. Essas trocas de posição demonstram movimentos dialógicos não lineares, nos quais se questionam papéis prescritos e, contraditoriamente, reafirmam suas prescrições.

A análise desses movimentos, no que se refere ao tratamento dado à mulher, pode nos ajudar a compreender como algumas mulheres vêm se constituindo enquanto sujeito em nossa sociedade. Nesse aspecto, cabe indagar: Que representações constroem de si mesmas? Que discursos são proferidos por elas e para elas e que ideologias permeiam esses discursos?

Frente a isso, as duas músicas “*Boladona*” e “*Kabo Kaki*” da funqueira Tati Quebra Barraco ilustram bem o posicionamento da mulher funqueira, no território funk. Normalmente são respostas com jogo de palavras que geram duplo sentido e animam tanto os meninos quanto as meninas nas baladas:

BOLADONA

*Na madrugada boladona,
sentada na esquina.
Esperando tu passar
altas horas da matina
Com o esquema todo armado,
esperando tu chegar
pra balançar o seu coreto
pra você de mim lembrar .
Sou cachorra sou gatinha não adianta se
esquivar vou soltar a minha fera eu boto o bicho
pra pegar*

KABO KAKI

*As mulheres no verão
Sempre se produzindo
Com o corpinho bronzeado
No estilo gostosinho
Nós mostramos para eles
Nosso jeito sedutor
Sem ter pena, sem ter dó
Demorou, mas abalou
Se você quiser um jeitinho diferente
Sem ter medo do perigo
Pode vir que a chapa é quente
Se você tiver coragem
De conhecer a horta
Vai vender caqui
kabo kaki tu vai embora*

De todo modo, a singularidade do funk reside no fato de ser um movimento que não apresenta nas suas composições musicais letras consideradas socialmente como “bem elaboradas”, como acontece em grande parte, com o hip-hop. Esse aspecto associado ao tratamento dirigido à mulher com termos pejorativos,

dentre outros elementos, promove certa resistência em aceitar o funk como um movimento cultural.

Diante dessa discussão, apresento no próximo item o lugar do funk na periferia e a utilização desses espaços pelas meninas e mulheres empoderadas.

2.7 Funk: o lugar³⁶ e o não-lugar da Menina/Mulher Popular

As diversas leituras acerca dos temas lazer, feminilidades e violência me conduziram a analisar outras dimensões de nosso sistema social, como os momentos de lazer nas “baladas funk” ou os “proibidos clandestinos” frequentados por esses sujeitos; jovens meninas/mulheres. Passei, pois, a investigar o surgimento do funk³⁷ na periferia da região metropolitana de Belo Horizonte, bem como, os “ritos da ordem”, tomando para análise inicial as primeiras manifestações de lazer documentadas acerca das mulheres pobres e negras no séc. XVIII, em Minas Gerais, assim retratada em um trecho do livro de Figueiredo:

Os momentos de lazer e divertimento, dos quais participavam as mulheres pobres, eram tidos como perigosos à ordem vigente. Assim, os batuques, danças, feitiços e adivinhações foram reprimidos e perseguidos pelas autoridades, pois “o desconhecido era uma margem de luta da qual dispunha a população negra e mulata”. O temor que tinha o governo dessas manifestações, “oscilando entre o conagraçamento que propiciavam às camadas sociais empobrecidas e o

³⁶ Um lugar pode ser conceituado em termos de dimensões temporais individuais e coletivas, até porque essas relações estão imbuídas de aspectos espaciais, culturais e temporais. Ao compreender que a concepção e o histórico que a pessoa constrói dos lugares desenrolam-se no tempo e caracterizam-se por continuidade, descontinuidade e transições, rupturas, ganhos e perdas, de significados e sentidos vários para o sujeito (SPELLER, 2005).

³⁷ A origem do termo está fortemente associada ao sexo: “tratava-se de uma gíria dos negros americanos para designar o odor do corpo durante as relações sexuais” (MEDEIROS, 2006, p. 13). Foi por volta de 1968 que a gíria “funky” perdeu seu significado pejorativo e passou a remeter seu sentido a algo como orgulho negro. Assim, conforme apresenta Hermano Vianna, “tudo pode ser funky: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma forma de tocar música que ficou conhecida como funk” (VIANNA, 1988, p. 20).

desvio do tempo de trabalho na mineração, aonde a Igreja vinha contribuir com eficiência para a repressão dessas manifestações ao reduzir, através da justificativa moral, o elemento ideológico para a condenação do batuque. (FIGUEIREDO, 1993, p. 173)

O trecho acima serve de lente neste estudo para discutir como, num contexto racializado da associação entre a jovem menina/mulher negra e música funk, surgem experiências que se desenvolvem como marcas identitárias subjetivas, crítica social e ratificação de hierarquias raciais, de classe e gênero. Para tanto, trabalho com as ideias de poder e interseccionalidade feminina, apoiada nos trabalhos do filósofo Michel Foucault, Lélia Gonzáles³⁸ e da antropóloga cultural Gayle Rubin³⁹. Aponto para a importância dos bailes funk na periferia como instrumento configurador de uma experiência juvenil e negra afro-diaspórica, mas também como instrumento repositivo de antigas dessemelhanças que não estão nos genes e muito menos no sexo.

O binômio juventude negra e música tem despertado o interesse analítico de diversos autores no Brasil (SANSONE ; SANTOS, 1997; VIANNA, 1988; VIANNA, 1997; HERSCHMANN, 1997; SILVA, 1995; AMORIM, 1997; FÉLIX, 2000; etc.). Já o

³⁸ Lélia Gonzáles em seu texto “Por um feminismo Afro-Latino Americano” afirma que a conscientização das mulheres negras em relação às opressões sociais ocorre antes de qualquer coisa pela via racial, e que as raízes e experiências históricas e culturais comuns entre nós e os homens negros acabam por fortalecer nossos laços políticos, “(...) foi dentro da comunidade escravizada que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular de libertação”. GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. IN: GONZALEZ, Lélia ; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, p.57.

³⁹ Retomando o lugar que a naturalização da heterossexualidade ocupa na relação entre natureza e cultura estabelecida pelos saberes contemporâneos, essa autora articula parentesco e sexualidade alargando os alcances teóricos e políticos em seus escritos. “Nessa estratificação os estilos de sexualidade bons (normais, naturais, saudáveis), tais como modalidades heterossexuais, no marco do casamento, monogâmicos, reprodutivos, se oporiam aos "maus", expressos nas práticas sexuais de travestis, transexuais, fetichistas, sadomasoquistas, sexo comercial, por dinheiro, entre gerações, contando com áreas intermediárias”. RUBIN, G. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality [1984]. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle e HALPERIN, David. (eds.) The Lesbian and Gay Studies Reader. Nova York, Routledge, 1993, p.14

trinômio jovens meninas/mulheres negras e baladas funk, ainda estão na escala dos assuntos menos pesquisados.

A linguista Márcia Fonseca Amorim (2009), por exemplo, se debruçou sobre o que o funk representa na sociedade brasileira. Para esta autora é possível, por meio do funk, constatar que a mulher reivindica a demarcação de uma identidade social, tornando-se reconhecida por organismos internacionais que têm convidado funkeiras a participarem de eventos, já que as veem como representativas de um movimento neofeminista. Além disso, constatou que o funk brasileiro circula através de grupos de artistas pela Europa, EUA, América Central e está ganhando uma representatividade não percebida, ou não aceita, pelos que não dão atenção ao movimento. Nesse aspecto, a pesquisadora se propôs a estudar qual o discurso que as mulheres do funk estão assumindo e como ele se situa na sociedade em geral. Ela analisa o discurso da mulher para a mulher, do homem para a mulher e aquele gerado em outros segmentos sociais como entidades religiosas, políticas e grupos intelectuais em relação a essa representação. Afirma que as letras das músicas revelam um discurso de liberdade sexual, enfatizada por coreografias sensuais (AMORIN, 2009).

Todavia, observa-se a tendência do funk ser tratado por grande parte da sociedade como um movimento de caráter grotesco, obsceno, vulgar, e que explora a sexualidade feminina de uma maneira pouco convencional. Nesse aspecto, a figura feminina no funk se tornou associada a termos como cachorra, popozuda, potranca, piranha, vadia, periguete, foguenta, tchuchuca, cavala, entre outros. Essa representação simbólica produzida em torno da funkeira a inscreve socialmente como um sujeito despudorado e ousado que não se sente constrangido em expor sua sexualidade em público. Essa vertente do movimento funk, constituído por letras que tratam da sexualidade da mulher de uma maneira pouco aceita em muitas instâncias sociais, tratado aqui como funk de cunho

erótico⁴⁰, tem chamado a atenção de diferentes grupos sociais, como grupos religiosos, de direitos humanos, feministas, entre outros.

Quanto a esse cenário, encontrei nos estudos de Bakhtin (1965) ao analisar a obra de François Rabelais uma relação da cultura popular da Idade Média com a Renascença, os quais aparecem de modo transversal na tese de Amorin (2009). Tais desdobramentos me trouxeram detalhes importantes, para se pensar as características subjetivas e culturais da ousadia, da obscenidade, das festas, da grosseria e do próprio riso, tão presentes nos Proibidos funk.

Na boca do poder, a seriedade visava a intimidar, exigia e proibia; na dos súditos, pelo contrário, tremia, submetia-se, louvava, abençoava. Por essa razão ela suscitava a desconfiança do povo. Era o tom oficial, e era tratado como tudo que fosse oficial. A seriedade oprimia, aterrorizava, acorrentava; mentia e distorcia; era avara e magra. Nas praças públicas, durante as festas, diante de uma mesa abundante, lançava-se abaixo o tom sério como uma máscara, e ouvia-se então uma outra verdade que se exprimia de forma cômica, através de brincadeiras, obscenidades, grosserias, paródias, pastiches, etc. Todos os terrores, todas as mentiras se dissipavam, diante do triunfo do princípio material e corporal. (BAKHTIN, 1965, p. 81-2).

Dessa forma, para esse autor a liberdade efêmera imperava durante os ritos, manifestando-se nos dizeres, no riso e nos movimentos corporais. O riso das ruas, para Bakhtin (1965), não fazia acepção dos sujeitos e das classes sociais, geralmente as

⁴⁰ Esse erotismo não se inscreve apenas no movimento funk; pelo contrário, integra diferentes práticas sociais há alguns séculos. As Cantigas de Escárnio e de Maldizer escritas entre os séculos XII e XIII, por exemplo, já apresentavam um linguajar de cunho erótico, conforme exemplo a seguir: Mari'Mateu, ir-me quer'eu d'aquén, porque non poss'un cono baratar; alguén que mi o daría non no ten, e algũa que o tem non mi o quer dar. Mari'Mateu, Mari'Mateu, tan desejosa ch'es de cono com'eu! E foi Deus ja de conos avondar aquí outros, que o non han mester, e ar feze-os muito desejara min e ti, pero que ch'es molher. Mari'Mateu, Mari'Mateu, tan desejosa ch'és de cono com'eu! (Mari'Mateu, ir-me quer'eu d'aquén, de Afonso Eanes de Coton - Cancioneiro da Biblioteca Nacional 1583, Cancioneiro da Vaticana 1115. O erotismo também encontra-se presente em programas humorísticos televisivos, em propagandas veiculadas em rádios, canais de TV, outdoors, jornais e revistas de todo o país.

paródias eram dirigidas ao estrato superior para se posicionarem contra ele, não de forma particular, mas universal. Na praça pública não havia escala de superioridade e inferioridade, não havia também distinção entre sagrado e profano, ambos adquiriam direitos iguais por meio dos jogos de palavras que eram incorporados pelo coro de pessoas que por ali circulavam. Com esse caráter universal e festivo, promovia-se a ridicularização da vida por meio de figuras espetaculares. As palavras de cunho grotesco refletiam o exagero e a ironia das transações ocorridas em praça pública entre os comerciantes nas quais imperava o charlatanismo.

Todavia, o riso não tinha caráter individual, não caracterizava uma sensação subjetiva, mas uma sensação social, universal, manifestava-se por meio do contato dos corpos em praça pública. Em oposição ao riso, a seriedade medieval, impregnada de elementos como o medo, a fraqueza, a mentira, a hipocrisia, a violência e a falta de liberdade, era comumente assistida em outros momentos da vida. Essas características encontram-se presentes nas obras de Rabelais que, para Bakhtin, são integralmente cômicas e universais. O riso presente na obra do francês renascentista é tratado por Bakhtin como dotado de verdade; os demais elementos são tratados por ele como “vocabulário da praça pública”, os quais eram capazes de metamorfosear o conjunto da linguagem. Ou seja, caracterizavam os elementos não oficiais da linguagem e, portanto, eram considerados “uma violação flagrante das regras normais da linguagem, como uma deliberada recusa de curvar-se às convenções verbais, tais como: etiqueta, cortesia, piedade, consideração, respeito da hierarquia, etc.” (BAKHTIN, 1965, p. 162).

Dessa forma, fica perceptível que tanto nas praças públicas medievais, quanto nos *Proibidos funk*, há uma convergência de tudo que se configura como não oficial, mas que,

de certa forma, goza de livre manifestação em que os usuários detêm a palavra, mesmo que por um curto espaço de tempo.

No espaço discursivo do funk, a sexualidade e a sensualidade da mulher recebem um tratamento específico, bastante peculiar, inscrito no modo como ela se veste e como expõe seu corpo, na coreografia que executa em bailes e shows, nos dizeres que profere e nas posições discursivas que assume: ora ela se apresenta como dominadora da cena instaurada por meio da música e dita o que espera de seu parceiro, ora se deixa dominar por ele. Esse jogo discursivo - dominadora/dominada - induz a uma relação conflituosa e aparentemente contraditória da mulher no universo funk (AMORIN, 2009, p.22).

Diante disso, a autora compreende o funk como um movimento musical/social que integra música, coreografia, modo de se vestir e de se portar socialmente, e não apenas como um gênero musical⁴¹. Nesse sentido, busco no funk brasileiro algumas respostas, para entender esse espaço tão utilizado pelas meninas/mulheres.

Partindo do pressuposto de que o tema a ser analisado necessita de uma abordagem metodológica capaz de compreender o sujeito em sua complexidade e que o método deve ser considerado além do seu caráter instrumental, descrevo no capítulo dois a trajetória das estratégias metodológicas utilizadas.

⁴¹ Antropólogos, como Hermano Vianna (1988), também qualificam o funk como movimento.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, tento trazer um pouco das motivações que me levaram a escolher essa temática, bem como apresentar os objetivos do estudo, como também a relação da minha história de vida com o *locus* de pesquisa. Sendo assim, relato o meu retorno ao Conjunto Morro Alto, ou seja, um reencontro com o lugar, com as lembranças e com as histórias das pessoas, num território que compartilhei distintas experiências, as quais contribuíram para a construção deste trabalho. Descrevo ainda, neste capítulo, como foram essas visitas ao bairro, o que possibilitou identificar os sujeitos para a pesquisa e tantas outras revelações.

Ao final do capítulo, o leitor irá se deparar com os procedimentos metodológicos que utilizei na investigação: a Observação de Campo (OC), a Observação Participante (OP), as Entrevistas Individuais semiestruturadas (EIS) e os Grupos de Discussão (GD). Tais instrumentos foram fundamentais para a construção de novos olhares bem como, buscar possíveis respostas diante das incertezas que eu carregava. Frente a isso, no próximo tópico exponho os objetivos do estudo.

3.1 Objetivos do estudo

O objetivo geral do presente estudo consistiu em analisar o processo de construção social das feminilidades, nesse bairro popular favelizado, e suas relações com a violência, e poder nos momentos de lazer em bailes *funk*. Diante disso, me propus a compreender quais são os códigos, os sentidos e significados do (tornar-se) ser mulher em um bairro popular que vivencia momentos de violência entre grupos, historicamente conhecidos e

territorialmente enraizados, bem como a apropriação e desenvolvimento de estratégias, empoderamento e formas de resistência dessas jovens nesses bailes.

Nesse sentido, a forma privilegiada de acesso a essa realidade material e suas representações na formação humana, são os próprios sujeitos, uma vez que seus sentidos e valores pessoais provêm da ressingularização de sentidos e valores socialmente compartilhados. Desse modo, a importância de se estudar os sentidos produzidos nessa configuração se justifica pelo fato das atividades humanas serem entrelaçadas aos significados a elas atribuídas, sendo que tais significados são socialmente construídos. Para Vigotsky (ZANELLA, 2007), o sentido é a expressão dialética dos planos singular e coletivo:

Significados e sentidos (...) são produzidos por sujeitos em suas complexas relações, via atividade que é marcada pelas trajetórias e experiências de cada um e de todos e ao mesmo tempo pelas condições e características do contexto histórico em que vivem. Desse modo, toda e qualquer atividade humana foco de investigação psicológica requer, para sua compreensão e explicação, o olhar sobre os sentidos que têm para os sujeitos em relação, olhar esse que considere a indissociabilidade de sujeitos, de suas condições de possibilidades e a realidade histórica do contexto do qual ativamente participam (ZANELLA, 2007, p.31).

Cabe a nós investigarmos, a partir do entrelaçamento e configuração dos fatores presentes nas trajetórias dessas jovens mulheres, as opções de sociabilidade que não apenas são oferecidas, mas que permitem a entrada dessas jovens como sujeitos ativos e participativos em lugares que expressam a sua subjetividade.

Diante disso, levanto algumas questões relativas ao tema pesquisado, como: Que valor se atribui a uma mulher nesse contexto funkeiro? Que valor ela atribui a si mesma?

Nesse aspecto, avalio que esses valores e pertencimentos podem trilhar dois caminhos diferentes: 1) podem

contribuir para reforçar a vigência de princípios tradicionais preestabelecidos pela nossa sociedade machista, constituindo experiências de lazer alienantes; ou 2) podem representar recursos para tentar transgredir identidades prescritas, por meio de vivências mais críticas e criativas de lazer.

Enfim, conhecer a trajetória dessas jovens nos permite ter acesso aos momentos importantes que as constituíram como sujeitos, lançando um olhar sobre os processos de construção dos sentidos sobre suas atividades; com sua historicidade e complexidade.

3.2 Reminiscências da Minha Vida: da enchente do Ribeirão Arrudas em 1982 ao Mestrado em 2010.

Ainda me lembro como se fosse hoje. Era madrugada chuvosa, ainda tinha muito sono em meu corpo de sete anos de idade, mas era hora de deixar o abrigo da Favela *Buraco Quente* e conhecer a casa nova. As famílias em alvoroços, as crianças em cima de uma montanha de roupas doadas para nós - os desabrigados - gritavam de alegria. Algumas mães com olhos lacrimejados ainda pelas perdas irreparáveis, remetendo àqueles que não conseguiram se salvar das águas ou dos desmoronamentos. Outras mães e avós já endurecidas pelo tempo e pelas tragédias mostravam-se mais animadas e esperançosas com o recomeço em um lugar ainda desconhecido. Recordo-me com clareza da fala grave da *Dona Zica*, ao perguntar para um Policial Militar que organizava as listas de chamada e nossa entrada nos caminhões e/ou ônibus: Quem mora na favela é favelado mesmo; mas e quem mora em Vespasiano vai ser o quê? Claro que não me recordo da resposta; mesmo porque ela simplesmente não

veio. Mas essa relação com a polícia, nesse período, constitui-se por uma outra longa história.

Nós, os desabrigados da enchente do Ribeirão Arrudas, ex-moradores da *Favela Buraco Quente e Perrela*, alojados por mais de quarenta dias em um abrigo no bairro Santa Tereza, naquele momento, estávamos indo para outra cidade, a mais de 30km, em outro bairro, o Conjunto Habitacional Morro Alto. Apesar de todas as perdas materiais e humanas, a felicidade e a ansiedade tomara conta de muitos de nós. Os caminhões repletos de pequenos objetos, restos de vidas já construídas... O sol nascendo... A chegada ao bairro... A poeira quentinha nas ruas... O cheiro de tinta fresca das casas... As pequenas mudanças chegando... O povo procurando seus novos endereços já estabelecidos na lista citada dentro do ônibus, a satisfação de ter chegado, e vários outros detalhes que jamais vou esquecer.

Não havia muros, apenas números nas casas e letras nomeando as ruas, também ainda não havia água, nem energia elétrica. Diante disso, foi distribuído, a cada família, além das chaves, 1 liquinho de gás, 1 fogão de duas bocas, 1 panela, 2 colchões e 2 cobertores. O trabalho da LBA⁴², nesse período, foi crucial, enviou-nos cestas básicas contendo quase tudo em pó: Que delícia! Que mingau delicioso, como foi divertido aquelas primeiras noites. Mamãe dando ordens na colocação de poucos pertences, meu pai animadíssimo nos pequenos reparos que ele mesmo ali

⁴² A Legião Brasileira de Assistência (LBA) foi um órgão brasileiro fundado em 28 de agosto de 1942 pela então primeira-dama Darcy Vargas, com o objetivo de ajudar as famílias dos soldados enviados à Segunda Guerra Mundial. Com o final da guerra, se tornou um órgão de assistência a famílias necessitadas em geral. A LBA era presidida pelas primeiras-damas. Em 1991, sob a gestão de Rosane Collor, foram feitas denúncias de esquemas de desvios de verbas da LBA. A LBA foi extinta em 1 de janeiro de 1995, no primeiro dia de governo de Fernando Henrique Cardoso. No Art. 19 da Medida Provisória nº 813 de 1 de janeiro de 1995, ficam extintos: I - as Fundações Legião Brasileira de Assistência (LBA) e Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA), vinculadas ao Ministério do Bem-Estar Social; Fonte: CARVALHO, Raul de. Modernos agentes da justiça e da caridade: notas sobre a origem do Serviço Social no Brasil. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, n. 2, mar. 1980.

faria, principalmente por ter sido um dos melhores pedreiros que já conheci. Lembro-me que desejei ir a alguma vendinha⁴³ comprar suspiros; hábito comum na *Favela Buraco Quente*. Naquele instante, descobri que não havia comércio, não havia escolas, não havia hospital, não havia ônibus. Além disso, constatei também que estávamos praticamente ilhados, longe da Capital Mineira. Mesmo após essas descobertas e o olhar apreensivo de minha mãe, meu pai bravamente, como um guerreiro em uma batalha, tentava não permitir que a agonia ou a preocupação pudessem nos abater. Nessas circunstâncias, meu pai continuava mostrando a nossa casa na esquina da Rua K com a coletora II, fazendo mil planos na ampliação da residência. Por outro lado mamãe mostrava-se ocupadíssima na organização do novo lar, separando o quarto dos meninos e o meu. Estávamos no escuro, o cal da parede saía em minhas mãos, mas eu estava feliz com a nova casa!

Os anos se passaram, tudo foi modificando, algumas amigas da favela nunca mais vi, outras se mudaram, e, em 1987, foi inaugurada a primeira padaria comunitária, criada pelas religiosas católicas. Como ainda não tinha muros nas casas, os padeiros mirins, bem cedinho batiam em nossa janela e gritavam: *Padeiro! Vai Querer quantos?* Mamãe já deixava contadinho o dinheiro dos oito pães. Por volta das nove horas, eu ia buscar o leite de soja, distribuído na Vaca Mecânica⁴⁴, a qual distribuía ainda a

⁴³ Pequeno estabelecimento comercial, no qual, se encontrava um pouco de tudo, mas principalmente as balas com anéis coloridos, os suspiros amarelos e os canudos de doce de leite.

⁴⁴ A chamada vaca mecânica era um equipamento utilizado no Brasil para, a princípio, extrair [leite de soja](#) a partir do referido grão. A ideia surgiu em [1977](#), quando o professor Roberto Hermínio Moretti, da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp (FEA) da [Unicamp](#), a pedido da primeira-dama de Mato Grosso à época, começou a estudar uma maneira de extrair leite de soja de modo prático e a baixo custo. O programa sofreu um revés quando o general-presidente [João Batista Figueiredo](#) provou o leite de soja e disse que era horrível. Após ser implementada em várias cidades do Brasil, a vaca mecânica provou a possibilidade de produzir merendas escolares nutritivas a custo acessível. Após passar por diversas melhorias, o invento encontra-se hoje em sua terceira geração. Fonte: www.cnpso.embrapa.br.

vitamina rosa e o feijão de soja. O posto policial, também foi inaugurado oficialmente nesse período, por que extraoficial, eles sempre estiveram por lá, e em todas as partes. Pequenas bitacas de madeira - as *vendinhas* -, foram se instalando na Avenida Existente, na qual se achava desde velas até o sabão em pó e donde surgiu o primeiro mercadinho, no qual podíamos comprar fiado e anotar no caderninho, assim como fazíamos na favela.

O tempo passou e nós crescemos. Digo no plural, porque tudo que fiz, foi junto com os meus sete irmãos homens. Havíamos crescido fisicamente! Uns menos que os outros, mas a juventude batia na porta e, atrelado a ela, uma bomba de hormônios, a vontade de se divertir, namorar, conhecer o novo, atravessar as fronteiras do Conjunto Morro Alto. Começaram aí os rearranjos juvenis, com os bailes no bairro, na casa de vizinhos, ou na danceteria *Frangão*. Turminhas blacks formaram grupos de dança do passinho, imitações do Michael Jackson em palcos improvisados, desfiles do rei e rainha da primavera, os festivais estudantis e outros.

Mas foi também nesse período que iniciou-se as primeiras rivalidades territoriais e juvenis. Até então, algo natural pra gente porque já existia na favela duelos, como as brigas rotineiras entre *Maria Fala Fino* e *Maria Fala Grosso*, que pouco importava o motivo, só sabíamos que elas brigavam sempre no final da tarde de sábado. Todavia, sentir-se pertencente, dominar o pedaço, criar competições, era o forte em nossos encontros juvenis de sábado à noite. Com tantos irmãos homens, a rua era uma extensão do quintal da minha casa, como também pra mim, uma menina. O que não era diferente para outras amigas, pois as casas não tinham muro, tão pouco a necessidade de separar aquilo que era considerado público daquilo que se considerava como privado.

Ao ir ao baile com meus irmãos ao famoso *Frangão*, observava que lá tinha um chão de cimento queimado vermelhinho, as paredes com tintas já desbotadas e cartazes de cantores da

época como Michael Jackson, James Brown e outros, no qual os passinhos treinados, durante a semana, muitas vezes em minha casa, conferia-nos, naqueles momentos, um ar de importância tamanha - por alguns instantes nos sentíamos quase estrelas.

Não esquecendo também a Escola Estadual Morro Alto I, primeira do bairro a nos acolher. A pelada na prainha do córrego das argilas para os meninos e o vôlei na própria rua, em frente minha casa para as meninas. O primeiro aparelho de som que pudemos ter. Puxa! Foi o máximo!

O tempo avança mais um pouco, e diariamente passamos a ouvir notícias da criminalidade em nosso bairro. Somos vistos como “diferentes”, principalmente pela elite vespasianense. A nossa idade alargou-se e outras necessidades batiam à porta, como a necessidade de trabalhar. Imagine, eu caçula e meus pais com mais sete homens em casa na idade de trabalhar para ajudar nas despesas da casa. Mais e aí? A resposta é clara! Não há emprego em Vespasiano. Fora de cogitação! Apesar de ser uma cidade industrial, alegavam nosso despreparo para as atividades locais. Em Belo Horizonte, chamado por nós de BH, enfrentávamos a incerteza dos empregadores que, ao verificar o comprovante de residência, faziam *cara de paisagem*⁴⁵ e solicitavam a confirmação: *Você mora no Morro Alto? Afinal ficamos “famosos”*- graças aos noticiários da radialista policial Glória Lopes. Os estereótipos foram ampliados, tais como, favelados, pé vermelho, resto de enchente, violentos, marginais, bandidos, etc. Diante disso, o jeito era encarar o serviço que aparecia. Meus irmãos ajudaram muita gente no próprio bairro, realizando serviços pesados em construções de moradias na

⁴⁵ O termo “cara de paisagem” é entendido como uma expressão facial de uma pessoa que deseja dizer não, mas por alguns instantes se sente constrangido (a), ou ainda, diante de uma situação de conflito iminente, prefere fazer de conta que não conhece, não sabe, não viu, ou seja, acaba por ignorar solenemente o outro(a).

estruturação de lages nos denominados *puxadinhos*⁴⁶ que iam se formando e no transporte de carretos de materiais da construção civil. Dessa forma, garantiam um dinheirinho para ajudar em casa, bem como para o nosso baile de sábado.

Meus pais sempre incentivaram nossos estudos. Nesse aspecto, não posso reclamar, nunca faltou nada, permitindo que eu pudesse concluir meu ensino médio numa escola pública, a famosa Escola Estadual Deputado Renato Azeredo. Lá meus pais faziam parte do Colegiado e estavam sempre por perto colaborando para que a instituição, de fato, cumprisse o seu papel social. A relação deles com os docentes era tão intensa que fui crismada por minha professora de Geografia, da 5ª série. Talvez, esteja aqui a resposta para minha escolha no curso de graduação.

Passados treze longos anos, em 1995, terminei o ensino médio e prestei vestibular. Fui a única, entre os sete irmãos, que conseguiu continuar os estudos. Desse modo, eu representava uma aposta da família. A comemoração dessa conquista foi na escola mesmo, num momento que recebi a proposta da diretora para começar a dar aulas. Naquele instante fiquei muito surpresa, mas, por outro lado, não podia recusar. Além disso, precisava da grana, e constituindo o início da minha carreira profissional como docente, na mesma escola na qual estudei. Foi realmente um privilégio, muita sorte, e provavelmente pelo engajamento que sempre demonstrei para com as atividades escolares.

⁴⁶ Puxadinho é caracterizado por uma construção irregular (sem aprovação legal nos órgãos públicos), que se apresenta como uma extensão ou anexo em um imóvel. Uma forma de construção informal através da qual a população de baixa renda resolve o problema de espaço sem investir muito em uma reforma completa ou na compra de um outro imóvel de maior tamanho. Quando se torna necessário abrigar mais pessoas na casa ou atender a outras necessidades pontuais, faz-se um puxadinho, isto é, mais um cômodo (geralmente um quarto), em muitos casos feitos sem preocupação estética com o acabamento - pois, geralmente, não se faz o reboco ou a pintura - mas apenas funcional, aumentar o imóvel.

Após esse percurso, o bairro já tinha adquirido outra configuração, e diante disso, já o via de forma diferente. Algumas famílias se mudaram em função da falta de empregos; ou porque os empregadores de Belo Horizonte não se propunham a pagar a passagem que ficara mais cara. As casas foram se diferenciando conforme o poder aquisitivo de cada um, como também as drogas que já se faziam presentes entre os jovens, complicando, ainda mais, a fama de morar no Conjunto Morro Alto. Os índices de criminalidade se evidenciavam nas redondezas, e, junto a isso, a discriminação que nos acompanhava em diversos espaços.

Muitas casas foram vendidas ou trocadas. As vendinhas foram suprimidas pelo comércio das grandes redes. Já não existiam, velhas gentilezas entre famílias, tal como compartilhar o bolo feito no sábado à tarde, ou o churrasquinho do domingo. Tudo isso foi desaparecendo aos poucos. Muros cada vez mais altos foram erguidos, e o medo passou a fazer parte das nossas noites nas esquinas, nos bares e nos bailes. Pessoas “estranhas” agora moravam em casas de nossos melhores amigos... Perdeu a graça... Que saudades da bagunça na hora do banho de bacia ou do piquenique, realizados nos fundos de casa, patrocinados pelo meu pai que não tinha dinheiro para irmos ao Parque Municipal.... Meu velho Jose Viana, meu querido pai, guerreiro, sábio, a quem os aplausos que hoje homenageio me fez tão feliz.... Casos e causos contados por ele nas noites sem luz... O cheiro da balinha de puxa que minha mãe fazia tentando substituir o pirulito da venda, para o qual, muitas vezes, não tínhamos dinheiro para agradecer a todos.

Com o passar do tempo, atendendo a necessidades, tivemos que nos mudar. A minha aprovação em segundo lugar no concurso público estadual para um cargo de professora de geografia em uma das escolas mais conceituadas de Vespasiano a Escola Estadual Machado de Assis, foi um dos motivos para o nosso deslocamento, mudamos para um bairro próximo ao centro de Vespasiano, o que facilitava minha jornada de trabalho. Todavia,

jamais esquecerei os momentos divertidos apesar das dificuldades dos natais sem brinquedos, mas com muito frango e ki-suco, bem como nossas festinhas de aniversários regadas a limonada e pastel de vento.

O investimento profissional me fez chegar à gestão de escolas públicas, o que me possibilitou desenvolver um outro olhar para as jovens meninas de bairros populares. Diversas inquietações e questionamentos foram suscitados, os quais poderiam, talvez, ser respondidos por meio de uma pesquisa qualitativa feminista. Foi nessa perspectiva que busquei o Mestrado Interdisciplinar em Lazer, por acreditar que lá tinha um professor com olhares aguçados para essas comunidades, mais especificamente para a comunidade que eu gostaria de voltar, o Morro Alto. O Professor Walter Ude terminara de desenvolver um trabalho em diversos municípios mineiros com alto índice de violência infantil, e, claro, o Morro Alto estava em seu roteiro. Mas a forma como ele tratara as questões, nos seminários e encontros com a equipe da rede local, me encantou e aguçou, ainda mais, a vontade de perceber: Quais eram as nuances que ainda se encontravam no Morro Alto? Será que as meninas/mulheres vivem algo próximo da liberdade que eu vivi? Tais inquietações me conduziram ao processo seletivo de Mestrado em Lazer. Lá estava eu, com um currículo ainda pobre, em termos acadêmicos, e com a clareza de que deveria me desdobrar para conseguir uma das melhores notas na prova, para tentar garantir uma vaga. Contudo, passei! Minha história de vida se situa, em grande parte dentro dessa comunidade, local escolhido para desenvolver esta pesquisa.

Todavia, após essa viagem pelo tempo, através da minha história, apresento, no próximo item, a minha inserção no campo de estudo por meio da descrição das estratégias utilizadas, as dificuldades enfrentadas e os desafios encontrados.

Esse breve relato da minha história indica alguns elementos da constituição da subjetividade pessoal e social da

pesquisadora (REY, 2005), já que não compartilho com posturas que defendem pretensa neutralidade na relação entre pesquisador e pesquisado. Na verdade, são histórias que se entrelaçam no jogo da intersubjetividade, no qual a produção de sentidos se efetiva diante de questões que indagam o familiar.

3.3 Descrição Geral da Área de Estudo

O presente estudo foi realizado no município de Vespasiano, localizado na mesorregião metropolitana de Belo Horizonte, a cerca de 690 metros de altitude média e distante 27 km da capital do estado de Minas Gerais. O município possui área de 70.108 km² e população estimada de 104.527 habitantes, com densidade demográfica de 1.389,8 habitantes por quilômetro quadrado. Caracteriza-se por economia terciária e ocupação mista, com índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0,747. Faz divisa com os municípios de Belo Horizonte e Santa Luzia ao sul, Lagoa Santa a nordeste e São Jose da Lapa, Confins e Pedro Leopoldo a sudoeste.

O Município tem a história de seu desenvolvimento fortemente ligada ao crescimento da capital mineira. Existem duas vertentes para justificar o surgimento do arraial que, mais tarde, daria origem ao Município de Vespasiano. A primeira delas fundamenta-se numa pesquisa realizada em 1994, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, através de seus representantes professor Celso Falabella e Dr. Wilson Veado. Pela pesquisa, constata-se a presença dos primeiros habitantes no lugarejo, por volta de 1738, quando se instalou na região a 1ª Cia de Ordenança de Minas Gerais e, por volta de 1745, a chegada dos primeiros mineradores em busca de riquezas, fazendo surgir, desta maneira, o primeiro núcleo habitacional do lugar.

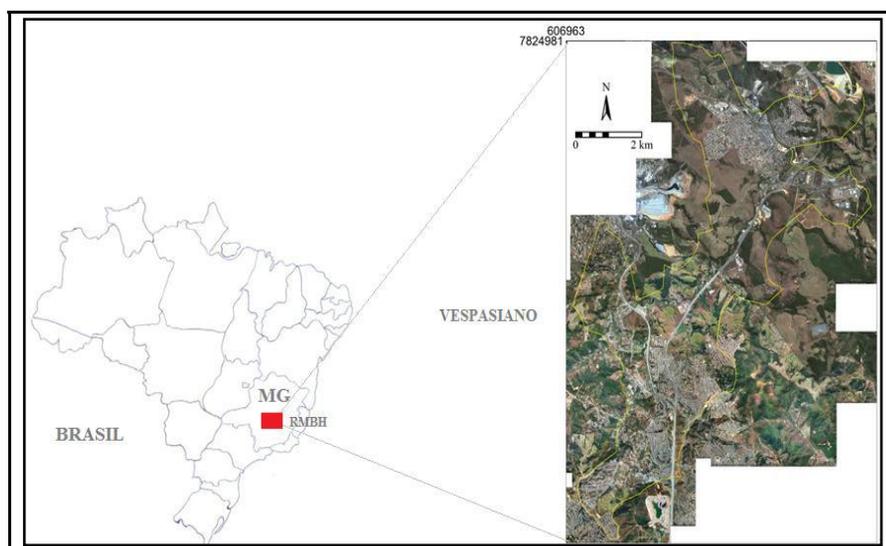


FIGURA 1- Mapa de localização do Município de Vespasiano/MG
 Fonte: Google Earth (2011/2012) Elaboração: VIANA, I.F 2011

A segunda vertente está intimamente ligada à figura de Dona Marianna da Costa. Podemos afirmar que essa senhora foi o “agente facilitador” do povoamento do município. D. Marianna Joaquina da Costa, natural de Santa Quitéria, hoje Esmeraldas, era casada com Joaquim da Fonseca Ferreira, filho de antigos mineradores da Fazenda da Carreira Comprida, em Santa Luzia. O casal se fixou nesta região em 1853, e seu patrimônio, imenso, era constituído de toda a área onde hoje se ergue a região central de Vespasiano, incluindo terrenos em Lagoa Santa.

D. Marianna não se cansava de incentivar a vinda de pessoas para o povoado, que ia se expandindo com muita rapidez e recebendo as primeiras famílias, dentre elas podemos citar: a Fonseca Ferreira - família fundadora - seguida das famílias Lima e Silva e dos imigrantes portugueses, italianos, espanhóis e Sírios, que constituíram as famílias Pereira, Rocha, Gelmini, Marani, Vercesi, Correa, Viana, Barbosa, Valle, Fagundes, Santos, Salomão, Nassif, Issa, Duarte Tercetti, Drumond, dentre outras (IBGE,2005).

Aos poucos, Dona Marianna foi doando a essas pessoas pequenas áreas para que aqui se estabelecessem, cedendo também a água para abastecimento do povoado, bem como parte de alguns terrenos para construção do cemitério velho e da Igreja Matriz. Da então Fazenda do Capão, de propriedade de Dona Marianna, surgiu o Arraial do Capão, com a construção das primeiras casas em terrenos vendidos e doados à futura paróquia. Ao redor do Arraial, expandiam-se as fazendas agropecuárias Fazenda Maçaricos, Angicos, Barreiro e Varginha, onde se cultivava a cana-de-açúcar, o milho e o feijão, bem como se criava gado. Mais tarde, desenvolveu-se a indústria de cal.

Com a inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil⁴⁷, em 1894, o Arraial passou a se chamar Vespasiano, em homenagem ao administrador da ferrovia, *Coronel Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva*. A construção dessa ferrovia foi de grande importância do ponto de vista socioeconômico, pois, além de atrair novos moradores, favoreceu o escoamento dos produtos da região. Em 18 de dezembro de 1915, através da Lei Estadual 336, é criado o distrito de Vespasiano que, até 1948, pertenceu ao Município de Santa Luzia. O povo de Vespasiano cultivava fortes sonhos de liberdade, sem perder suas tradições e seus ideais conseguindo, através de muitas lutas, sua autonomia político-administrativa em 27 de dezembro de 1948. A partir de 1950, o município de Vespasiano passou a apresentar um expressivo crescimento populacional,

⁴⁷ Quando da Proclamação da República, em 1889, a Estrada de Ferro D. Pedro II teve seu nome alterado para Estrada de Ferro Central do Brasil (mudança oficializada a 22 de novembro desse ano). Ainda assim, os trabalhos de ampliação continuaram. Em 1890 incorporou a Companhia São Paulo e Rio de Janeiro, que ligava a capital paulista a Cachoeira Paulista. Em 1895, os trilhos que seguiam por Minas Gerais chegaram a General Carneiro e se bifurcaram em direção a Belo Horizonte e Sete Lagoas. Já a cidade de São Paulo foi atingida em 1890, após a incorporação da Companhia São Paulo e Rio de Janeiro, que seguia de São Paulo até Cachoeira. No decorrer do século XX, a Estrada de Ferro Central do Brasil continuou sendo ampliada, especialmente com a incorporação de ramais já existentes. Contudo, algumas das estradas de ferro encampadas eram deficitárias, prejudicando muitas vezes os lucros alcançados nas linhas principais. Fonte: Moacir M. F. Silva, in Revista Brasileira de Geografia, nº 16 (Abril-Junho 1954), p. 252-266.

embora sua base econômica continuasse a ser as atividades agropecuárias. Sedimentando a vocação da cidade para a indústria, nela instalou-se, em 1968, a Companhia Alterosa de Cervejas, iniciando-se, assim, o processo de mudança efetiva na base econômica.

Dessa forma, o que se percebe é um crescimento industrial que acompanhou o *boom* econômico do Estado Mineiro, o que resultou em uma grande concentração populacional na Região Metropolitana de Belo Horizonte (FARAJ, 1980). A tabela1 ilustra bem o crescimento da população do município de Vespasiano e da RMBH entre os anos de 1991 e 2010.

Tabela1
Evolução da População do Município de Vespasiano-MG e da RMBH - Entre os Anos de 1991 e 2010.

Anos	População total da RMBH	População total do Município de Vespasiano
1991	3.522.907	54.868
1996	-	60.409
2000	4.357.942	76.422
2007	5.068.368	94.191
2010	5.413.627	104.527

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.

Nesse sentido, e em função do crescimento desordenado, no final do Século XX, a capital mineira expandiu-se para os Municípios de seu entorno, adensando o processo de urbanização e de ocupação. Essas novas localidades, por apresentarem, tipologias, infraestrutura e equipamentos de uso coletivos diferenciados acabam por gerar diferentes paisagens, configurando algumas cidades do entorno como regiões dormitórios, dentre elas Vespasiano, Nova Lima, Ribeirão das Neves e Sabará. Todavia, nos bairros localizados nas regiões Sul e Sudoeste, de Belo Horizonte, tais como Anchieta e Gutierrez, a população pobre foi substituída por prédios, atendendo a demanda dos setores médios da sociedade belo-horizontina. Nos bairros Serra e Santo Antônio, também localizados na Região Sul da Cidade, as favelas como, por exemplo, Cafezal, Pindura Saia, Papagaio e Querosene

tornaram-se morros cravados nas encostas, no meio da população de alto poder aquisitivo.

Nessa perspectiva, as favelas que conseguiram sobreviver à erradicação e às intervenções urbanísticas realizadas principalmente na segunda metade do Século XX, como por exemplo, Cafezal, Santa Lúcia, Pindura Saia, Papagaio, Pedreira Prado Lopes, Querosene, Perrela e parte do Buraco Quente (FIGURAS 2, 2a, 2b e 2c), dentre outras, concentraram-se em áreas estratégicas que favorecem o acesso de seus moradores à área central de Belo Horizonte. Essas, aos poucos, estão sendo regularizadas e urbanizadas. Nesse sentido, os loteamentos populares, localizados em áreas cada vez mais distantes da área central, dificultam o acesso ao centro e, internamente, a partir da ocupação desordenada e adensamentos populacionais sofrem processo de favelização crescente, o mesmo ocorrendo com os conjuntos habitacionais populares, situados, em sua maioria, longe da área central.

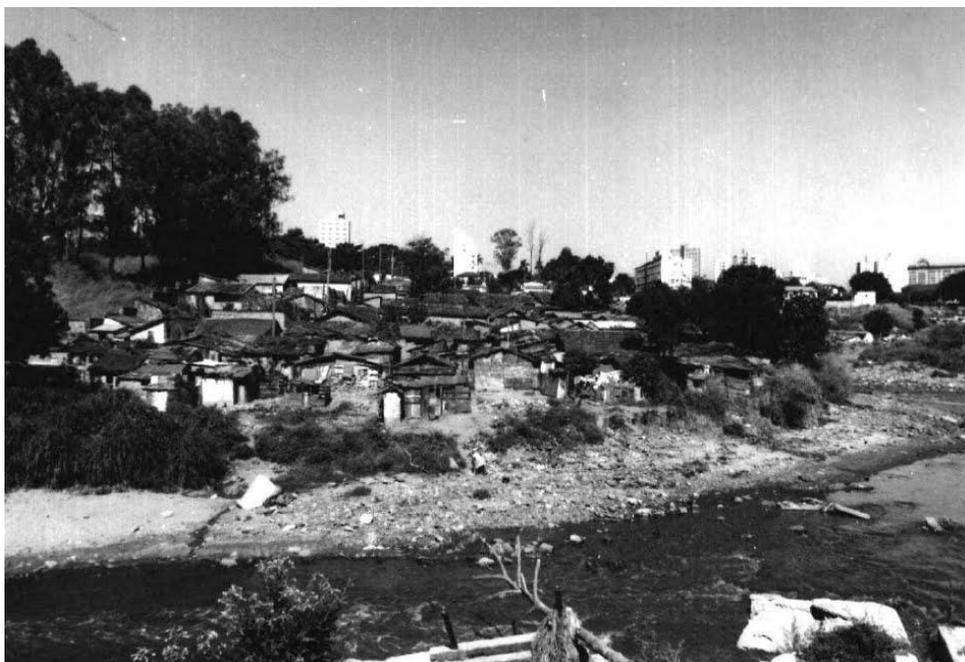


FIGURA 2- Favelas Buraco Quente e Perrela que se localizavam às margens do ribeirão arrudas. Área hoje ocupada pelo Boulevard Shopping.
Fonte: Acervo Plambel



FIGURA 2a- Mapa confeccionado pelo Plambel, a área que está sinalizado em vermelho foram as atingidas pelas enchentes de 1981, 1982 e 1983.
Fonte: Acervo Plambel



FIGURA 2b-Ribeirão Arrudas nas chuvas de 1982, na altura do Boulevard Shopping
Fonte: Acervo Plambel



FIGURA 2c- Região do Complexo do Perrella e Buraco Quente, após a revitalização.

Fonte: Google Earth (2011/2012)

Elaboração: VIANA, I.F 2011

Desse modo, no final da década de 70 e a partir do Profavela⁴⁸ a política em relação aos assentamentos informais passou a ser a de uma atenção com caráter higienista, na qual os processos de erradicação de favelas, via desfavelamento, foram definitivamente afastados, exceção àquelas localizadas em áreas de risco, ou em áreas de interesse público, como por exemplo, para abertura ou alargamento de vias.

Contudo, foi no período de 1979 a 1982, que o problema de moradia se tornou agudo. Em função de fortes chuvas, nesses períodos, várias famílias perderam suas moradias, ficando alojadas por dias em abrigos improvisados em creches e igrejas.

⁴⁸ Programa Municipal de Regularização de Favelas foi criado pela Prefeitura em 1983, e é considerado pioneiro em todo o Brasil por ter sido a primeira ação pública que reconhecia a especificidade da favela e o direito de seus habitantes à moradia e aos bens e serviços básicos. Isto só foi possível devido à nova Lei Federal n.6766 de 1979, cujo objetivo era estabelecer diretrizes para o parcelamento do solo urbano. É ela que cria o conceito de “urbanização específica”, ou seja, a aceitação de que em algumas situações especiais poderia haver critérios diferenciados de parcelamento do solo urbano (FERNANDES, 2001).

Posteriormente foram removidas para Vila Maria (Gorduras) e Conjunto Habitacional Morro Alto localizado no município de Vespasiano, sendo este último, o lócus específico da investigação neste estudo, o qual descreverei no próximo item.

3.3.1 Conjunto Habitacional Morro Alto

O Conjunto Morro Alto constitui-se como um bairro popular de Vespasiano, que faz divisa com Belo Horizonte-MG, fundado em 1980, conta com, aproximadamente, 1230 (mil duzentas e trinta) unidades habitacionais, caracterizadas como de construções de médio padrão, destinadas a famílias de baixa renda. O Conjunto Morro Alto foi construído para ser financiado nos moldes do SFH/BNH por intermédio da COHAB-MG, mas, a pressão popular desencadeada pela precária situação dos atingidos pela enchente do Ribeirão Arrudas e outras remoções da área central de Belo Horizonte obrigou o poder público a ceder as casas desse conjunto para as pessoas. Nesse sentido, cerca de 100% dos moradores que foram transferidos do centro (capital) para o Morro Alto (bairro) eram famílias atingidas pela enchente do Ribeirão Arrudas e/ou de outras remoções das áreas centrais de Belo Horizonte. Dessa forma, a aquisição das moradias do conjunto Morro Alto foi feita por meio de um financiamento que teve início cerca de cinco anos após a instalação das famílias no local, pois essa população possuía um nível socioeconômico extremamente baixo.

Em relação ao perfil atual dos moradores do conjunto Morro Alto, a FIP (2009) afirma que:

A maior parte da população, cujo número de famílias não foi estimado, é proveniente de Belo Horizonte,

sendo a capital, também o local de trabalho da maior parte desta população. As profissões variam entre pedreiros e domésticas, e a faixa de renda é de um salário mínimo (FIP 2009, p. 582).

Como mostram as FIGURAS 3 e 4, o conjunto Morro Alto foi amplamente ocupado e se encontra bastante adensado. No conjunto é comum a ocorrência de casas geminadas de um pavimento e com um padrão construtivo de médio a baixo porte, contidos em lotes de no máximo 360m².

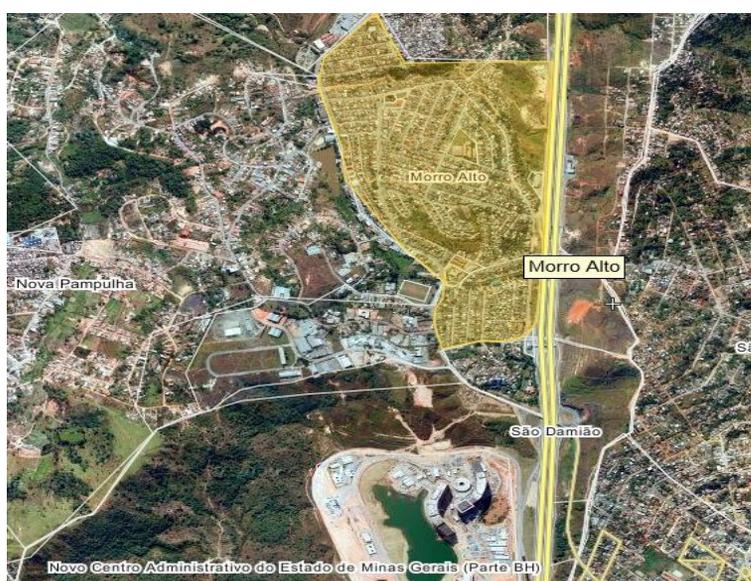


FIGURA 3- Mapa de Vespasiano, com imagem de satélite do Conjunto Morro Alto
Fonte: Prefeitura de Vespasiano- PDP (2006) e Google Earth (2011/2012)
Elaboração: VIANA, I.F 2011

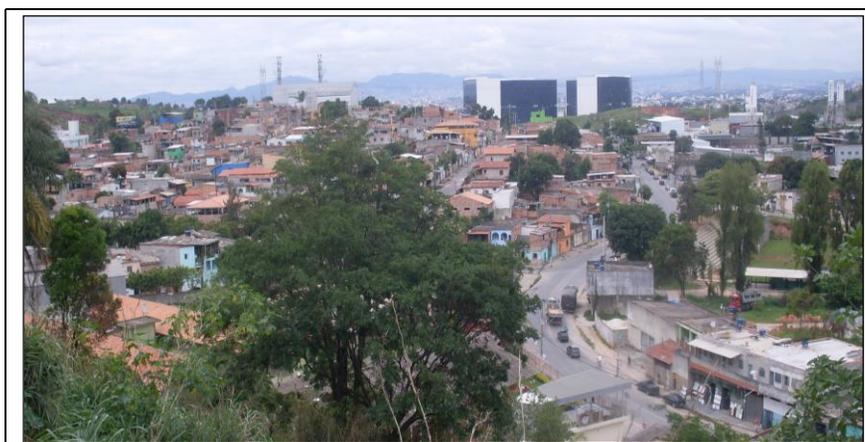


FIGURA 4- Adensamento Populacional – Conj. Morro Alto.
Fotografia: VIANA, I.F 2011



FIGURA 4a- Estilo de casas separadas e geminadas – Conj. Morro Alto.
Fotografia: VIANA, I.F 2011

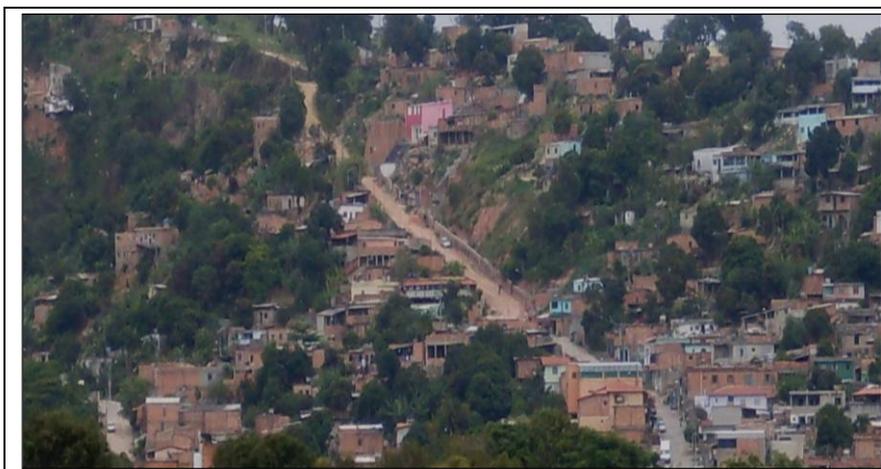


FIGURA 4b- Crescimento desordenado – Adjacências do Conj. Morro Alto.
Fotografia: VIANA, I.F 2011

Após anos de luta, em meio à falta de estrutura, poucas condições de habitabilidade e atendimento adequado, a luta dos moradores se torna um processo constante, mesmo conseguindo a habitação, faltam-lhes as condições indispensáveis para viverem dignamente.

De forma “planejada”, Belo Horizonte pôde “limpar” aquilo que não mais a interessava e os municípios componentes da região metropolitana de Belo Horizonte - RMBH foram obrigados a recebê-los sem que tivessem condições de se opor.

“[...] os problemas estruturais e sociais do município de Vespasiano se dão em função da chegada do conjunto Morro Alto”. “[...] Belo Horizonte estava crescendo e precisava do espaço da cidade, portanto, queriam um espaço menos valorizado, no que se refere ao preço da terra, para colocar a população de baixa renda”. “[...] Em um primeiro momento, havia falta de interesse político por parte do poder público de Vespasiano em fornecer a estrutura necessária aos moradores recém chegados e desprovidos de praticamente tudo, pois, essas pessoas

ainda votavam em Belo Horizonte. Assim que passaram a votar no município, passaram a receber mais atenção por parte do poder público” (NDC, 11/11/2011)⁴⁹.

Esse tipo de relação intermunicipal vai ao encontro do que Santos denomina como *acontecer hierárquico*:

“[...] o acontecer hierárquico é um dos resultados da tendência à racionalização das atividades e se faz sob um comando, uma organização, que tendem a ser concentrados e nos obrigam a pensar na produção desse comando, dessa direção, que também contribuem à produção de um sentido, impresso à vida dos homens e à vida do espaço”. (SANTOS, 1994, p.17)

Todavia, a comunidade conseguiu se reestruturar para viver com o mínimo de dignidade possível. A região possui atualmente um comércio com diversas variedades e feiras populares nos finais de semana. O bairro conta com aproximadamente 27,04 mil habitantes, o que agrega nesse quantitativo áreas de ocupação limítrofes concentrando cerca de 26% da população vespasianense. A região vem se expandindo com a implantação de pequenas e médias empresas, abrigando o segundo polo industrial da cidade. Todavia, esse crescimento populacional e estrutural não gerou melhorias na infraestrutura do bairro, o qual enfrenta grande situação de pobreza, disputas territoriais entre gangues, e ainda, participação nas estatísticas como um dos bairros mais violentos⁵⁰ da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Após essa caracterização do bairro, fica perceptível que a produção do espaço é algo contínuo e, portanto, estamos imersos em “espaços e tempos em constante construção e

⁴⁹ Palavras da Assistente Social do Município de Vespasiano, durante a primeira reunião em rede da AISP – áreas integradas de segurança pública, instalada no Conjunto Morro Alto. (Notas do Diário de Campo – NDC, 11 de novembro de 2011).

⁵⁰ Em 2007, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes de toda a região foi de 42,7; a de Belo Horizonte, foi de 43; a dos municípios com integração muito alta com a capital, como Vespasiano foi de 49. Fonte: SIM/MS, 2010. Elaboração: INCT-CNPq Observatório das Metrôpoles

reconstrução” (SANTOS, 1994, p.61). Para tanto, descreverei no próximo item a caracterização dos sujeitos que elegi e que participaram das entrevistas e dos grupos de discussão.

3.3.2 Caracterização dos Sujeitos

Neste item, apresento algumas características das jovens que colaboraram com esta pesquisa. No caso deste estudo, a escolha dos sujeitos, se constituiu por meio da identificação de cinco indicadores relevantes para a proposta da investigação realizada a saber: jovens do sexo feminino, com idades entre 12 a 26 anos, moradoras do Conjunto Morro Alto e região, frequentadoras de bailes funk e participantes de grupos locais denominados Bondes. Pela própria característica de formação desses Bondes e sua atuação no bairro, pude identificar, em dois Bondes, quatro jovens que estavam cumprindo medida socioeducativa de Liberdade Assistida⁵¹, prevista pelo ECA/1990, tornando-se um critério de inclusão na pesquisa. Essa faixa etária dos sujeitos da pesquisa também foi intencionalmente delimitada na busca de análise de um eventual deslocamento de postura do torna-

⁵¹ Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente a medida de liberdade assistida. Ela se caracteriza como uma medida que impõe condições de vida no cotidiano do adolescente infrator, visando o redimensionamento de suas atitudes, valores e a convivência familiar e comunitária. É uma intervenção educativa centrada no atendimento personalizado, garantindo a promoção social do adolescente através de orientação, manutenção dos vínculos familiares e comunitários, escolarização, inserção no mercado de trabalho e/ou cursos profissionalizantes e formativos, assim como prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu art. 118 “A liberdade Assistida será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente. § 1º - A autoridade designará pessoa capacitada para acompanhar o caso, a qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento. § 2º - A liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de seis meses, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor (ECA).

se mulher em um bairro popular favelizado. Dessa forma, os grupos identificados e estudados são: grupo *Bonde das Ariranhas*, grupo *Bonde da Padoka dos Boys* e grupo *Bonde das Malcriadas*.

Para este trabalho, adotei alguns critérios com o objetivo de preservar a identidade das participantes do estudo, devido às situações de guerras que aconteciam no bairro. Nesse sentido, optei pelo uso do termo sujeito acompanhado de um número sequencial, e o nome do Bonde do qual fazem parte, ficando assim: Sujeito⁵² 1(um) *Bonde X*, Sujeito 2(dois) *Bonde Y* e assim por diante.

Em seguida apresento um pouco mais das características desses sujeitos. As informações que irei trazer são referentes à OC e aos próprios relatos das jovens meninas/mulheres, no nosso primeiro GD, quando perguntei sobre a rotina, atividades, e o que mais gostavam de fazer nos momentos de folga.

O Sujeito 1- *Bonde Padoka dos Boys*, possuía dezesseis anos, negra, encontrava-se matriculada em uma série especial (PAV - Projeto Acelerar para Vencer⁵³), no 7º ano. Estava em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida, apesar de já ter cumprido por três meses a medida de Privação de Liberdade⁵⁴, no Centro de Reeducação Social São Jerônimo. Vive

⁵² Estou adotando o termo “sujeito”, nesta pesquisa, mas quero ressaltar certo incomodo ao utilizá-lo, pois ao trazer uma discussão de cunho feminista, me pareceu um tanto quanto inapropriado utilizar um termo relativamente no masculino. Todavia, o termo “sujeito” será utilizado aqui para indicar e reconhecer que essas jovens são produtoras de cultura, que ousaram questionar os discursos normativos instituintes das identidades de gênero, como também um exercício para ampliar a ruptura com a ordem hegemônica.

⁵³ De acordo com a Resolução SEE Nº 1033 de 17 de janeiro de 2008, o Projeto de Aceleração da Aprendizagem “Acelerar Para Vencer” é destinado a alunos do ensino fundamental com distorção de mais de 2 anos na idade/série da rede estadual de ensino de Minas Gerais, com o objetivo de: aumentar a proficiência média dos alunos do ensino fundamental; reduzir, progressivamente, as taxas de distorção idade/ano de escolaridade; promover a aquisição de competências e habilidades básicas indispensáveis ao sucesso do aluno na vida e na escola; fortalecer a autoestima dos alunos, inserindo-os no ano escolar adequado para o prosseguimento dos estudos.

⁵⁴ A internação é uma medida privativa de liberdade prevista no art. 121 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Sujeita aos princípios da excepcionalidade, brevidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, a internação constitui a mais rigorosa das medidas. Caberá sua

com os tios paternos, desde os cinco meses, tendo em vista que sua mãe foi embora com um namorado, e o seu pai morto logo em seguida. Possuía um filho de nove meses, sendo que o pai da criança estava detido no presídio em Vespasiano. Esse sujeito se mostrou muito interessada em todos os contatos que tivemos e possui grande conhecimento das territorialidades do bairro. Todavia, gosta mesmo é de escrever letras de músicas funk, com histórias que tratam da realidade dos manos⁵⁵. Seu grande sonho é se tornar uma MC⁵⁶.

O sujeito 2 - Bonde das Malcriadas, tinha dezessete anos, parda, encontrava-se matriculada em uma série especial (PAV) no 7º ano. Estava em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida pela primeira vez, por ter se envolvido na briga de uma amiga na saída da escola. Nas observações realizadas, pude perceber o pertencimento desta jovem, nas ruas do bairro e junto ao grupo de amigas, na qual boa parte do seu tempo é dedicado à estar com alguém do Bonde. Por isso, passa grande parte da tarde e da noite com as amigas na rua, em esquinas e praças. Ela demonstrava ser bastante comunicativa, colocando-se à frente nas programações do seu bonde. Dentre outros aspectos, uma de suas características marcantes era sua insatisfação com o próprio cabelo, por ser mais crespo e diferente das suas irmãs. Sua revolta com meninas de outros Bondes era aumentada em relação às que tinham cabelos lisos, mencionada por ela como “aquelas que andam jogando o cabelo”. Além de sua paixão pelo funk, como fez

aplicação somente quando se tratar de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa, por reiteração no cometimento de outras infrações graves ou por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta.

⁵⁵ Pessoa em que você confia, amigo seu, seu aliado, camarada, parceiro.

⁵⁶ Mestre de cerimônias ou MC (pronuncia-se emici) é o anfitrião de um evento público ou privado. O MC geralmente apresenta atuações como falar com a plateia em geral, fazendo com que o evento mantenha um movimento. É ainda aquele ou aquela que escreve letras de músicas no estilo Hip Hop ou Funk, e as canta.

questão de dizer, adorava demonstrar o quanto sabia dançar e ensinar coreografia de cada música.

O sujeito 3 - *Bonde das Malcriadas*, tinha quatorze anos, parda, encontrava-se matriculada em uma série especial (PAV), no 8º ano. Estava em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida pela segunda vez, por ter agredido outra jovem na saída da escola. Nas observações realizadas, pude perceber que essa jovem ainda guardava muita mágoa em relação a jovem que agrediu. Recorrentemente, dizia que não iria deixar a situação calma como estava. Sua fala girava em torno de justificativas sobre o feito, mas não como forma de arrependimento, porém, para deixar claro que jamais brigaria em função de homens. Relatou-me que sua maior alegria nos baile funk é ver os meninos babando quando elas dançam. Durante o nosso diálogo sempre demarcava um empoderamento feminino que ela, ao seu modo, tentava transmitir às outras meninas do Bonde. Gosta de ficar em casa quando está sozinha. Todavia, adorava estar na rua e ir ao baile, já que representam os lugares prediletos por onde transita.

O Sujeito 4 - *Bonde Padoka dos Boys*, tinha quinze anos, parda, encontrava-se matriculada em uma série especial (PAV), no 7º ano. Estava em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida pela primeira vez, por ter agredido fisicamente outra jovem. No entanto, sua forma de vestir, chamou minha atenção, já que mesmo a família possuindo poucos recursos financeiros, a jovem faz questão de estar sempre bem vestida com roupas de grife, e expõe isso como algo valorativo. Apesar de fazer parte de um bonde que chegava a reunir quase vinte integrantes, na esquina da padaria, sua preferência se caracterizava por estar com os meninos; e se autodeclarou uma

*periguete reservada*⁵⁷. Além disso, falou com propriedade sobre as tramas e negociações que ocorrem no bairro, identificava por nome grande parte dos policiais que atuam na região. Todavia, não se achava uma jovem bonita, mas afirmava ser um funkeira de primeira linha. Seu período de folga era sempre destinado a estar com o bonde, seja na rua ou nos bailes proibidos⁵⁸.

O Sujeito 5 - Bonde das Ariranhas, possuía 12 anos, negra, encontra-se matriculada no 6º ano. Em nossa primeira conversa:

“pediu para que eu não a tratasse como uma menina e sim como uma mulher, por que a vida já havia ensinado a ela muitas coisas boas e ruins. Mencionou ainda que desde a nossa primeira conversa, ela se sentia mais importante, porque mesmo eu a (pesquisadora) sendo negra, tinha estudado muitas séries.” (Notas do Diário de Campo – NDC, maio de 2012).

Dessa forma, apesar da sua pouca idade ela se mostrou muito engajada ao bonde, no qual demonstrava sempre um papel de liderança. Todos os feitos do grupo tinham que ser aprovados por ela. Extremamente desafiadora, tinha diversas ocorrências registradas na escola e no Conselho Tutelar. Um fato que me chamou a atenção para a escolha desse sujeito foram suas falas constantes de que a rua era sua primeira casa em função do “ódio que tinha pela mãe” e do desconhecimento sobre o seu pai. Durante

⁵⁷ Ao perguntar a definição de Periguete Reservada, obtive a seguinte resposta: “É aquela que escolhe o menino que quer ficar, e não ele”. (Notas do Diário de Campo – NDC, maio de 2012).

⁵⁸ No Rio de Janeiro e São Paulo o proibidão é uma vertente do funk que explora de forma demasiada e explícita os temas da violência e do crime – inclusive com narrativas sobre os conflitos diários entre traficantes, moradores da favela e a polícia, elogios a facções ou traficantes, é uma marca do proibidão, bem como, a exaltação do poder bélico de determinadas comunidades ou da sexualidade/erotismo, muitas vezes narrando, sem nenhum pudor, situações eróticas vividas ou desejadas pelos intérpretes. No caso desta pesquisa o Proibidão, são espaços (móveis) distantes da abrangência militar, alocados para acontecer o baile funk, na qual, as músicas tidas como proibidos são tocadas e ovacionadas por todos. Desde aquelas que tratam de orgias e infidelidade, dos homens até aquelas que são respostas das mulheres para as falas dos maus-tratos que sofriam e de que devem ser infiéis ou promíscuas assim como os homens.

os nossos contatos saiu de casa três vezes e praticou o seu segundo aborto. Foi advertida na escola por estar portando uma arma, na qual afirmava querer acertar as contas com outra jovem. Trata-se de uma menina/mulher que possui um parceiro pertencente ao grupo do *Curumim*, e, por mais que demonstre gostar dele, não permitia que a controlasse. Outra característica importante, foi que sempre a encontrei na rua, já que aparecia em sua casa apenas para dormir. Quanto às diversas notificações no CREAS e no Conselho Tutelar, afirma que “nada disso tem importância, pois já cansou de ir lá e sua vida continuar a mesma coisa”. Dava muito valor para o grupo de amigas que, segundo ela, devem “ser fiéis, caso contrário a chapa esquenta”. Se autointitulava como uma perigete da moral⁵⁹ e abominava qualquer outro tipo de perigete, afirmando que essas devem apanhar. Apesar de que tivesse livre circulação pelo bairro, admitia ser uma defensora dos meninos do Curumim. Mesmo com seu biótipo ainda em desenvolvimento, por ter apenas 12 anos, sua fala era de comando, independente com quem seja, desde os gestores escolares, até a polícia local. Outro fato que me chamou a atenção foi quando a informei quanto às oficinas de dança no programa Fica Vivo e ela prontamente me disse: “Aqueles manés lá são todos X9, tá ligado; nem eu nem meu bonde vai lá não, a polícia bica lá direto, eu sou funkeira e gosto dos proibidões e se a gente tiver lá a gente nem vai ficar de boa” (Notas do Diário de Campo – NDC, junho de 2012).

O Sujeito 6 - *Bonde das Ariranhas*, possuía 14 anos, negra, encontrava-se matriculada no 7º ano. Vivia com os pais e demonstrava claramente mais apreço pelo pai, afirmando que ele sabia conversar e entendê-la. Sua função no bonde era de apaziguar situações de conflito. Era uma jovem muito carismática e muito preocupada com os problemas pessoais das amigas do

⁵⁹ Na definição do Bonde das Ariranhas, uma Perigete da Moral é aquela que sabe dar o seu valor, é sensual, umas tem namorado fixo, e outras não tem, rouba a cena aonde chega e assume seus atos. (Notas do Diário de Campo – NDC, 12 de abril de 2012).

bonde. Todavia a escolha desse sujeito se evidenciou pela sua forma de organizar o seu tempo para aproveitar os momentos de folga ou de lazer. Segundo ela, “as mulheres espertas faz os seus corre⁶⁰, durante a semana, só até quinta-feira, por que sexta é dia de ir para o salão, fazer as unhas, arrumar o pixaim⁶¹ e cair no funk até domingo” (Notas do Diário de Campo – NDC, abril de 2012).

O Sujeito 7 - Bonde das Ariranhas, possuía 12 anos, parda, encontrava-se matriculada no 6º ano. Mora com a mãe, mas passa a maior parte do tempo na casa do pai. Nesse aspecto, exaltou em todas as nossas conversas, um grande amor e respeito pelo pai, afirmando que ele conversa com ela e com as irmãs, como amigo, se mostrando sempre verdadeiro, e falava sobre tudo sem frescura. A escolha desse sujeito foi em função da sua forma debochada de tratar as músicas funk, bem como sua transparente parceria e fidelidade ao bonde. Fora advertida na escola, várias vezes, e seu histórico escolar apresentava registros de algumas suspensões. Além disso, sinalizou que possuía notificações no Conselho Tutelar, por motivo de danos causados à propriedade alheia, e depredação. Por diversas vezes verifiquei que se vinculava a distintas atividades em outros Bondes, principalmente ligadas à coreografia do funk. Demonstrava um sentido vigoroso de pertencimento ao bairro, e não gostava do que os noticiários diziam a respeito da criminalidade no Conjunto Morro Alto.

O Sujeito 8 - Bonde das Ariranhas, possuía 13 anos, parda, encontrava-se matriculada no 7º ano, vivia na casa da avó com seus tios e sua mãe. Seu papel no grupo era de uma participante comum, gostava de combinar com as demais colegas o tipo de roupa que iriam vestir para frequentar o baile. Todavia,

⁶⁰ Na definição do Bonde das Ariranhas “fazer um corre” para as mulheres é realizar um serviço, um bico, ou agilizar os serviços da casa, e para os meninos as vezes “fazer uns corre” é pegar drogas ou roubar (Notas do Diário de Campo – NDC, 25 de abril de 2012).

⁶¹ Chama-se de cabelo encarapinhado (ou cabelo tipo carapinha) um tipo de cabelo crespo, não liso, de cor natural negra ou escura.

apesar de afirmar que se uma amiga do bonde entrar numa confusão ela entra, as companheiras negaram essa afirmação, já que ela também virou patricinha⁶² depois que começou a namorar em casa. Além do funk como atividade de lazer preferida, mencionou que gosta de “ir ao shopping e jogar futebol”. A escolha desse sujeito se deu na fila da consulta ao ginecologista mencionado anteriormente, quando a encontrei na fila com sua mãe para pegar anticoncepcional. Nesse dia, ela afirmou com muita tranquilidade e risos, diante de sua mãe, que “tinha que tomar dois comprimidos por dia, pois gostava muito de sexo”. Por outro lado, em nosso GD, ela sempre se colocou desfavorável ao funk que trata a mulher como “uma qualquer”, e disse que “não gosta e não escuta, prefere o funk que trata da realidade da favela” (Notas do Diário de Campo – NDC, abril de 2012).

O sujeito 9 - Bonde das Ariranhas, possuía 12 anos, negra, encontrava-se matriculada no 6º ano. Sua postura no grupo também era de liderança, gostava de ser chamada de perigete, e adorava funk. Vivia com sua mãe e seus irmãos. Essa participante tinha muitas responsabilidades em casa, no que tangia ao cuidado dos irmãos, pois sua mãe trabalhava o dia todo. Dessa forma, foram poucas as vezes que a encontrei nas esquinas e no próprio bonde. Era ovacionada no grupo como aquela que “gostava de bater na cara”. No período em que nos conhecemos, ela estava sendo consolada pelo grupo, já que sua tia e sua prima haviam sido assassinadas⁶³ brutalmente pelo marido e pai da prima, da qual ela

⁶² É uma gíria que remete a uma mulher que tem uma preocupação excessiva em vestir-se de acordo com a moda, faz questão de ser protegida pelo parceiro pela grande insegurança em ser do sexo feminino. Mostra-se sempre com muita delicadeza, fragilidade e sensibilidade.

⁶³ O cabo PM Marcos Antônio Alves de Lima, de 45 anos, acusado de matar a tiros no domingo a mulher, Rosângela Alves Ferreira, de 40, e uma filha, Raíssa Alves de Lima, de 13, foi liberado nessa terça-feira à noite, depois de prestar depoimento na Delegacia de Homicídios de Ribeirão das Neves, na Grande BH. De acordo com o advogado do militar, Júlio César Santos, o Cabo Júlio, Marcos confessou os assassinatos, mas disse que não se lembrava das circunstâncias, porque na hora das agressões teria sofrido um surto. Júlio foi procurado no fim da tarde pelo colega de corporação, ao qual orientou que se

tanto gostava. Recordo-me que nesse dia, 16 de junho de 2012, o nosso encontro ficou comprometido, pois a polícia estava fazendo rondas no bairro e o grupo estava extremamente afetado com o ocorrido. Nesse aspecto, demonstravam grande revolta em relação à polícia, tanto que, faziam gestos obscenos e lançavam inúmeros palavrões quando a viatura policial passava por elas na esquina.

Sendo assim, após essa caracterização dos sujeitos, remeto o leitor para as considerações metodológicas frente a questões feministas.

3.3.4 Considerações Metodológicas e Feministas

A pós-modernidade trouxe-nos a pluralidade e o questionamento das certezas como marcas de uma época em que não há um único modelo a ser seguido (BOMBASSARO, 1995; CHALMERS, 1993; GERGEN, 1985). Diferentes paradigmas de

apresentasse. O PM foi indiciado por duplo homicídio e lesão corporal, porque outra filha, de 15, também foi baleada. Ela se submeteu a uma cirurgia no Hospital de Pronto-Socorro Risoleta Neves, em Venda Nova. Uma testemunha informou à PM que o cabo Marcos Antônio começou a discutir com a mulher por causa de uma conta de telefone no valor de R\$ 120. Além de manter o relacionamento com Rosângela há 19 anos, e ter quatro filhas com ela, o militar era casado oficialmente com uma outra mulher e tinha várias amantes, segundo testemunhas. Ao todo, teria 11 filhos. Durante o enterro: Enquanto os corpos de Rosângela e de Raíssa eram sepultados na tarde de 12 de junho no Cemitério da Saudade, na Região Leste de Belo Horizonte, bombeiros tentavam apagar um incêndio que destruiu parte da casa onde elas moravam e foram assassinadas. A Polícia Militar foi avisada do incêndio na casa às 14h10, quando parentes das vítimas se preparavam para o sepultamento. “Comparecemos ao local do incêndio, isolamos a área e acionamos os bombeiros. A motivação do incêndio cabe à Polícia Civil apurar”, informou o tenente Lopes, da PM. Segundo ele, houve risco de outras casas serem atingidas pelo fogo. “Tudo indica que o foco inicial do fogo foi externo. Havia garrafas, papelão e muito material inflamável junto à cerca”, conta o perito da 3ª Delegacia Regional da Polícia Civil, Heuber Dornas. “O caso será encaminhado ao delegado responsável para apurar as causas do incêndio. Há várias hipóteses, inclusive de incêndio criminoso. Qualquer pessoa que passasse na rua poderia ter colocado fogo, como também pode ter sido acidental”, afirmou o perito, que não teve como entrar na casa, que tem dois pavimentos. “A casa precisará de uma reforma. A Defesa Civil vai avaliar se a estrutura foi abalada”, conclui o perito. Fonte: Jornal Estado de Minas, matéria publicada em 13/06/2012. http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/06/13/interna_gerais,299767/cabo-da-pm-diz-que-matou-mulher-e-filha-durante-crise-nervosa.shtml

pesquisa, qualitativas e quantitativas coexistem na atualidade como formas, igualmente válidas, de construção do conhecimento científico, os quais procuraram se adequar aos problemas que se propõem a investigar e aos interesses e filiações teóricas de cada pesquisador (BENZ ; NEWMAN, 1998; HABERMAS, 1982). Nesse sentido, as formas pelas quais problematizamos uma questão afetam o modo como a investigamos, tanto quanto diferentes métodos de investigação destacam diferentes evidências e, assim, podem conduzir a diferentes resultados (SLIFE ; WILLIAMS, 1995; WILKINSON, 1986).

Desse modo, em cada sociedade há um regime de verdade com seus mecanismos particulares de produção. A verdade nunca está fora do sistema de poder e não há uma verdade sem poder (FOUCAULT, 1969, 1975). As teorias, antes que verdades absolutas, são apenas diferentes maneiras de construir e organizar o conhecimento e referendar uma práxis legitimada por determinada comunidade científica, em determinado contexto histórico. Faz-se necessário, nesse sentido, embora ainda cheio de tabus em nosso meio científico, assumir que nossas escolhas são também atos políticos, mesmo em se tratando de escolhas de métodos de pesquisa ou das teorias com as quais escolhemos trabalhar (FONSECA, 1997, 2000a; FOUCAULT, 1979/2002; JONES, 1994). Dessa maneira, como produção social, a pesquisa possui uma carga ideológica, pois os construtores são pessoas históricas, situadas em épocas e contextos concretos. Sendo assim, o pesquisador ocupa um lugar ativo, pois não há correspondência imediata entre o empírico e o teórico, mas um processo de interpretação e construção (REY,2005).

A escolha da teoria crítico-feminista centrada no repertório da 'desconstrução', 'interseccionalidade', 'sentidos', 'significados', 'complexidade' e 'subjetividade' (BUTLER, 2003; BILASORJ, 1992; HARAWAY, 1995; HARDING, 1996; BRAH, 2006; TILLY, 1990; REY, 1997; MORIN, 2000) comungam com uma

abordagem discursiva (FOUCAULT, 1969, 1975; PÊCHEUX, 1969/1983) como alicerces teórico-metodológicos deste estudo que explicita o caráter ativista intrínseco à ética das abordagens críticas (GUBA ; LINCOLN, 1994).

Entretanto, a epistemologia feminista também não representa um “domínio” estável; pelo contrário, constitui um espaço de contestação e de dúvida acerca do que é considerado “conhecimento”, quem o define e como este é capturado pelo sujeito do conhecimento (HARDING, 1986). Assim como feminilidades, proposto no título deste estudo torna-se mais apropriado falar em epistemologias e em metodologias, no plural, uma vez que não há uma única forma de produção do conhecimento, mas várias, tendo em vista o arcabouço de diferentes teorias. Desse modo, as epistemologias feministas abrem-se para um campo interdisciplinar e defendem a pluralidade metodológica, na qual homens e mulheres fazem ciência de formas diferenciadas.

A ciência positivista, considerada androcêntrica pelas epistemologias feministas, associou a objetividade à masculinidade, o que conduziu a presumir que, para ser objetivo, requer-se um distanciamento e uma separação entre razão e emoção (EICHLER, 1988; JAGGAR, 1997). As epistemologias feministas entendem que o conhecimento é sempre situado, posicionando-se contra a objetividade e a neutralidade características da ciência positivista androcêntrica (KELLER, 1985; Harding, 1986). Nesse aspecto, defendem o papel da emoção e da experiência feminina na produção do conhecimento científico. Todavia, a imparcialidade, nesse contexto, não é possível, nem sequer desejável, especialmente porque se encontra comprometida com a mudança social (MCHUGH ; COSGROVE, 2004; NEVES ; NOGUEIRA, 2003; WILKINSON, 1986, 1998).

Nesse contexto, as principais linhas epistemológicas feministas são: o empiricismo feminista, a teoria do ponto de vista feminista (*feminist standpoint theory*), o construcionista social, o

feminismo pós-moderno *pós-estruturalista e desconstrucionista* e, mais recentemente, a *epistemologia feminista* com base na física quântica, na pesquisa irônica (*satirical empiricism*) (HARDIN, 1986, 1987; MCHUGH ; COSGROVE, 2004; NEVES ; NOGUEIRA, 2003) e no pensamento complexo (MORIN, 2005;REY, 1997).

As metodologias feministas são descritas na literatura (BRUSCHINI, 1992; CHRISLER ; SMITH, 2004; DIAS, 1992) como instrumentos ou estratégias de mudança social que refletem perspectivas de diferentes epistemologias. A complexidade da investigação feminista envolve a preocupação com todo o processo de condução da investigação. As preocupações comuns das diversas epistemologias e metodologias iniciam com a escolha do delineamento a ser utilizado na pesquisa, uma vez que diferentes métodos conduzem a distintos resultados. Sendo assim, os pressupostos epistemológicos, ontológicos e éticos implícitos nos delineamentos de pesquisa apresentam implicações políticas, podendo estar a serviço de interesses diversos. As metodologias feministas assumem o caráter intrínseco das abordagens críticas (GUBA ; LINCOLN, 1994), tendo como objetivo comum a mudança social, o resgate da experiência feminina, o uso de análises e de linguagens não sexistas (EICHLER, 1988), como também o empoderamento dos grupos oprimidos, em especial das mulheres de classes populares. Empoderamento é o termo advindo da expressão 'empowerment' (LEON, 2000) que remete à capacidade das mulheres de terem controle sobre suas próprias vidas, inclusive sobre seus corpos.

Nessa perspectiva, a pesquisa feminista tem especial preocupação com o lugar do/a investigador/a na relação com os/as participantes e com o impacto da investigação nos/as pesquisados/as. Na investigação feminista, a relação desigual de poder entre o/a investigador/a e o/a investigado/a é trabalhada de forma que a perspectiva do/a último/a seja validada e reconhecida como fundamental, considerando-se os/as participantes

protagonistas das suas próprias experiências (CHRISLER ; SMITH, 2004; NEVES ; NOGUEIRA, 2003; TEITELBAUM, 1997; NEUBERN, 2005).

Nessa perspectiva, são igualmente válidas quaisquer abordagens de pesquisa, qualitativas ou quantitativas, desde que construídas e analisadas sob uma perspectiva não sexista. Sendo assim, as abordagens qualitativas são classicamente utilizadas na pesquisa feminista (MCHUGH ; COSGROVE, 2004), entre elas foram utilizados como principais instrumentos de registro, as entrevistas individuais semiestruturadas (EI) os grupos de discussão (GD) e as anotações sobre as observações de Campo (OC), sendo que este último se estendeu ao longo de todo o processo. É relevante destacar que alguns procedimentos foram planejados previamente, outros contaram com a urgência e com a incerteza (PERRENOUD, 1999, cit. FRANCO, 2005, p.497).

Nesse sentido, esta pesquisa apresenta natureza qualitativa, pois abarca fenômenos que acontecem na sua dinâmica social e prevê abordagem hermenêutica⁶⁴ (análise interpretativa das declarações verbais e não verbais) dos dados coletados e das cenas observadas a partir desse fenômeno (UDE, 2008; APPOLINARIO, 2004; SUDBRACK, 2006). Assim, o foco não deve recair nem apenas no sujeito, ignorando seu contexto social, nem apenas no contexto, ignorando suas particularidades, mas na relação entre ambos, concebendo o sujeito como sócio-historicamente situado. Nesse aspecto, Vygotsky (1998) também salientou que o objetivo do investigador na pesquisa qualitativa deve ser o de analisar processos, não objetos, levando em consideração as mudanças e não a estabilidade. Para esse autor, a base do estudo teórico é o estudo histórico que, não significa apenas rever o

⁶⁴ A hermenêutica é a ciência que estabelece os princípios, leis e métodos de interpretação. Em sua abrangência trata da teoria da interpretação de sinais, símbolos e leis de uma cultura.

passado, mas também estudar o presente, ou seja, o estudo de algo em seu processo de transformação.

Nesse aspecto, coadunar com a pesquisa como uma atividade humana, constitui entendê-la como um processo interativo com implicações políticas que produz influências e gera valores. Dessa forma, cabe ao pesquisador revelar seu enraizamento social através de uma retrospectiva sobre si mesmo, no intuito de reconhecer sua implicação, influenciada por sua classe social de origem; e refletir ainda, sobre a própria formação a fim de minimizar a ocorrência de interpretações forjadas (BARBIER,1985). Por isso, iniciei este capítulo com as reminiscências da minha vida, que me proporcionou um reencontro. Concordo com Demo (1991), quando diz que um pesquisador atento em sua tarefa de descobrir e criar, necessita, num primeiro momento, observar e questionar. Esse questionamento é que nos permite ultrapassar a simples descoberta para, através da criatividade, produzir conhecimentos pertinente e contextual. Sendo assim, apresento a observação de campo realizada, pois considere que era possível caminhar para um rico diálogo com a realidade.

3.3.5 Quanto à observação de campo (OC) do tipo participante

Os primeiros contatos com as instituições – CRAS⁶⁵, CREAS⁶⁶, Conselho Tutelar, Fica Vivo, escolas, delegacias de polícia - nas quais as jovens poderiam ter passado possibilitaram a composição para a elaboração das primeiras perguntas, como também, apontava para as possibilidades e limites do campo. Em um desses contatos, fui convidada a participar da reunião de

⁶⁵ CRAS – Centro de Referência de Assistência Social.

⁶⁶ CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social.

técnicos⁶⁷ e oficinairos⁶⁸ do Programa Fica Vivo, com o propósito de me apresentar aos técnicos e explicar mais detalhadamente os objetivos da minha pesquisa aos oficinairos. O interesse pela pesquisa foi claramente demonstrado pelos oficinairos, que participaram bastante com diversas perguntas e se colocando à disposição para me auxiliar no que fosse necessário. Foi nesse dia que saí dessa reunião convicta de que o dispositivo de grupo era uma ferramenta interessante para se trabalhar com jovens, de modo a aproveitar sua capacidade de raciocínio e elaboração crítica sobre a realidade.

A OC forneceu-me um diverso aparato de registros durante o tempo em que permaneci no *lócus* do estudo, cerca de um ano e oito meses. Para Mann (1996), a observação de campo do tipo participante representa uma tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo que viva e trabalhe dentro do sistema de referencia dos observados.

Nesse sentido, tornar-se parte de uma cena social e participar dela, requer que o pesquisador seja aceito em algum grau. Esse movimento desafia considerar o familiar como estranho. Ademais, ao negociar o acesso a uma organização, por exemplo, o pesquisador deve estar ciente das relações de poder na situação.

Um fato que merece destaque, nesse período, foi meu contato na escola onde estudei e trabalhei como docente durante muitos anos no Conjunto Morro Alto – Escola Renato Azeredo. Foi a minha primeira visita institucional, até porque acreditava que seria a

⁶⁷ Equipe técnica é o nome dado ao conjunto de profissionais de psicologia, pedagogia, saúde, assistência social e jurídica, responsáveis pelo acompanhamento dos jovens que participam das atividades do programa.

⁶⁸ É um jovem preferencialmente morador da área de abrangência do Centro de Prevenção à Criminalidade – Fica Vivo; que conduz as atividades de dança, desenho, pintura, etc. Um oficinairo deve demonstrar habilidade no trabalho com os jovens que se encontram envolvidos com a criminalidade e ter capacidade para compreender a política de segurança e a metodologia que orienta o Programa.

entrada mais fácil no campo. Grande engano! As reações diante da minha presença causou uma sensação de desconforto pessoal no gestor atual, que em conversa comigo, fora enumerando diversos empecilhos, para que eu não entrevistasse as meninas funkeiras da sua escola. Alegou estar iniciando sua carreira de gestor escolar e que teria que solicitar mais informações junto à inspetora educacional, quanto à realização de pesquisas com seus alunos. Marcamos um novo contato, quinze dias depois, e para minha surpresa, o gestor deixou apenas um bilhete junto às minhas solicitações de observação, alegando que a escola já estava acolhendo um pesquisador aceito anteriormente, e a presença de mais um investigador iria atrapalhar o andamento das atividades. Contudo, aprendi com esse episódio. Percebi que as suspeitas eram compreensíveis devido à atmosfera politicamente carregada que cercava a instituição escolar, bem como os resultados positivos que a escola sempre necessitava apresentar. Acredito que para ele, pesquisar meninas funkeiras, seria o mesmo que anunciar problemas.

Dentro desse contexto, fui salva pelos registros no diário de campo que sempre deixava um espaço contextual para registrar minhas emoções e experiências pessoais, “o eu foi parte da realidade das anotações de campo” (WATSON, 1994). Os contatos nas demais instituições fluíram sem contratempos inesperados.

Ao fazer as anotações surgia o sentimento de que poderia ter perdido algo durante a observação, ou estava sendo seletiva, ou ainda geral demais. A este respeito, Severyn Bruyn(1966) auxilia-nos listando seis índices do que ele chama de “adequação subjetiva” para reforçar o entendimento do pesquisador e, assim, a validade da pesquisa. São eles: o tempo, o lugar, as circunstâncias sociais, a linguagem, a intimidade e o consenso social. Embora esse conceito tenda a ser expresso em termos de uma estrutura positivista, as ideias de Bruyn auxiliam-nos no processo contínuo de reflexão.

Dessa forma, tomando o ‘lugar’⁶⁹ onde os fatos acontecem, significou concentrar-me, no ‘*tomar o lugar*’ que significou para mim considerar a influência das situações físicas sobre as ações. Passei pois a registrar no meu *diário de campo* (DC) não apenas as interações observadas, mas também o ambiente físico no qual elas aconteciam. Foi abrindo mais os olhos para este detalhe que percebi a dinâmica do bairro durante o dia e durante a noite. Na verdade, percebi que no Conjunto Morro Alto, havia uma presença marcante de diversos sons muito mais expressivos à noite, desde igrejas evangélicas, a carros de propaganda, bem como de funk e rap. Os pontos de ônibus ficavam cheios de gente, de todas as idades, não porque estavam esperando o ônibus, mas porque aquele ‘lugar’, possuía mais uma funcionalidade – ponto de encontro, descanso, pausa na janta - até que o feijão cozinhe - e bate papo. Apesar de ter uma pracinha com bancos, construída pela prefeitura na área da ‘lagoa’, as pessoas passavam por ela e se

Dentre essas experiências, destaco ainda a participação em algumas oficinas de dança uma de Axé e a outra de *Break*, ambas do programa *Fica Vivo*, as quais funcionavam nas terças e quintas a partir das 14h, em um cômodo próximo à praça da lagoa. Apesar de se tratar de oficinas de axé e *break*, todas as vezes que estive na oficina os jovens estavam dançando o *funk*. Todavia, é importante destacar que na presença de técnicos do programa que, em determinadas ocasiões visitavam as oficinas, tanto as músicas quanto as coreografias voltavam a ser de axé ou *break*. Entretanto,

⁶⁹ É pertinente clarificar que ao conceito de lugar, enquanto dimensão da relação entre a pessoa e o ambiente físico ao evocar sentimentos de pertença, foi agregado à conotação temporal que possibilita a instauração da ligação do indivíduo com seu passado, presente e futuro coletivos. Logo, o lugar inscreve-se no âmbito dos sentimentos acerca do ambiente e do seu significado (Bauman, 2003). Um lugar pode, ser conceituado em termos de dimensões temporais individuais e coletivas, até porque estas relações estão imbuídas de aspectos espaciais, culturais e temporais. Ao compreender que a concepção e o histórico que a pessoa constrói dos lugares desenrolam-se no tempo e caracterizam se por continuidade, descontinuidade e transições, rupturas, ganhos e perdas, de significados e sentidos vários para o sujeito (Speller, 2005).

ao se despedirem, o funk ocupava espaço. Há uma cumplicidade entre jovens participantes e oficinairos, na qual um não atrapalha o espaço do outro. Ficou perceptível que os territórios masculinos e femininos, dentro da oficina, se inter cruzam em: ‘eles dançando para elas’, exibindo o abdômen sarado, e, nesse caso eles repetem a mesma coreografia que elas, rebolando e reproduzindo os gestos com conotações sexuais; e ‘elas dançando para elas’ sempre num tom de competição.

Todas as observações foram registradas no diário de campo (DC), como já mencionei nos tópicos anteriores. Esse caderno foi dividido em partes da seguinte forma: as informações das instituições locais; o que observava e sentia durante a observação; situações que mais mexiam comigo; desenhos de trajetos que realizava bem como sua dinâmica; acontecimentos importantes para a pesquisa, como eventos de lazer que envolvia a cotidianidade das jovens; encontros inesperados em esquinas; bares; e saída de escolas.

A OC foi muito útil ao longo do percurso e, através dela, consegui me preparar para a outra fase da metodologia, os *grupos de discussão* (GD) e as *entrevistas individuais* (EI).

3.3.5 Quanto aos grupos de discussão (GD)

A utilização da técnica de grupo pretendeu criar um espaço, no qual se pudesse também construir, coletivamente, possíveis análises quanto ao processo de produção social das feminilidades. Analisar ainda, o protagonismo dessas jovens nas atividades realizadas num bairro popular favelizado, e suas relações

com a violência, zoação⁷⁰, e poder nos momentos de lazer em bailes *funk*. A situação grupal permite ao pesquisador obter informações que na entrevista individual podem não surgir, e vice-versa, uma vez que verifiquei mudanças na postura das jovens nos dois contextos.

Nesse sentido, para melhor compreensão dos códigos, dos sentidos e significados da menina/mulher jovem, negra funkeira e participante de Bondes, o grupo foi de extrema importância. Dessa forma, o coletivo que foi diversas vezes disparado nos grupos criava elementos passíveis de desestabilizar os sujeitos, em sua configuração individual, pois convocava-as a uma construção a partir da multiplicidade. “O objetivo é incitar aqueles que vivem e trabalham, a por em palavras um ponto de vista sobre sua atividade, a fim de torná-la comunicável e de submetê-la à confrontação de saberes” (SCHAWRTZ, 2010, p. 163). Os grupos de discussão funcionaram como uma espécie de entrevista de grupo, mas não como um processo de perguntas e respostas, mas sim, de interação entre os participantes a partir de temas relacionados aos objetivos da pesquisa, fornecidos pela pesquisadora, a qual ocupa lugar de moderadora do grupo. Os tópicos não foram apresentados em forma de perguntas, mas de estímulos para introduzir o assunto

⁷⁰ Chama-se de “zoação” – formas de manifestações juvenis que visam, na maioria das vezes, desconstruir o ambiente, introduzindo uma lógica que contraria a lógica normativa estabelecida. Porém, tal tema não é entendido dessa forma por todos, o que acaba gerando conflitos, sobretudo, entre alunos e professores. Desse modo, o artigo intitulado “Zoação e Processos de Escolarização Juvenil”, de Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves e Paulo Henrique Queiroz Nogueira, analisa cenas escolares, mostrando o quanto essa prática constrói níveis importantíssimos de sociabilidade dos alunos entre si e conserva a ambiguidade entre identidade discente e identidade juvenil. Na primeira, encontram-se elementos que contradizem essas regras preservando a liberdade juvenil. A zoação, se percebida como algo pró-ativo, poderia ajudar na construção de uma escola liberada de formas instituídas e persistentemente velhas (GONÇALVES E TOSTA, 2008, p.10). Assim, esse conceito de “zoação” não pode ser interpretado apenas como violência, mas como um processo que no dizer dos autores acima; explicitava essa condição paradoxal posta pela articulação entre as duas identidades que se combinam produzindo, ao mesmo tempo, a conservação dos objetivos propostos pela escola e sua (re) significação pelos jovens ao orientarem suas ações no âmbito escolar. (GONÇAVES e NOGUEIRA in GONÇALVES ; TOSTA (orgs), 2008. p.123)

que, no decorrer da conversa, solicitava comentários ou descrições de experiências, evitando sempre demonstrar opiniões que pudessem influenciar as respostas.

Como grande parte dos nossos encontros se deram no espaço da rua, da praça, da esquina e do baile funk, precisava articular um local para os grupos de discussão. Estava certa de que, usar a escola na qual elas estudavam, não seria o espaço ideal para que elas se sentissem a vontade para expressar suas idéias, questionamentos e tensões. Como ficávamos sempre próximas ao Curumim, procurei a coordenadora do local para conhecer o espaço e ver se ali seria possível realizar os GD. Ela foi muito atenciosa e se colocou à disposição. Nesse dia, eu estava com mais três jovens, ela nos convidou a entrar, serviu refrigerante para as jovens e convidou-me a conhecer as duas salas que ela teria para disponibilizar. Parecia que “os ventos sopravam a nosso favor”, a sala era ideal, ventilada, espaçosa, longe do barulho de crianças que frequentavam o espaço Curumim, além de possuir cadeiras, banheiro e bebedor. As jovens que estavam presentes neste dia também aprovaram. Deixei a sala reservada todas as sextas, no final da tarde, pois ainda tinha dúvidas se conseguiria reunir todo o grupo de uma vez só. Todavia, encarando o desafio, liguei para cada uma delas. Fiz o convite, disse ainda que poderiam levar outras jovens do Bonde, falei sobre o local escolhido para o nosso “bate papo”, já marcando dia e horário.

Assim, em todos os nossos encontros, contei com a presença de todas as jovens que participaram também da entrevista. Como já tinham certa liberdade comigo, pelos diversos contatos que já tínhamos tido, no espaço da rua foi tranquilo iniciar as atividades com elas no grupo. No primeiro dia, fiz uma apresentação um pouco mais detalhada em relação aos nossos primeiros contatos, contando brevemente minha história e relação com o bairro, motivação e objetivos de estar ali, enfatizando sempre que aquele momento era um ‘bate papo’ especial; que desejava

construir novos conhecimentos junto com elas, sobre a situação real de vida delas, como ser menina/mulher em um bairro popular criminalizado, que sabendo da carga de trabalho que elas tinham, por serem meninas/mulheres, me interessava identificar em quais momentos e como elas viviam o lazer. Sendo assim, elas poderiam falar livremente sobre o que quisessem. Estava muito calor no primeiro dia, optamos por sentar no chão da sala e em círculo, o que se tornou um hábito em todos os outros encontros. Como a relação delas com a música funk é muito forte, elas traziam sempre em seus celulares, funks novos para me mostrar. Era um espaço também para me apresentar um universo que eu desconhecia e elas “dominavam”. Como nos alerta Rey, “um grande músico, com suas visões singulares, pode desencadear uma mutação dos sistemas coletivos de escuta. A relação de um indivíduo com a música e com a pintura pode gerar um processo de percepção e de sensibilidade inteiramente novo”. (REY, 2005, p.18)

Desse modo, foram utilizadas as seguintes palavras-chave, para as quais foi solicitado que dissessem o que pensavam sobre elas: família, diversão, tempo livre, dançar funk, bonde, violência, rua, perigete, feminilidades, polícia, gírias, códigos.

3.3.6 Quanto às entrevistas semiestruturadas e individuais (EIS)

Na entrevista semiestruturada, o investigador tem uma lista de questões ou tópicos para serem preenchidos ou respondidos, como se fosse um guia. A entrevista tem relativa flexibilidade. As questões não precisam seguir a ordem prevista no guia e poderão ser formuladas novas questões no decorrer da entrevista (MATTOS, 2005). As principais vantagens das entrevistas semiestruturadas são as seguintes: possibilidade de acesso a

informação além do que se listou; esclarecer aspectos mais gerais do sujeito; ampliar pontos de vista, auxiliar nas orientações e nas hipóteses para o aprofundamento da investigação e definir novas estratégias e outros instrumentos (TOMAR, 2007).

Dessa forma, a entrevista constitui um instrumento privilegiado de acesso à experiência dos sujeitos permitindo conhecer internamente seus dilemas e questões. Concordando com Lane (1984), quando nos diz que “a história individual é considerada enquanto história social que antecede e sucede a história do indivíduo”. Nesse ponto, o enfoque histórico-cultural, que assumi neste estudo, partiu de dois princípios que influenciam a prática da entrevista: *O primeiro* parte de um sujeito historicamente constituído em sua subjetividade, em suas ações sociais, dentro de um contexto histórico e culturalmente determinado. Nesse sentido, rompe o dualismo do social em relação ao individual, e enfatiza o caráter singular constitutivo do sujeito, no qual se diferencia de princípios únicos e universais, e ainda, se separa dos enfoques que negam o sujeito e o reduzem a convenções do discurso. *O segundo* atribui ao sujeito uma capacidade de subjetivação geradora de sentidos e significados em seus diferentes sistemas de relação, os quais podem ter um caráter transformador sobre a configuração de seus processos.

Nesse contexto, a escolha dos sujeitos para a entrevista buscou atender aos objetivos da pesquisa, configurando-se, portanto, como intencional no que tange à delimitação de gênero, faixa etária e classe social.

A entrevista buscou relacionar a construção social das feminilidades com as escolhas e atividades de lazer das jovens moradoras de bairro popular favelizado e interpretá-las por meio dos princípios do pensamento complexo. As diferentes formas de entender a relação entre as partes e o todo, ampliam, o entendimento de quais estratégias são necessárias e usadas por elas para se tornarem protagonistas de suas histórias de vida. Além

disso, reafirmar a aplicabilidade dessa metodologia a um mundo considerado em crescente interconexão e interdependência, possibilitou estabelecer nexos e tensões entre distintas dimensões da vida cotidiana.

Nesse sentido, foram tomados todos os procedimentos éticos necessários para realização das entrevistas, tais como TCLE – termo de consentimento livre e esclarecido, segundo as faixas etárias do estudo, com inclusão de descrição de riscos e benefícios, informações quanto à destinação dos dados, explicitação de direitos dos sujeitos de pesquisa (recusa e de desistência), e da garantia de confidencialidade.

As entrevistas individuais abordaram temas referentes à cotidianidade dos sujeitos, as relações estabelecidas por elas nos Bondes, as transgressões, a família e a escolha dos bailes funk, como uma das principais atividades de lazer. Havia um roteiro pré-estabelecido (APÊNDICE A) com os temas gerais a serem tratados. A entrevista teve mais uma característica de conversa aberta, na qual algumas vezes nem era necessário realizar algumas perguntas pois as respostas emergiam a partir da primeira pergunta. Desse modo, “refletir sobre si mesmo, pensar sobre sua cultura, seus valores, sobre a história que constituem grupo social ao qual pertence, permite dar novo sentido aos sujeitos” (DUARTE, 2004, p.220).

Desse modo, descrevo no próximo item a minha inserção no campo de estudos, bem como as estratégias e desafios enfrentados.

3.4 A inserção da pesquisadora no campo de estudos

A escolha pela linha de pesquisa “*lazer, cidades e grupos sociais*” representou um bom momento para dar início à

apresentação desta retrospectiva. Foram tantos lugares, pessoas, coisas e situações novas com as quais me deparei, bem como diversos sentimentos experimentei.

Alguns fatos foram mais marcantes que outros, como o meu retorno ao Conjunto Morro Alto, enquanto pesquisadora, fazer o primeiro passeio de carro nas ruas do Conjunto Morro Alto, lugares recheados de histórias que eu sabia contar, ruas hoje asfaltadas, que andei com pés descalços. O sentimento é diferente das outras diversas vezes que estive ali, até mesmo como profissional da educação, ou como geógrafa da prefeitura de Vespasiano. Fui recordando aos poucos os endereços com letras e números, nos quais minhas amigas ainda podiam morar. Encontrei amigos e amigas, e vivi muitos reencontros que me encheram de alegria. No entanto, acreditava estar blindada com o *colete* do pesquisador que suportaria e teria estratégias para as surpresas que aparecessem.

Do mesmo modo, Geertz (1989) apesar de não concordar com a contundência da crítica pós-moderna ao trabalho de campo, reconhece as mudanças que ocorreram nas relações entre os observadores e os observados:

O fim do colonialismo alterou radicalmente a natureza do relacionamento entre os que perguntam e olham e os que são perguntados e se tornam objetos do olhar. O declínio da fé no fato bruto, a fixação de procedimentos em matéria de ciências humanas, e na vida acadêmica em geral, alteraram não menos radicalmente a concepção dos que perguntam e olham sobre o que eles estavam tentando fazer (GEERTZ, 1988, p.60).

Nesse sentido, as mudanças em minhas concepções começaram a surgir. Notícias de grandes tragédias não paravam de chegar, tive a sensação de que as pessoas necessitavam falar sobre os assassinatos, sobre o tráfico, sobre os assaltos, sobre as

guerras⁷¹ locais, sobre as agressões, e sobre a polícia. Cheguei a pensar em desistir de pesquisar temáticas que envolvessem violência. Entretanto, a ansiedade e a vontade de expressar daquelas pessoas que encontrei, no primeiro dia de visita ao bairro, me atravessaram, e eu não fiquei ilesa, fui afetada literalmente.

Da viagem não saí a mesma, nem aos olhos alheios nem aos meus. Aprendi, a duras penas, a cultivar o envolvimento compreensivo, isto é a participação afetuosa e emocionada nos seus dramas diários, sem me deixar levar pela piedade que sempre desemboca num paternalismo e na recusa à dignidade delas (ZALUAR, 1997, p.11).

Dessa forma, tinha mais uma tarefa, tentar comunicar o não dito, tentar captar a subjetividade na cotidianidade dos sujeitos que mais vivenciavam os espaços conflituosos na Região do Conjunto Morro Alto. Entretanto, esses sujeitos eram femininos/mulheres. Em outras palavras, a pesquisa torna-se participante porque não pretendia invadir um movimento social, mas iria ao seu encontro por solicitação dos seus integrantes; como diz o antropólogo:

Conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a sua história de classe. Aprender a reescrever a História através da *sua* história. Ter no *agente* que pesquisa uma espécie de gente que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a *pesquisa participante* – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular (BRANDÃO, 1983, p.10).

Considerando, então, a necessidade de explicitar o máximo possível as condições subjetivas em que o trabalho de

⁷¹ O termo “guerra” será utilizado neste estudo, respeitando a forma como os sujeitos da pesquisa se referem aos momentos de conflito entre os grupos do narcotráfico instalados no bairro.

campo é realizado, numa pesquisa de mestrado, dediquei-me a descrever algumas questões relevantes da minha inserção nesse cenário de estudos.

Em 26 de novembro de 2011, acontecia no Conjunto Morro Alto um evento chamado “Ação Global⁷²”, com diversas atrações e serviços. A minha ida ao evento representou minha primeira estratégia de pesquisa. Sendo assim, iniciei minha investigação, delimitada por uma fase exploratória⁷³. Queria perceber a participação das meninas/mulheres em espaços institucionalizados para o lazer. Buscava identificar lugares tais como, bailes funk, pancadões clandestinos, frequentados por meninas/mulheres, e mapear seus percursos por esses espaços no entorno de escolas, esquinas, praças e outros. Considerava esses territórios propícios à investigação proposta, considerando minha inserção na comunidade, como educadora e ex-moradora.

O cenário com o qual me deparei nesse dia não era totalmente desprovido de tranquilidade. De certos ângulos, parecia mesmo um calmo bairro de subúrbio, de intensa vida social entre vizinhos. Todavia, me deparei com grandes surpresas, na relação observador/observado, tal como descreve Schwartz e Schwartz :

Para nossos fins, definimos a observação participante como um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e, em participando com eles em seu ambiente natural de vida, coleta dados. Logo, o observador é parte do contexto, sendo observado, no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto. O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado, o observador pode dispensar

⁷² Focado nas necessidades das famílias brasileiras, o projeto Ação Global atua como uma rede solidária de atendimentos nas áreas de saúde, educação, documentação, esporte e lazer. Fonte: <http://glo.bo/S5zFwG>

⁷³ Segundo Minayo (2002, p.26), a fase exploratória é um tempo em que o pesquisador começa a se interrogar preliminarmente sobre o objeto, os pressupostos, as teorias pertinentes, a metodologia apropriada e as questões operacionais para levar a cabo o trabalho de campo.

muito ou pouco tempo na situação da pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte integral da estrutura social ou ser simplesmente periférica com relação a ela. (SCHWARTZ e SCHWARTZ *apud* HAGUETTE, 1987, p. 238)

Nesse sentido, por compreender a *Observação Participante (OP)* como uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitem, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade (DEMO, 1997; BECKER, 2001); elegi essa perspectiva, para dar início às atividades e coletar as primeiras informações. Desse modo, a observação participante se constitui em um método em que o pesquisador toma parte do cotidiano do grupo ou organização pesquisada. Foi exatamente o que aconteceu, como descrevo no meu diário de campo:

Eu estava sentada em um banco na pracinha da lagoa, observando o evento – Ação Global - vez ou outra, retirava um bloquinho do bolso e realizava anotações. Algumas pessoas me reconheciam dos tempos de escola e se aproximavam. Na mesma rua do evento, fui até a residência de um líder comunitário e quando conversávamos dois conselheiros tutelares chegaram, solicitando informações sobre o paradeiro de um jovem rapaz. Pareciam-me contatos interessantes para alcançar as jovens meninas do bairro envolvidas nos conflitos locais (NDC, 26 de novembro de 2011).

Ao saberem dos motivos da minha presença no bairro, bem como, meu interesse de pesquisa, já articularam uma rede solidária para me fornecer as primeiras e valiosas informações. Passadas quatro horas explorando aquele espaço festivo de reencontros, bem como, aproveitando o “som” do pagode que balançavam as caixas de som durante o evento, fui surpreendida com a chegada de seis jovens mulheres que se aproximaram, fechando uma roda em meu entorno. Apresentavam feições investigativas, e sem rodeios logo lançaram a pergunta: “Você já

morou aqui?” “Eu respondo sim” imediatamente! A minha afirmação faz com que elas mudem as feições investigativas para feições mais amigáveis. Com falas do tipo: “Acho que me lembro de você...” “Você tem um irmão chamado tal...” Para quase todas as perguntas minha resposta foi afirmativa. Percebi que estava sendo observada e que já tinham um histórico parcial da minha vida. Rapidamente me encarrego de esclarecer o motivo da minha presença e falar sobre a pesquisa. Ao perceberem que a “mulher” seria a protagonista em meus estudos, elas se animam e imediatamente dão início ao segundo processo, também passível de acontecer em trabalhos com pesquisas sociais; confundir um pesquisador como alguém que irá salvar ou resolver todos os problemas da comunidade (NDC, novembro de 2011). No entanto, estabeleci uma relação que permitia que elas, fizessem reclamações, acerca da falta de estrutura e da segurança no Conjunto Morro Alto. Além disso, reclamavam muito também dos serviços de saúde e, em meio a tantas queixas, fizeram um convite um tanto quanto inusitado: “venha um dia de madrugada para a fila do posto de saúde, mas tem que ser no dia de marcar ginecologista, você vai ver o nosso sofrimento; mas vai ser bom porque lá é cheio de mulher, menina, perigete, todas vão querer participar da sua pesquisa” (NDC, 26 de novembro de 2011). Mal sabia que ali estava o meu primeiro achado da pesquisa e meus primeiros sujeitos. Nosso papo se arrastou, por mais meia hora, um diálogo composto por gritos ao pé do ouvido, fato explicado pelo local onde fui abordada por elas, próximo à caixa de som.

Não demorou muito, até me convidarem para tomar uma cerveja no *bar da Sandra*. O nome do bar me chamou a atenção, afinal era de uma mulher, acontecimento raro em bairros populares favelizados, já que normalmente os homens são os donos dos estabelecimentos comerciais.

Dessa forma, passei por uma investigação por parte delas, de forma muito tranquila, percebi que elas queriam confirmar

se eu estava disposta realmente a estar com elas. Criei os primeiros vínculos a partir dessa data, fui convidada para diversas atividades no bairro, e nos encontrávamos com frequência, e então resolvi conferir de perto a fila da marcação de exames ginecológicos. Não tive muita escolha, minha alternativa foi entrar na fila e marcar uma consulta também, para ter como justificar minha presença ali; mesmo porque, 4h da madrugada de uma quinta-feira, em frente ao posto de saúde, só pode ser para marcar consulta. “Realmente o que elas me disseram se confirmou” (NDC, 19 de janeiro de 2012). Lá estavam dezenas de meninas, mulheres na fila para marcar o exame ginecológico. Apesar do horário, o clima era de festa, porque o médico era bonito e novo. Foi um momento para falar de sexo... E como falaram... Gargalhadas ao associar o exame de toque a uma suposta traição ao companheiro. Em outros espaços da fila, algumas marcando horário com a manicure para o sábado à tarde, outras confirmando quem iria ao *Pagofunk*⁷⁴ no domingo. Ao ouvir essa palavra, já perguntei: “*Onde vai ser mesmo? Que horas vai rolar?*” Duas gritaram: “*Lá no curumim uê!*” “*Bora causá*⁷⁵ *lá*”? Respondi: “*Se for sábado agora to dentro!*” (NDC, 19 de janeiro 2012).

Esse foi meu segundo achado da pesquisa. Aproximei-me dessas jovens na fila do posto e começamos a articular a ida ao Pagofunk. Aproveitei esse momento descontraído e falei da pesquisa, e me deparei com o primeiro desafio. Uma jovem diz que não gostaria de participar, e antes que eu indagasse os motivos, ela já esclarece: “*Sou companheira de um cara da Caixa d’água, e eles estão de guerra com o Curumim, e como eu vou nas duas áreas posso sem querer falar demais e depois rodar*”. Percebi que disse isso com muito pesar por que gostaria de participar. Quando eu

⁷⁴ É uma festa onde tocam pagode e funk alternadamente e às vezes uma mistura dos dois sons, como um jazz-rap ou samba-rock.

⁷⁵ Gíria comum entre elas que significa: Vamos lá agitar, bagunçar, chamar a atenção de todos.

expliquei os procedimentos éticos da pesquisa, principalmente quanto ao anonimato dos sujeitos, ela manifestou grande interesse em participar.

Dessa forma, minha primeira indagação fora respondida; “As meninas/mulheres de bairros populares violentos possuem livre circulação?” Sim, as meninas/mulheres tem livre circulação pelo bairro, independente do local onde moram e da guerra entre os grupos rivais. Diferente dos meninos/homens que possuem horários e lugares marcados para transitar. Entretanto tinha mais um desafio a ser vencido, pois precisava retirar de mim as certezas, e as tranquilidades; afinal, os tempos no Conjunto Morro Alto são outros, a galera com quem estava criando vínculos tinham outros códigos de convivência e eu não sabia se seria aceita, assim como elas, em todos os espaços da região. Nesse enredo, tive a necessidade de fazer chegar às outras lideranças do Conjunto Morro Alto, os objetivos da minha pesquisa, deixar claro que eu não era uma X9⁷⁶.

Neste sentido, foi na primeira ida ao Pagofunk, que conheci alguns namorados/companheiros das meninas/mulheres que já sabiam da minha pesquisa. Ao chegar percebi que elas já haviam detalhado os porquês da minha presença no bairro. Lembro que repetia muito o fato de eu ter sido moradora. Isso implicava em “ela é gente nossa”. Fui recebida com muita naturalidade e espírito de paz. Senti-me muito mais tranquila depois desse contato, apesar da tensão aparente. Afinal estava em meio a uma “guerra” sem conhecer os “comandos”. A partir desse contato descontraído que terminou somente às três horas da manhã, minha pesquisa exploratória⁷⁷ chegava ao fim. Nesse percurso, ir ao baile com as

⁷⁶ X9 na gíria é aquela pessoa que trabalha para a polícia diretamente ou indiretamente, ou seja, pode ser policial infiltrado em uma organização como pode ser também um informante.

⁷⁷ Pesquisa que constitui um trabalho de natureza exploratória, quando envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de

meninas/mulheres já estava se tornando uma rotina (NDC, fevereiro de 2012).

Olhando para trás, percebo que junto com o medo explicável, havia certa ambivalência na minha postura, cujas raízes não consegui deslindar na época. O que me atraía e repelia, ao mesmo tempo era a possibilidade de romper uma barreira, cuja visibilidade não é posta ao alcance do olho nu, mas cuja força se faz sempre presente nos menores gestos, nos olhares, nos rituais da dominação, nos hábitos diários de comer, falar, andar e vestir, a barreira que separa a classe trabalhadora em situação de pobreza das outras classes sociais que gozam de inúmeros privilégios.

Chegar perto, tão perto a ponto de me confundir com elas em sua casa, em seu bairro, em sua praça, em seu baile. Meninas/mulheres em situação de pobreza que a nossa sociedade construiu inúmeros modos de manter distantes através de diferentes gostos, paladares, cheiros e hábitos, através da permanente carência. Frente a isso, me parecia impossível vivenciar tudo de novo. No entanto, não era um tabu com proibições especificadas nem a poluição decorrente do contato com o “impuro” que dificultavam essas primeiras aproximações. Comecei a me dar conta, por essa forma violenta, da invisível e poderosa hierarquia “ou separação de classes” da nossa sociedade. Desse modo, a cada encontro percebia que não somos iguais nem perante lei, nem perante a riqueza produzida, apesar de achar que já sabia disso há muito tempo. O que eu não sabia era que havia tantos outros obstáculos microscópicos que poderia enterrar o contato social mais íntimo entre mim e elas.

Todavia, uma nova fase viria; que seria oficializar a participação das meninas/mulheres na pesquisa, mapear não apenas o Conjunto Morro Alto, mas sim, a sua dinâmica histórico-

abordagens posteriores (GIL, 1999, p. 43). As pesquisas exploratórias, segundo esse autor visam proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo.

cultural, e iniciar a coleta de dados. Nesse enredo e como já mencionado anteriormente, o ato de pesquisar constitui-se por um conjunto de procedimentos que visam produzir um novo conhecimento e não reproduzir, simplesmente, o que já se sabe sobre um dado objeto em um determinado campo científico. Sob este enfoque, apresento aqui a definição de Pedro Demo, para quem "pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade" (DEMO, 1987, p. 23). Nesse sentido, apresento no próximo item as aprendizagens pessoais construídas com a experiência desta pesquisa.

3.5 Aprendizagens com a experiência de pesquisa

Todo conhecimento supõe ao mesmo tempo separação e comunicação. Assim, as possibilidades e os limites do conhecimento revelam do mesmo princípio: o que permite o nosso conhecimento, e o que limita o nosso conhecimento. O conhecimento do conhecimento permite reconhecer as origens das incertezas e os limites da lógica dedutiva-identitária. O aparecimento de contradições e de antinomias num desenvolvimento racional assinala-nos os estratos profundos do real (MORIN, 2005).

A minha experiência com esse estudo revelou uma leitura política e plural das formas de dominação que são impostas historicamente sobre nós, mulheres. E foi por meio dessa atuação política que aflorou nos sujeitos da pesquisa reequacionando suas marcas sociais, de classe, de gênero, de raça, que posso iniciar esse item dizendo que passei por um processo de reinvenção, de mudança de opiniões, de paradigmas, que eliminei certezas e sou hoje mais adepta às incertezas, elas me instigaram a prosseguir esse estudo e mais de aguçar a militância feminista que estava adormecida em minha subjetividade. Aprendi que essas meninas/mulheres lutam desde cedo, por ter o direito de se

apropriar dessas marcas de maneiras distintas daquelas planejadas para elas por instituições patriarcais que parecem tentar a todo custo transformá-las naqueles sujeitos da sujeição.

Reconheci que as confortáveis dicotomias - emoção/cognição, corpo/mente, natureza/cultura, e assim por diante - nas quais os debates feministas contemporâneos se apoiaram por muito tempo, mostram-se cada vez menos operantes para dar conta das complexas relações expostas nos relatos das pesquisas com sujeitos reais.

Sob esse enfoque, uma das maiores dificuldades no início da pesquisa foi perceber que nosso olhar ainda é educado em relação ao sexo biológico, o que me fez buscar em Butler (1990) e nos diversos textos sobre as subjetividades, debates acerca das estratégias identitárias do feminismo. Desse modo, compreendi que para dar início aos meus estudos sobre o “tornar-se mulher em um bairro popular”, e “vivenciar o lazer nas mesmas condições que os meninos/homens” ainda sob a égide de uma cultura patriarcal, deveria em primeiro lugar ter uma compreensão mais adequada das construções sociais da feminilidade, o que significaria colocar na contramão o sujeito unitário, de modo que:

(...)a concepção universal de pessoa [seja] deslocada como ponto de partida para uma teoria social de gênero por aquelas posições históricas e antropológicas que entendem gênero como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos em contextos específicos (BUTLER, 1990, p.10).

Nesse sentido, me perguntei, por várias vezes, como conciliar a observação no campo que elegi, tendo em vista que da figura do observador se espera distanciamento na análise de seu objeto? Como, estranhar o familiar, e toda a gama de sentimentos que me tomavam ao entrar em contato com a realidade que deveria examinar? Apercebi-me que esse dilema não era só meu. Foi interessante perceber como as coisas mudaram durante o percurso.

E como foi interessante analisar essas mudanças sob um outro ponto de vista – o da pesquisadora. Agora presto mais atenção nas minhas preferências e aceito minhas diferenças. Principalmente a questão do tempo. Aceito o meu tempo e espero aceitar o dos outros também. Todavia, permanecer inscrito em um quadro de movimentos disciplinares que tem transformado o estatuto e os procedimentos do trabalho de campo nas Ciências Sociais, nos remete ao pensamento de Otávio Velho (1978) quando, discutindo a identificação da antropologia com os métodos qualitativos de pesquisa, reforça que o envolvimento inevitável com o objeto de estudo não constitui defeito ou imperfeição dos métodos utilizados. Sendo o pesquisador membro da sociedade, cabe-lhe o cuidado e a capacidade de relativizar o seu próprio lugar ou de transcendê-lo de forma a poder colocar-se no lugar do Outro. Desse modo, esse exercício, mencionado diversas vezes também pelo meu orientador, será levado para toda vida.

Mesmo assim, a realidade, familiar ou inusitada que eu guardava, foi muitas vezes filtrada por um determinado ponto de vista, o que me fez ter receios e inseguranças. Tais pontos de vistas não invalidaram o rigor científico, mas remeteu-me à necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, às vezes ideológica, mas sempre interpretativa.

Nesse sentido, as diversas leituras, debates, seminários, fóruns e as longas conversas com meu orientador durante esses dois anos, conduziram-me a pensar que a diferença é uma construção histórica e social e que há necessidade de enxergarmos os fatos pela perspectiva subjetiva. Pensar cada realidade - nesse caso da menina/mulher que escolhe ser uma funqueira e se intitular uma perigete - com sua particularidade trará aos estudos uma realidade nova que captará de outra forma as relações de poder. A reconstrução das sociabilidades deverá ser feita, também, através da subjetividade, fazendo com que as inúmeras determinações e

naturalizações sejam descortinadas, caracterizando os discursos e desvendando as fabricações das verdades e de suas estratégias.

4 TERRITÓRIO FUNK E FEMINILIDADES: SUBJETIVIDADES CONSTRUÍDAS ENTRE RELAÇÕES DE PODER, A RUA E A VIOLÊNCIA.

Neste capítulo apresento uma discussão acerca das territorialidades dos Bondes femininos, e suas relações nos bailes funk. Para isso, parto de considerações teóricas relativas aos processos de constituição da subjetividade, sendo que foram elencados e analisados os principais mecanismos utilizados por esses grupos para subverter a ordem patriarcal. Para além das fronteiras e territórios, neste capítulo, busquei delinear os principais aspectos da configuração e organização desses Bondes no Conjunto Morro Alto, discorrendo sobre relações de poder, o estabelecimento de lideranças em diferentes níveis, regras, rearranjos para fruição do lazer, códigos de convivência e a relação entre esses e a territorialidade local. O mapeamento desses indicadores visou um maior aprofundamento dos diferentes aspectos da cotidianidade e das relações de gênero nesses grupos juvenis. Nesse aspecto, me propus a discutir como essas meninas/mulheres colocam o corpo sexualizado no primeiro plano nas escolhas de suas músicas preferidas e no dançar funk, num cenário, no qual, constroem uma crítica a certa hipocrisia, ao preconceito de gênero e à falta de liberdade sexual que caracteriza a condição feminina em determinados territórios da cidade.

Desse modo, ao radicalizar os modos libertários de vivenciar o desejo, o prazer, o sexo e o corpo, no funk, esse momento de lazer acena como uma via de construção identitária e de redimensionamento das relações entre o estar mulher e o tornar-se mulher em espaços tidos como masculinos, tais como a rua, os Bondes e o baile funk. Nesse sentido, este estudo vem colaborar para preencher uma lacuna existente devido ao preconceito, ainda, presente na academia referente aos estudos interdisciplinares e, sobretudo, concernentes à questão dos balbucios da alteridade nas

representações sociais. Dessa forma, neste trabalho, tento defender a necessidade de nos despirmos de certos preconceitos para aceitar o modo de ser do Outro, bem como o fato de que sua voz, embora ainda carregada de violência nas letras vistas apenas como apelativas, necessita ser ouvida/lida/sentida a partir de uma perspectiva menos conservadora.

Ao penetrar no universo do *funk proibidão*⁷⁸, a primeira questão que me veio à mente foi de que trata-se de uma forma de expressão oriunda de um “lugar de fala” problemático diante de uma sociedade que segrega e criminaliza determinados grupos sociais. Isso se destaca, porque representa uma atividade expressa por aqueles que são subtraídos (ou não deveriam ter, segundo uma lógica a que designo como a “confluência de lugares de fala conservadores”) da possibilidade de expressão dos seus anseios e da sua identidade cultural. De certa forma, o *funk proibidão* representa a redenção de um “lugar de fala” que deveria permanecer no silêncio. Nesse sentido, o filósofo Jacques Rancière, relendo Platão e Aristóteles, vê na estética uma *partilha do sensível*, a qual faz ver “quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (RANCIÈRE, 2005, p. 16). Dessa forma, representa tornar visível a existência de um “comum”, e da possibilidade de uma fala comum. Sendo assim, essa partilha determina quem participa na constituição do político e do social. Nesse aspecto, Muniz Sodré, entende que o sujeito investido da fala comum “é socialmente visível e assim pode tomar parte no jogo político” (SODRÉ, 2006, p. 129).

⁷⁸ O proibidão é uma vertente do funk que explora de forma demasiadamente explícita os temas da violência do crime e da sexualidade/erotismo. Assim como os demais estilos, representam a narrativa de uma realidade particular – nas favelas. “Pancadão, diga-se de outra forma: neurótico, melody, new funk, comédia, proibidão ou erótico, como é conhecido em suas variações. Mas não precisa complicar: é simplesmente como funk que todos o reconhecem e assim denominam tanto as festas onde ele é tocado – bailes funk – quanto os seus ouvintes/dançarinos/seguidores/ideólogos – funkeiros (ESSINGER, 2005, p. 11).

Contemporaneamente, a partilha do sensível estabelece tensões em um mundo em que algumas falas, alguns lugares de fala, têm maior peso que outros, já que se estabelece num campo demarcado por relações de poder. O que não impede que setores oprimidos da sociedade, num dado momento, articulem formas de resistir. Todavia, as estratégias de resistência se desdobram em uma multiplicidade enorme de lugares de fala que, nem sempre, estarão em sintonia. Entretanto, se pensarmos, provisoriamente, numa estrutura binária de disputa (de poder, que seja) – do tipo elite *versus* popular – será forçoso pensar que, dentro do campo denominado popular, haverá outras tensões. Entre o hip-hop, o samba, o funk e inúmeras outras formas de manifestação, encontraremos diversos lugares de fala, os quais nem sempre falarão a mesma linguagem, já que essa é permeada por um pensamento situado num contexto histórico-cultural (VYGOTSKY, 1989b).

Nesse sentido, o sociólogo francês Loïc Wacquant (2003) acredita que a posição desprivilegiada das áreas favelizadas e seus congêneres na sociedade brasileira é produzida por relações de poder que geram segregação das elites econômicas e intelectuais – predominantemente brancas – que legitimam as distâncias sociais e a preservação de seus privilégios, em oposição ao povo – predominantemente negros ou quase negros –, num processo materializado em instituições que “prescindem do isolamento territorial dos pobres”. Nessa perspectiva, a organização das grandes cidades baseia-se num modelo “que combina proximidade física, distância e separação sociais, pois cada um sabe exatamente o seu lugar no espaço social” (WACQUANT *apud* PEREGRINO, 2003, p. 227).

Diante disso, evidenciam-se duas questões fundamentais: a identificação de uma política que decide sobre quem está “incluído” e quem *não* está; sendo que essa decisão se baseia em critérios sociais e “raciais”. Se a partilha do sensível

pressupõe a existência de um comum, uma afinidade global entre modos de ser, de fazer e de dizer, cabe reconhecer que aqueles que produzem, curtem, dançam ou executam o funk⁷⁹ se situam num ponto distinto, de pouca visibilidade, mobilidade e de manifestação da fala. Daí, conclui-se que o discurso já é uma instância de poder, e que pode oferecer algum perigo a outras instâncias de poder. Contudo, não é tão simples distribuir os lados nessas disputas. Nesse sentido a noção de poder em Foucault (1979b, p.211) é complexa, ele “nunca está aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem”, e em contrapartida:

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (FOUCAULT, 1979, p.183).

Mesmo assim, não é difícil perceber que algumas instâncias culturais encontram-se em posição radicalmente desprivilegiadas em relação a outras, chegando mesmo a ter suas possibilidades de expressão dificultadas, quando não interditas. Desse modo, apesar de não ser facilmente localizável e/ou definível, o poder existe. Nesse aspecto, ainda conforme Foucault, sabe-se que “não se tem o direito de dizer tudo”, não em qualquer situação, e que “qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9). Isso, porque o discurso, antes de traduzir as lutas ou os sistemas de dominação, representa “aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Nesse sentido, Pierre Clastres dizia algo

⁷⁹ Um ponto problemático do raciocínio elaborado é que o funk em si, talvez, não possa mais ser considerado tão excluído assim das instâncias principais de visibilidade de um discurso, que é uma das premissas da análise que faço aqui, por acreditar que ele já alcançou certa evidência, mas ocupa ainda o lugar da subalternidade. O sucesso de DJ Marlboro numa edição do Tim Jazz Festival, sua participação e de outros funkeiros numa novela, no horário nobre, da TV Globo, entre outros fatores contestariam essa situação.

parecido, em - *A sociedade contra o Estado* ao, afirmar que o exercício do poder é que garante a posse da palavra. Afinal, conclui Clastres: “Toda tomada de poder é uma aquisição de palavra” (CLASTRES, 1990, p.106). Pode-se dizê-lo de outra forma: a posse da palavra pode garantir o exercício do poder.

Nesse contexto, o fato da favela, ou dos bairros populares favelizados terem sido amplamente discriminados e estigmatizados, bem como criminalizados teve como consequência um certo “desempoderamento” desse espaço. Em resposta, a favela engendrou suas próprias formas de poder. Desse modo, ocupou um lugar à margem da lei prescrita pelos setores privilegiados, mas também à margem dos privilégios da sociedade de consumo, à qual acedem senão por meios ilícitos e arriscados⁸⁰. Certo número, ainda que minoritário⁸¹, de habitantes das comunidades organizaram-se em torno do tráfico de drogas e outros crimes, estabelecendo-se como uma espécie de líderes em suas localidades, impondo uma nova ordem de dominação e controle, por meio das armas e do medo.

Contudo, essa parecia ser uma realidade distante do cotidiano das pessoas que não residem em áreas favelizadas. Talvez, por isso, quando o funk saiu das fronteiras de seu universo particular – o qual engloba não apenas o espaço da favela, mas a rede social (e transversal) de pessoas, das mais diversas categorias sociais que vivenciam, ou são próximas, do mundo funk –, tenha fomentado um acalorado debate, recheado de opiniões polêmicas, contra e a favor. Era como se aquele mundo, cuidadosamente

⁸⁰ O bandido na favela, na medida em que conquista status e dinheiro, não teria o privilégio da sociedade de consumo, embora permaneça inserido nessa lógica, porque não pode usufruir plenamente de nenhum bem. Também porque a possibilidade da morte está sempre presente, de forma muito intensa. Na verdade, o dinheiro e os bens de um traficante na favela podem a qualquer momento ser expropriados por grupos rivais ou por policiais corruptos.

⁸¹ Segundo as principais estatísticas sobre essa questão, não mais que 1% da população moradora em favelas se envolve com o crime (DOWDNEY, 2003; p.52).

afastado - de certa forma, no espaço e no tempo – invadissem a realidade do presente, assustando e seduzindo a classe média, ou parte dela, ao menos.

Frente a isso, passarei a analisar, no próximo item, como essas questões macroestruturais aparecem nas histórias de vidas singulares dos sujeitos femininos que participaram desta pesquisa. Desse modo, das nove entrevistadas, três eram integrantes do Bonde da *Padoka dos Boys*, duas do *Bonde das Malcriadas* e quatro do Bonde das *Ariranhas*. Optei por não contar as histórias individuais de forma linear para não facilitar a identificação, conforme orientação dos procedimentos éticos. Em vez disso, apresentarei um panorama geral, a fim de que os leitores conheçam um pouco do universo e da cotidianidade destes Bondes compostos por meninas/mulheres autodeclaradas funqueiras, em sua maioria, negras, moradoras do Conjunto Morro Alto, bairro popular favelizado.

Nesse aspecto, apresento de forma mais detalhada os Bondes estudados e sua relação com o capital simbólico⁸², disseminado e reproduzido por meio dessa instituição, bem como suas práticas sociais, que vêm lhes possibilitando exercer formas de empoderamento.

⁸² Capital Simbólico é um conceito utilizado por Bourdieu com o objetivo de permitir compreender alguns fenômenos que de outra maneira permaneceriam insondáveis. Bourdieu (2001a) defende a existência do poder simbólico, mediante o qual, as classes dominantes (ou campos dominantes) são beneficiárias de um capital simbólico, disseminado e reproduzido por meio de instituições e práticas sociais, que lhes possibilita exercer o poder. Para o autor, esses símbolos são instrumentos por excelência da integração social e tornam possível se obter o consenso acerca do sentido do mundo social o qual contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social dominante. O Capital Simbólico, diferentemente das outras modalidades de capital, não é imediatamente perceptível como tal e os efeitos de sua duração também obedecem a lógica(s) diferente(s). Espécie de poder ligado à propriedade de "fazer ver" e "fazer crer", o capital simbólico é, a grosso modo uma medida do prestígio e/ou do carisma que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo.

4.1 Territorialidades e Capital simbólico dos Bondes Femininos: Ariranhas, Padoka dos Boys, e Malcriadas.

Eu tenho vergonha de andar sozinha. Já imaginou eu lá sozinha encontrar com o cara que eu dei pra ele... Nossa ainda mais que ele tá lá no bolinho dos amigos dele... E eles mexem na cara dura... Eu fico morrendo de vergonha, e eu não sei se eles tão falando ali no bolinho deles se é pro bem ou pro mal se eles tão falando aquela menina é feia, ou eu já comi aquela menina... Por isso dá vergonha, sabe. Melhor sair o Bonde todo junto (Sujeito – 2 – Bonde das Malcriadas).

Se partirmos do pressuposto de que a constituição das identidades está diretamente relacionada às formas como os sujeitos vivenciam as incorporações das representações produzidas no cerne dos grupos aos quais pertencem, então as identidades são sempre relacionais, portanto, não fixas, o que conecta os conceitos de identidade e representação social. Todavia, as representações permitem ir do agente à configuração e da configuração ao agente em processos dinâmicos entre criação e reprodução, perpassados pela subjetividade construída em processos de interação social. Nesse sentido, podemos conectar assim, à concepção da chamada “pós-modernidade” na qual a pluralidade se apresenta ao conceito de identidade transformando o “eu” em “eus”, identidade em identidades, juventude em juventudes. Para Stuart Hall, “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos “sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p. 12-13) ”

Reconhecendo a heterogeneidade/pluralidade, presente nas configurações humanas, a expressão *Bondes* é compreendida enquanto modos de organização individual e coletiva diante de uma dada situação social do desenvolvimento dos sujeitos, e constitui, ainda, produto da subjetivação capitalística, tratando-se de

“sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI ; ROLNIK 1986, p.27). Nesse aspecto, a constituição subjetiva de participantes de Bondes representa um processo construído no contexto vivido pelos seus praticantes e integra a confrontação entre o mundo psíquico do sujeito e as novas demandas sociais, configurando-se como elementos da subjetividade social e pessoal dos sujeitos (REY, 2004).

Desse modo, a vivência dentro de um Bonde cria várias possibilidades de subjetivação para cada sujeito que a experiencia. Pensar o Bonde como espaço social de subjetivação requer compreender a complexidade que envolve o fenômeno, pois este é concomitantemente histórico, cultural, social, individual, coletivo e emocional. Nesse sentido, o fenômeno dos Bondes, descreve uma resposta social e simbólica à vida colocada diante dos sujeitos e organizações sociais. Nesse cenário, a sociedade capitalista vem criando, principalmente nas grandes cidades, uma cultura do isolamento, da insegurança, da competição, do individualismo, da inclusão perversa e do medo (COSTA, 2004; BAUMAN, 2007). Essa ideia se torna assentada na produção de exploração da opressão, duplamente sentida entre as mulheres negras empobrecidas, gerando contradições sociais, que necessitam ser administradas por coesão ou por coerção das classes empobrecidas, consideradas “perigosas”. Nesse sentido, o conflito social passa a ser tratado como desvio, como perigo. Então, o perigoso tem que ser estigmatizado, disciplinado, corrigido e punido. Nessa conjuntura, fica evidente que grande parte das pessoas encontram-se às margens dos processos produtivos. Todavia, o que identifiquei nos Bondes pesquisados, é que eles instituem-se socialmente desde que outras instâncias sociais como família, trabalho, escola e outras, deixam de atender às necessidades emergentes desses sujeitos.

Nesse contexto, as meninas/mulheres dos Bondes aqui estudados utilizam-se das imagens tradicionalmente atribuídas à feminilidade para construir suas próprias formas de entender e vivenciar relações de gênero e poder. Desse modo, atributos como a malícia e a sensualidade são apropriados por elas para comporem suas identidades de gênero, nas quais, vão construindo socialmente suas feminilidades, como demonstrado nas falas abaixo:

Basta ser mulher para saber o que é malícia! (Sujeito 8 – Bonde Padoka dos Boys)

Como eu saio sem avisar minha mãe, e ela nem nota, nem percebe, eu chego falo que tava ali e fica por isso mesmo, mas acho que no fundo ela sabe que eu não sou trouxa, entendeu (Sujeito 7 – Bonde das Ariranhas).

Faço a dança do quadradinho⁸³ em cima do menino, ele fica doído (risos) depois mando ele tomar uma! (risos).

A mulher pode ser frágil fraca não! (Sujeito 2- Bonde das Malcriadas)

Não dá pra ter frescura na nossa área não, tem que ser mulher de verdade, por que na hora das dificuldades com os botas⁸⁴ é a gente que negocia com eles, a nossa cara que fica na frente, mas até hoje eu não assinei nenhum BO⁸⁵. Os polícia aqui da noite é tudo homem então cê já viu né... é tudo igual, tipo assim, tem que entender desses truques aí. (Sujeito 1- Bonde Padoka dos Boys)

Nesse contexto, James Messerschmidt (1999) acredita que, até certo ponto, a construção da feminilidade se organiza a partir de signos tradicionalmente masculinos. O mesmo autor argumenta que isso não quer dizer que as meninas estejam tentando construir ou se aproximar de modelos masculinos, mas construindo formas não lineares de viver suas feminilidades⁸⁶.

Na perspectiva de Jodelet (1984), as representações sociais, como fenômenos, se apresentam sob formas variadas e

⁸³ Coreografia funk, na qual o homem fica imóvel e a mulher mexe a cintura rapidamente, simulando o encaixe e o desencaixe do pênis na vagina. O homem fica proibido de encostar a mão na mulher durante essa dança.

⁸⁴ Referência aos policiais civis ou militares.

⁸⁵ BO constitui-se na sigla atribuída ao documento -Boletim de Ocorrência - elaborado pelas autoridades policiais.

⁸⁶ Disponível em: <http://www.usm.maine.edu/crm/faculty/jim/hegemonic.pdf>

condensam um conjunto de significações e sistemas de referências que nos permitem interpretar o que nos acontece por meio de categorias que servem tanto para classificar as circunstâncias e os acontecimentos da vida como os indivíduos e grupos com os quais temos contato. A meu ver, as representações sociais são produzidas nas delimitações simbólicas que definem os espaços em que nos comunicamos, relacionamos e organizamos nossas práticas sociais. Analisando o trabalho de Jodelet, Fernando Gonzáles Rey (2009) expressa seu parecer em relação a uma perspectiva mais abrangente da autora francesa:

[...] pela primeira vez, visualizou as representações como uma produção de sentido que integrava elementos psicológicos muito diversos do espaço simbólico que ficava delimitado como objeto da representação. [...] considero que esses espaços que delimitam o que seriam os objetos das representações expressam elementos de sentido muito variados sobre as realidades sociais as quais emergem (REY, 2009, p.94).

Nesse sentido, fica perceptível o quanto as representações significam para o estudo de processos sociais que estão mais além da própria representação. Dessa forma, com a presença de áreas inseguras nos bairros populares favelizados, bem como, do tráfico e suas demarcações territoriais, mudanças significativas no sentido e nas representações sociais dessas populações podem ser conduzidas a gerar novas relações de interação com os territórios, conforme podemos observar nos trechos retirados das falas dos grupos de discussão, ao trabalhar com o tema relativo ao “Proibido ou permitido quanto ao trânsito feminino nos espaços de guerras locais”:

Depende, a caixa d'água tá com paz com os meninos da favelinha, só o curumim que continua de guerra com a caixa d'água. Algumas meninas transitam sim, numa boa, mas os caras ficam sempre de olho, e não adianta eles falarem que é normal porque não é normal. Por exemplo, se uma mulher lá de baixo (curumim) ficar com

um cara lá de cima (caixa d'água), os caras lá de baixo já não confiam muito nela e não dão moral pra elas. Agora pior é se você tiver namorando mesmo, tipo firme, com alguém lá de cima (caixa d'água) e morar lá em baixo (curumim), eles botam você lá pra cima, numa boa, mas tem que mudar mesmo, ou eles vão pegar pesado mesmo, pra chamar atenção do cara. Não te mata mas te estraga de alguma forma. (Sujeito 1- Bonde Padoka dos Boys)

É tudo dividido, mas eles respeita nós; não só porque a gente é mulher, mas também porque a gente tá ligada nas tretas deles. Agora os meninos, principalmente os soldadinhos (risos) só passa se for dentro do carro com vidro aberto, em cima de uma moto ou dentro do ônibus, se passar a pé já era. Isso tudo é regra. Já pra nós meninas não. Igual, eu vou lá na rua HH todo dia na casa da minha colega que é de outro Bonde. Também eu sei entrar e sair de qualquer quebrada aqui no bairro. (Sujeito 2 - Bonde das Malcriadas)

Quando a menina é mulher mesmo do cara, tipo tem uma relação mais séria com ele, aí não é bom ela ficar indo lá em baixo não, mas tipo assim elas pode ir lá na feira fazer o corre delas e normal, quando tem Proibidão funk ou Pagofunk, elas também pode ir e curtir. Mas se vacilar... tipo ficar com cara rival, o cabelo dela roda, eles mandam cortar mesmo. E pode ser até da família que não adianta igual minha irmã que mora com o cara da caixa, ela não tem confiança ne mim, porque eu fico muito aqui no curumim, fico com os menino daqui sempre ali na esquina, então quando reúne o pessoal lá na casa do meu pai, a gente nem fica muito perto uma da outra. Igual teve um dia que meu cunhado passou aqui, e os policia entro aqui na escola, então tipo assim, eu sou neutra sabe, eu não dou ideia nem pra um nem pro outro, porque eles vão chegando de mansinho, chegam cada hora chega um e fica tipo querendo saber alguma coisa eu só falo que não to sabendo de nada fí. Aqui tanto os cara da guerra, quanto as meninas resolve assim, homem resolve com homem mulher resolve com mulher, há um acordo. (Sujeito 7 – Bonde das Ariranhas)

Aqui cada um tem sua guerra, nosso Bonde é tranquilo mas se vier periquete, atravessar nossa área, pagando de folgada, sem chance, pode ser até aquele rostinho lindo maravilhoso, com aquele cabelinho lisinho, então quando você tá com o inimigo você quer deixar sua marca na cara dela para toda vez que ela olhar no espelho lembrar. No dia da briga com aquela piranha, essa que eu to pagando BO, nesse dia mermo eu até tirei o canivete da mochila, nem levei ele pra evitar. Independente dessas guerra aí dos meninos, nós gosta é de chamar atenção, onde que nós chega tudo tem que parar, até a guerra (risos) tem até aquela música: "Onde chega pára tudo, seu perfume é da Armani".. (risos) é nós fí. Os home pára, pára mesmo na nossa. Mas o mais divertido é tipo assim tá o Bonde todo e os meninos falam "Õh lá em casa", aí já era, os meninos já fechou ni nós aí até empino, mas a regra é não olhar

*pros meninos deixa eles viajando ni nós (risos). (Sujeito
– 3 – Bonde das Malcriadas)*

Nesse sentido, o que difere as meninas dos meninos no quesito “transitar em espaços de guerra”, é que elas tendem a mostrar suas rivalidades nesses espaços de forma mais personalizada. Ou seja, as ofensas fazem menção a pessoas específicas e não a grupos e Bondes. Apesar dos códigos de convivência estabelecidos pelos Bondes, as jovens enfrentam suas rivalidades de maneira distinta, por meio de disputas individuais. Os xingamentos, o modo pelo qual a linguagem opera a favor da normatividade, uma linguagem racializada e estigmatizada é amplamente percebida quando o Sujeito 7 – Bonde das Ariranhas diz: *“Quando encontro com uma menina que não gostamos, eu dou aquela zoada, oh galinha de macumba, canhão, cabelo de Bombril”*. Os termos normalmente utilizados parecem sugerir que as meninas aceitam as imagens depreciativas tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino e negro, desde que essas imagens estejam coladas à outra, “inimiga”, e não a si mesma. A meu ver, as pessoas — sejam oprimidas ou não — podem ou não reconhecer e internalizar certas “proibições culturais”; mas certamente, a maioria dos oprimidos submete-se às injunções sociais, nem que seja ao preço de alienar o próprio pensamento em nome de um projeto identificatório prescrito pelo opressor. As manifestações coletivas de revolta são, na verdade, episódicas e, via de regra, carecem de organização e de um projeto político norteador. Certamente, podemos compreender certos assaltos, roubos, assassinatos realizados por indivíduos ou grupos, como manifestação de revolta, mas nem sempre representam ações reativas, já que distintos sentidos são produzidos por sujeitos diferenciados.

Nesse sentido, no intuito de ampliar a discussão remeto-me a um estudo realizado por Anne Campbell (1999), no qual concluiu que as identidades de meninas em gangues ou grupos com

características semelhantes, são formadas a partir da rejeição do comportamento que não se aplica a si.

[...] essa depreciação dos outros é um componente crucial para o estabelecimento da autoimagem. Acusar mulheres de uma gangue vizinha de serem putas ou viciadas indica claramente que a pessoa nega a aplicabilidade desses termos a ela mesma. A análise da vilificação dos outros não é somente uma ferramenta metodológica útil, mas esse processo de rejeição simbólica pode estar no bojo de como as gangues femininas chegam a sua autodefinição (CAMPBELL 1999, pg. 102).

Em nossas discussões ficou claro o quanto as meninas/mulheres dos Bondes estimavam os símbolos da guerra⁸⁷ assim como os meninos, mas preferiam utilizar-se fisicamente, jogando com o sexo, com a sensualidade e com outras formas simbólicas, territorializando assim, ora de um modo empoderado, ora por meio de violências voltadas contra si mesmas. Ficou perceptível que elas trocavam de sinais, transgredindo os signos impostos socialmente para o feminino, já que, o que era considerado como atributo da mulher objeto, pela sedução-fragilidade, são ressignificados por uma menina/mulher sujeito que demarca a sua singularidade, mesmo que, às vezes, tão estereotipada quanto à tríade sedução-poder-negritude (CARNEIRO, 2001).

Por isso, as discussões acerca da temática de gênero, bem como do feminismo negro⁸⁸, no universo dos Bondes femininos funqueiros, configura-se como essenciais dentro do espectro de

⁸⁷ Entende-se por símbolos masculinos da guerra, neste cenário, as armas, as pichações feitas pela cidade, a exibição de fotos com dinheiro e artigos luxuosos de consumo.

⁸⁸ A representação da identidade feminina negra gera uma tensão no interior do próprio movimento uma vez que a determinação da raça se torna insuficiente para pensar e viver uma identidade feminina negra que pretende abarcar todas as nuances das mulheres negras. Outras demandas são apresentadas como possibilidades de demarcações das diferenças, ou melhor, das desigualdades que atingem diferentemente as mulheres negras a depender da posição social e das oportunidades e experiências vivenciadas por cada uma delas.

compreensão e análise a que se propôs esta pesquisa. Essas meninas/mulheres, muitas vezes, não se adéquam aos estereótipos produzidos acerca da feminilidade sem necessariamente desestabilizarem assimetrias de poder. No que tange a essa questão, a historiadora feminista Joan Scott acrescenta que “as demandas pela igualdade necessariamente evocam e repudiam as diferenças que num primeiro momento não permitiriam a igualdade” (SCOTT, 2002, p.20). Essa perspectiva, de certa forma, reflete na atuação de mulheres feministas ou não. A luta pela igualdade não pode ocultar as diferenças intrínsecas à diversidade das relações humanas. Por esse caminho, apresentado como paradoxo por Scott, compreende-se que a igualdade é uma abstração embora sua garantia seja legal.

Na sociedade, entretanto, os indivíduos não são iguais; sua singularidade repousa em diferenças presumidas entre eles, diferenças que não são singularmente individualizadas, mas tomadas como categóricas. A identidade de grupo é o resultado dessas distinções categóricas atribuídas: de raça, gênero, de etnicidade, de religião, de sexualidade... a lista varia de acordo com o tempo e espaço e proliferou na atmosfera política da década de 1990 (SCOTT, 2005, p.23).

Ou seja, a construção social do feminino pelos atores em questão, comporta a diversidade de modos de ser sem necessariamente deixar de estabelecer nomeações. Todavia, a questão do frequentar os *Proibidões Funk*, funciona como - *uma marca do lugar que eu posso frequentar* - dos Bondes femininos estudados aqui. Entretanto, mesmo sendo espaços para o afloramento do empoderamento, frequentar a rua e as baladas noturnas, ainda produz resistências emergidas da cultura patriarcal por parte da família e da sociedade. Nesse sentido, esse modelo estrutural de opressão configura-se como um obstáculo a determinadas atividades, o que leva muitas integrantes a adotarem estratégias e alternativas subversivas, para conseguir contornar/romper com essa dificuldade. Dessa forma, algumas

declaram que, apesar das proibições ou limitações, aquelas que querem participar das atividades de “*fazer parceria*”⁸⁹ dão um jeito e *enrolam a família*. Outras expressaram opiniões semelhantes, mas deixam claro que sempre haverá que se adotar uma estratégia para burlar as resistências, tanto no público quanto no privado:

Que nem esses dias aí atrás, minha tia me perguntou de novo “o que você tanto faz na rua de madrugada”? Aí eu falei com ela na maciota, eu vou numa festinha (risos), aqui pertinho ou eu fico conversando com os meninos aqui na nossa área. Pra te falar a verdade eu nem menti, eu gosto disso são momentos de prazer pra mim, só que ela tem medo que eu apronte de novo. Ela fala que “pobre e preto só leva ferro”. Eu não fico pensando no perigo da rua não, se tiver que acontecer aconteceu gente. Quando fica pegando demais no meu pé aí que eu saio mesmo. Eu sou o capeta! (risos). Vou ficar em casa só porque sou mulher, jamais! (Sujeito 8 – Bonde Padoka dos Boys)

Não é possível falar sobre menina/mulher, Bonde e suas relações com a rua, sem fazer referência à masculinidade e à sexualidade. Muitas pesquisas demonstram que em diversos ambientes, brincadeiras, rimas e palavras trazem à memória elementos ligadas à sexualidade. No estudo antropológico desenvolvido junto a meninos em situação de rua por Lisiane Leczneiski (1995), podemos identificar claramente dois elementos ligados à sexualidade masculina: a exaltação da masculinidade através de jogos de palavras e a defesa da honra através de duelos. Do mesmo modo, que há uma existência de um código linguístico compartilhado pelos meninos em situação de rua, no qual a utilização de palavrões cria um ambiente descontraído de disputas em torno de um capital produtor de masculinidade⁹⁰; há uma

⁸⁹ Forma com que se referem às amigas que vão naquela noite sair com os meninos, para um mesmo lugar pela primeira vez. “Cada uma com um cara, tipo só caszinho, fazemos isso quando não estamos seguras em determinadas áreas. Uma olha a outra, assim evita casos de abuso”(Notas do Diário de Campo – NDC, janeiro de 2012).

⁹⁰ LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcos de masculinidade entre os guris de rua. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre,

ressignificação desse espaço público pela menina/mulher que o frequenta, no qual reescrevem seus códigos e ditam suas regras produzindo um ethos feminino para pertencer à rua. Todavia, as marcas, culturais, patriarcais em que estão imersas, foram passíveis de identificação no contexto pesquisado, quando “diabolizavam a rua” (BADINTER,1980) por representar um território masculino e que, portanto, para estar nele, deve-se autonegarse uma capeta.

Esses saberes constituídos, expressos nas falas dessas meninas/mulheres, formam conjuntos identitários postos em contato. A identidade orienta os modos de sentir e de agir, ao interligar experiências passadas com expectativas futuras. Envolve, assim, tanto as tradições fixadas na memória, quanto um projeto de reprodução imaginado.

[...] minha mãe odeia o (...), por causa do envolvimento dele. Foi assim... eu tava com ele lá em casa, na boa, na cama de casal e a cama é dela e do namorado dela. Aí ela chega e pega nós no pulo (risos) e já perguntou com aquela voz: “O que cê tá fazendo na minha casa filho da puta? Nó... foi a primeira vez que eu vi a bunda do (...), (risos)e ele nunca correu tanto (Sujeito 5 – Bonde das Ariranhas).

É tipo assim, eles respeita quando tá com a mulher do lado sabe, se for qualquer uma vadia não. Mas quando é a mulher mesmo do cara, eles naquela hora não faz nada não. Mas nesse dia eles apontaram a arma pra nós e falo assim não corre não, aí o cara começou a bater no (...) o bicudo daquele nego horroroso passou pertinho da minha barriga, eu endoidei... ia partir pra cima deles, não tava nem fudeno pra barriga... aí ele falou (ou desculpa aí viu), e começaram a falar: Ah moleque você deu sorte de tá com a mina hoje senão já era (Sujeito 5 – Bonde das Ariranhas).

O discurso da “menina/mulher guerreira”, descrito acima marcadamente oferece às integrantes do Bonde uma atrativa identidade ou posição subjetiva, ainda que esteja baseada numa patética caricatura do poder patriarcal (JEFFERSON, 1996, p.160).

A mulher tinha que ser mais respeitada né! Ainda mais grávida pô, acho isso paia demais. Só esses soldadinhos novinhos aí que faz isso. Os caras que é malandro mesmo os da antiga, que já foi preso e tudo, sabe o quanto uma mulher grávida é sagrado fí (Sujeito 6 – Bonde das Ariranhas).

Podemos deduzir que as demarcações da hierarquização social, étnica e de gênero, ou seja, a interseccionalidade influencia a idealização do território. Tais agrupamentos identitários, por mais movediça que seja a identidade, fornece o solo para a edificação da territorialidade, materializada neste estudo por meio dos territórios: “Caixa d’água, Curumim, Rua HH, Rua GG, Lagoa, Cruzeirinho, Nova Pampulha e as Baladas funk”. Nesse contexto, ao pensar nesses territórios como lugares contíguos do privado, o conceito do geógrafo Milton Santos se revela como algo ampliado, alertando-nos:

Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro. O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalidades diferentes, quiçá divergentes ou opostas (SANTOS, 2001, p.256)

Nesse sentido, pensar sobre a territorialização dos Bondes femininos, constitui uma experiência de caminhar por um espaço em construção. Nessa caminhada, percebem-se diversos olhares e leituras na tentativa de dar conta de entendê-los e explicá-los. Essa realidade ajuda a perceber que não existe uma forma única de formação dos Bondes, mas diversas.

4.2 Patriarcado, Feminilidades e Baile Funk: territórios atravessados e tensionados por prescrições normativas e subversões

A predominância da formação discursiva patriarcal na mentalidade brasileira traduz-se nos fragmentos das falas expressas pelos sujeitos cinco, seis e oito: “*Nó... foi a primeira vez que eu vi a bunda do (...)*”; “*eles respeita quando tá com a mulher do lado sabe, se for qualquer uma vadia não*”. “*Os caras que é malandro das antiga mesmo, que já foi preso e tudo, sabe o quanto uma mulher grávida é sagrado fi*”. Embora o patriarcado tenha-se desintegrado, de diferentes formas, nas diferentes regiões do Brasil (FREYRE, 1933/1984), o modelo patriarcal permaneceu na mentalidade e na vida política brasileira, talvez como uma forma “moderna” de patriarcado disseminado pela sociedade civil (PATEMAN, 1993). O paternalismo, o coronelismo e o protecionismo expressam a necessidade do povo brasileiro de ser protegido por figuras fortes, uma vez que não acreditam em suas próprias capacidades. Esses aspectos evidenciam-se através do culto sentimental ou místico do *Pai*, identificado com as imagens do homem *protetor e providencial*, e do culto, igualmente sentimental e místico, da *Mãe*, identificado pelo brasileiro com imagens de pessoas ou instituições protetoras, como a Igreja, a *madrinha*, a *mãe* e a *Virgem Maria, Mãe de Deus* – figuras que intervêm na vida política ou administrativa do país para proteger, a seu modo, filhos e afilhados (BAQUERO, 2001; CHAUI, 1985). Prescrições como esta remontam aos conselhos dos pensadores gregos e dos ‘grandes filósofos’ que influenciaram o pensamento ocidental⁹¹. A idealização do papel materno e a conseqüente culpabilização da mãe ao afastar-se das normas patriarcais, bem como realizar prescrições de

⁹¹ Para maior aprofundamento ver Menezes, 2002; Tiburi, 2002; Ruiz, 2002.

um ethos masculino, associado ao proibido, ou ao errado, foram encontradas nas falas dos sujeitos dos três Bondes:

[...] eu to namorando dentro de casa, minha mãe sabe, já me ensinou as coisas e eu conto tudo pra ela, mas ela falou: Quando chegar às vez de vocês fazer “coisa errada”, você me fala pra marcar médico. Igual, eu e meu namorado a gente briga só por coisa boba, as vezes ele quer me controlar falar com quem estou conversando, eu já falo: Você não manda ne mim, Você ainda não me colocou dentro de uma casa e me sustenta, então você não pode mandar em mim. A minha mãe fala que eu tenho que obedecer pra dar certo o relacionamento depois que a gente casar (Sujeito 8- Padoka dos Boys).

Oh, minha mãe nem merecia ser mãe, vou te falar a verdade, ela fala que eu sou adotada... (silêncio), eu não pareço com ninguém da minha família, eu não tenho o nome da família, então que eu to fazendo lá dentro daquela casa. Minha mãe me pos com 9 anos de idade pra fora de casa, como que eu não revolto com a vida?! Ela sabe de tudo que meu padrasto fez e fica me chamando de mentirosa. Vê se mãe faz isso com filha mulher?! (suspiros) Ódio! Não gosto dela não, ela sabe disso, só que ela não acredita ne mim, na hora que ela fala que é mentira, me dá uma vontade de colocar fogo nela (Sujeito 5- Bonde das Ariranhas)

As pessoas que viam assim e falavam que eu era barraqueira, tupetuda, folgada, às vezes só por causa do meu jeito de andar, porque eu andava igual um pivete, igual um homem, e tem outra eu ficava mais com os meninos, conversava muito com eles, tanto que no fundo eu prefiro amizade de homem do que de mulher (Sujeito 1- Padoka dos Boys)

Nessa perspectiva, a função de educar, de dar carinho, amor e de proteger os filhos e filhas, inclusive da violência sexual, é atribuído predominantemente à figura materna. Revela-se aí a expectativa e a prescrição de que as mães criem e cuidem de seus filhos biológicos. Tal prerrogativa encontra-se também no desejo do *Sujeito cinco - Padoka dos Boys*, de ter sido cuidada pela mãe biológica. Outro aspecto importante a ser observado foi a não citação das funções paternas. Nesse aspecto, foi sempre acentuado o abandono da mãe e não o do pai, o que parece configurar-se como uma atitude natural e esperada para os homens. No entanto, apesar das transformações nas atribuições familiares, em nossa

sociedade, legitimadas, inclusive, por alterações legais⁹², conclui-se que estereótipos sexistas permanecem tanto no discurso científico (GOMES e COLS, 2002), quanto no imaginário social. Discursos estes, que parecem estar capturados pela formação discursiva patriarcal e que engendram as subjetividades dos sujeitos (BUTLER, 2000, 2003) através da ciência e da mídia, dispositivos disciplinares, disciplinantes e normatizantes (FOUCAULT, 1975/2002, 1979/2002, 1999).

Desse modo, os estudos⁹³ de Falcke e Wagner (2000) demonstraram o poder e o valor que os mitos sociais apresentam na vida e na postura das pessoas. O casamento e a maternidade, ainda, são vistos como importantes fontes de realização feminina, sendo que à mulher é atribuída a responsabilidade pela mediação das relações afetivas na família. O fracasso nessa tarefa é geralmente vivenciado com culpa pela mulher que, não acreditando em sua capacidade de manter-se sozinha, e desejando manter a família unida, acaba por submeter-se, inclusive, a relações violentas, como foi verificado também neste estudo.

Todavia, pesquisas (CECCONELLO, 2003; YUNES, 2001) têm demonstrado que, embora pobreza e violência sejam percebidas como fatores de risco, não produzem, necessariamente, resultados negativos, observando-se atitudes protetivas e capacidade de resiliência em famílias e grupos em regiões empobrecidas. Nesse sentido, dar visibilidade à pobreza como fator que predispõe à vulnerabilidade social e de gênero, não implica em discriminar ou estigmatizar as famílias ou grupos pobres de forma linear e causal. Trata-se, isto sim, de desvelar a violência estrutural imposta à

⁹² Ver De Souza ; Baldwin, 2000; Dias, 2004a; Rocha, 2003; Verucci, 1998b.

⁹³ A concepção de mãe expressa numa pesquisa realizada com cinquenta mulheres, mães e madrastas, correspondeu ao mito do amor materno incondicional, revelando um forte legado transgeracional relativo aos papéis de gênero. Para maiores detalhes desta pesquisa consultar (Cardoso, 1997a; Narvaz ; Koller, 2003; Ravazzola, 1997, 1999)

pobreza, em especial às mulheres negras chefes de família, uma vez que são elas as principais vítimas da “feminização” da pobreza: “dentre o mais de um bilhão de pessoas da população mundial que se encontra em extrema condição de pobreza, 70% são mulheres” (PRÁ, 2001, p.177). Nesse aspecto, apresento de forma mais detalhada, quem são essas meninas/mulheres que ocupam os bairros populares favelizados e suas produções de sentido.

4.3 Territorialidades nas ruas e nas baladas: periquetes versus recalçadas

Iniciar esse item com a letra da música “*Fala Mal de Mim*” da Mc Beyonce, reflete bem as subjetividades presentes nos Bondes femininos estudados. Conheci a letra da canção abaixo, logo nos meus primeiros contatos na rua, com os Bondes. Essa música representa quase um hino entre elas, está presente na boca e nos celulares, principalmente quando estão se aproximando dos bailes funk, durante os recreios escolares - a título de provocação - , ou atravessando as áreas de outros Bondes - a título de saudação. A letra dessa música é a seguinte:

*Não olha pro lado quem ta passando é o Bonde
Se ficar de caozada a porrada come (2x)
As mina aqui da área no baile se revelam
Não importa o que eu faça
Vira moda entre elas.
Fala mal do meu cabelo e da minha maquiagem
O coisa escrota
Pode falar a vontade.
Essa mina recalçada não arruma um namorado
Não meche com o meu
Não sou de mandar recado.
Fala mal de mim, na roda dos amigos
Que coisa garota
Eu nunca fiz nada contigo.
Se entrar no meu caminho
Vai ficar perdida
Oh rata molhada
Se mete na sua vida.*

*Não adianta
 Não tem vergonha na cara
 Fala mal de mim
 Mas é minha fã encubada
 O recalçada escuta o papo da Beyoncé:
 Não olha pro lado quem ta passando é o Bonde
 Se ficar de caozada a porrada come*

Para muito além das críticas que buscam desmoralizar e criminalizar as baladas funk como uma expressão cultural pobre ou, até mesmo, uma não expressão cultural, motivados pela conexão linear que o senso comum produz entre educação (títulos escolares/acadêmicos) e cultura; contraditoriamente, de acordo com os questionamentos de Bourdieu et Saint-Martin (1967), percebo nessa cultura, e na sua expressão, principalmente das mulheres que ali estão, um espaço territorializado de solidariedade inédito na história de sua própria constituição enquanto fenômeno musical e cultural. Essa ocupação (feminina ou feminista, termos para mim não tão distantes) é que tem permitido seu sucesso e empoderamento. Seja irritando a uns e maravilhando a outros, tais sentimentos afloram, já que estas músicas produzidas por mulheres dizem algo a respeito de nós, da nossa sociedade, da nossa socialização, das nossas relações e das nossas contradições. Esses aspectos podem ser observados na música da Mc Maysa do grupo das Abusadas.

*Sou eu que faço meu cabelo
 Pago minhas contas
 E faço minhas unhas
 Não dependo de homem
 Pra coisa nenhuma
 Não dependo de homem
 Pra coisa nenhuma
 Porque eu sou mulher guerreira
 Ralo forte no batente
 Desde pequenininha aprendi a ser independente
 Na vida eu aprendi que de graça do céu só cai chuva
 Então seu otário, então seu otário se liga e me escuta
 Não dependo de homem
 Pra coisa nenhuma
 Se liga no papo da Maysa
 Acorda mulher e se valoriza
 Acorda mulher e se valoriza*

Nesse sentido, ao propagarem um ethos feminino em suas letras musicais, em suas vivências musicadas, e em suas atitudes performáticas, confrontam os impactos da vergonha, do proibido, do condenável e criam laços de confiança (Giddens, 1991) que resultam justamente no que estamos analisando: a ocupação (e inversão) feminina no funk, o alargamento do privado e a constituição de novas relações públicas, inclusive entre as próprias meninas/mulheres e os meninos/homens.

Nessa perspectiva, a rua e as baladas funk, principalmente os *Proibições Funk*, conquistaram uma configuração produzida também por sujeitos femininos, o que pode ser compreendido como uma afirmação da identidade grupal, quando da/na formação dos Bondes, ou a autonegação de *Periguetes da Moral*. A adesão dessas jovens às práticas das galeras masculinas pode ser compreendida como uma afirmação da identidade grupal, que aparece associada à noção de “nós”, em contraposição ao “elas” - jovens de outras comunidades ou estratos sociais nomeadas ora como *Periguetes Desclassificadas*, ora como *Recalcadas*. E sobre essa diferença elas dizem:

A Periguite da Moral, é aquela que sabe dar o seu valor, é sensual, não tem namorado fixo, rouba a cena aonde chega e assume seus atos. Faz os seus corcos, durante a semana, até quinta... porque sexta é dia de faxina em casa e dia de dar um trato no vizú! para quando chegar o sábado, tá prontinha para o crime. Ela tem que ter atitude⁹⁴ (Sujeito 2 – Bonde das Malcriadas). A Periguite Desclassificada, tem que apanhar muito! (risos). Ela coloca os caras só em rolo violento, não sabe dos movimentos do bairro, fica com um nego da região da Caixa d'água, tira toda grana dele na noite e depois vai dormir com outro cara do Cruzeiroiro. Além de não cuidar da família, elas são egoístas e individualistas. No meu Bonde mando eu, lá não tem nenhuma desse naipe, senão já era, o Bonde todo pula nela fí (Sujeito 4 - Bonde Padoka dos Boys)

⁹⁴ A maior qualidade de uma integrante do bonde ou de parceiros da galera. É a garantia de compromisso e caráter. Se uma pessoa é querida do grupo, tem atitude.

Agora a menina ou a mulher recalcada é aquela de outras áreas, que tenta ser como a gente mas não passa tudo que a gente passa. Mas eu acho que na maioria delas, elas tem inveja de nós, olha com cara feia pra gente por causa do nosso shortinho e das nossas coxas grossas (risos) tudo malhado no morro e no tanque, no desce e sobe, nada de academia não. Ah são aquelas da igreja também, porque veste saião e morre de ódio da gente, sendo que os home delas que come a gente com o olho. Vê lá se eu quero pastor, pra me prender na Igreja e comer periguete aqui fora (risos)
(Sujeito 9 – Bonde das Ariranhas)

As tensões femininas que emergem nesses espaços públicos e festivos, se assemelham muito com as representações da cultura viril, associadas ao ethos guerreiro, que compõem o imaginário da rua (UDE, CARRETEIRO, 2007, p. 63-73). A *periguete desclassificada* que tenta se apossar de um espaço ou grupo (Bonde), já ocupado por uma *periguete da moral*, representa fato grave, considerando que fere as demarcações inscritas no ethos da rua, podendo gerar uma guerra entre todos os defensores dos territórios ali delimitados. Nesse aspecto, torna-se importante salientar como esses contextos são delimitados por códigos de convivência que procuram defender a honra⁹⁵ dos seus integrantes.

Tipo assim: eu indo com shortinho curto e até tirar ele, não interessa, é o meu respeito lá dentro que vale, se você admitir que o menino te chama de gostosa rir pra ele, e deixar, ele vai ficar naquela o tempo todo, é gostosa é isso é aquilo. Se você der mole e deixar que eles passem a mão em você e você não dá um esparro bem alto, aí já era (risos) onde você passar eles vão passar a mão em você. Uma vez o menino apertou a minha bunda, aí eu passei e xinguei ele(falei se você

⁹⁵ A utilização do conceito de honra nesse contexto precisa ser feita com cuidado. Na literatura antropológica, a honra masculina e o pudor feminino são noções-chave inspiradas nas etnografias de grupos rurais das sociedades mediterrâneas. Nessas análises, a honra é tida como valor ideal, construído independentemente das práticas (FONSECA, 1992). Tal argumento, baseado em uma articulação mecânica entre atributos masculinos e femininos, enfatiza demasiadamente a subjugação dos segundos pelos primeiros (CORNWALL, 1994). Além disso, a honra estaria baseada em valores culturais herdados. Considero os limites dessa noção para pensar o caso dos Bondes femininos. Meus dados divergem substancialmente das etnografias clássicas. Entre as entrevistadas e informantes, a ideia de honra herdada de outras gerações, não tem importância, e a memória genealógica é curta, pois a percepção temporal se restringe a um período mais reduzido.

encostar a mão em mim de novo o trem vai ficar feio aqui dentro) aí toda vez, ele passava perto de mim toda hora e aí ele virava e até arredava nem encostava. Então a primeira impressão no baile é a que vale. Como eu vou ao pagofunk de vez em quando eu quero é curtir com o Bonde, dançar muito, eu não vou pra pegar os menino todo, vou pra escutar e cantar o funk bem alto, extravasar mesmo, me acabar no baile. Tem uma menina que eu vi que foi com um vestido parecendo blusa, eu tava de shortinho e tênis eu e as meninas ficamos lá no nosso canto, chegou até uns meninos pedindo pra ficar, mas a gente que escolhe sabe (Sujeito – 2 – Bonde das Malcriadas).

O dia que eu tava com boné pra trás, na esquina da escola, já era umas 19horas, e ele sabe que eu estudo a tarde (suspiros) é foda véi! ... o bota vira pra mim na lata e pergunta, se “eu tava matando aula”, eu pra evitar mais tumulto, falei não, depois ele ainda perguntou na cara dura se eu era bandida, eu ia mandar ele tomar no cú... mas só falei ... não pra evitar né, era sexta e eu não queria perder o funk (risos) (Sujeito -5 – Bonde das Ariranhas).

No entanto, diante da complexidade que envolve o tema, chama a atenção o fato de que há uma afirmação comum em evidência no estudo de território que é a relação de poder que existe nele. Assim, pode-se dizer que o território representa uma área demarcada na qual um sujeito, ou alguns indivíduos, ou ainda uma coletividade exercem o seu poder. Dessa forma os *Proibições Funk*, como o *Quinta da Folia* (FIGURA 5) e a *Sexta Vip* (FIGURA 6), se configuram como territórios que contêm o espaço [...] "a utilização do território pelo povo cria o espaço" (SANTOS, 1978, p. 189) e, em nosso caso representam um espaço ocupado pelo público feminino. Essas ocupações espaciais estabelecidas pelos territórios, podem ser observadas nos cartazes de divulgação dos bailes funk, apresentados abaixo (FIGURA 5 e FIGURA 6):



FIGURA 5- Algumas propagandas dos bailes funk que acontecem em áreas de sítios mais afastados



FIGURA 6- Propaganda do Proibidão funk que acontece em áreas de sítios mais afastados – a divulgação é feita nas redes sociais.

Daí entende-se que os conceitos de espacialização e territorialização entendidos como processos, proporcionam uma constante reflexão pela dinâmica da ação humana que os

impulsiona. Constitui-se, portanto, um todo concreto que se configura dialeticamente, por sua flexibilidade e contradição impressas e espacializadas no próprio território. Um fator importante, que não pode ser negligenciado na formação do território é a totalidade das relações efetivadas neste, ou, a noção de territorialidades, já que o estabelecimento do poder é relacional em qualquer que seja a relação a que se refere:

[...] De acordo com a perspectiva adotada, a territorialidade assume um valor bem particular, pois reflete o multidimensionamento do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pela sociedade em geral. Neste sentido, os seres humanos vivem ao mesmo tempo o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivas (RAFFESTIN, 2002, p. 158).

Dessa forma a subjetividade presente na fala do *Sujeito sete* “o que me afasta de algumas meninas é a metideza e a jogação de cabelo” nos induz a pensar que: ter o cabelo grande e liso em uma balada funk afasta a menina/mulher de determinado território, mas a acolhe em outro, o que nos remete a criação de uma fronteira nesse espaço, e como tal, produtora de tensões. Nesse contexto, não basta se arrumar saber dançar e ir para o baile funk, na visão das meninas/mulheres é necessário ser “humilde, se entregar ao som e ter atitude” (NDC, maio de 2012).

Desse modo, Tinhorão contesta a “popularidade” e a “ludicidade” das festas, pegando, como exemplo, o período de festas do Brasil Colonial, caracterizando-as como manifestações territorializadas por elitistas, frutos de uma dupla determinação - oficialista e religiosa.

Assim, o que durante mais de duzentos anos se registra como aproveitamento coletivo do lazer na colônia americana de Portugal não seriam propriamente festas dedicadas à fruição do impulso individual para a diversão, mas momentos de socialidade festiva, propiciados ora por efemérides ligadas ao poder do Estado, ora pelo calendário religioso estabelecido pelo poder espiritual da Igreja (TINHORÃO, 2000, p.7)

Não posso concordar totalmente com essa afirmação, já que apresenta um caráter essencialista (OLIVEIRA, 2004), pois no contexto das baladas estilo *Proibições funk*, aqui discutidos, presenciei a configuração de um fenômeno histórico-cultural que permeia grande parte do bairro popular favelizado, significando uma trégua no cotidiano rotineiro e na atividade produtiva dessas meninas/mulheres, que possuem, às vezes, jornadas triplas entre tarefas domésticas, trabalhos fora de casa e escola. Sua natureza é intrinsecamente diversional, comemorativa, pautando-se pela alegria, pela celebração e também pela transgressão, o que nos remete ao pensamento de Birou:

A festa, quaisquer que seja a sua tipologia é uma necessidade social em que se opera uma superação das condições normais de vida. (...) É um acontecimento que se espera, criando-se assim uma tensão coletiva agradável, na esperança de momentos excepcionais. (...) A festa é a expressão de uma expansividade coletiva, uma válvula de escape ao constrangimento da vida quotidiana. Da economia passa-se à prodigalidade; da discrição à exuberância. Surgem as manifestações de excesso, nos mais ricos por ostentação, nos mais pobres por compensação. (BIROU, 1996, p.166)

Para que possamos atingir a representatividade de um fenômeno, como no caso das baladas funk, em relação às atividades de todo ser humano, pelas quais julgamos suas capacidades de *conhecer* para *transformar*, faz-se necessário tomá-lo dentro dos aspectos mais significativos da cultura, ou, pela sua pertinência na forma de concepção do mundo; não apenas como uma noção, mas em uma atitude de apreensão. Sendo assim, no próximo capítulo me proponho a discutir narrativas femininas que transgridem a ordem patriarcal vigente, ora imerso, ora submerso num contexto de violência e criminalidade territorial, bem como os significados atribuídos ao “sou favela” e ao “sou comunidade” expresso em suas falas, captando os distintos sentidos atribuídos a essa relação no processo de construção social de suas feminilidades.

5 FAVELA E COMUNIDADE: NARRATIVAS DOS BONDES EM UM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE.

No Bonde Padoka dos Boys todo mundo anda no naípe, somos patricinhas só de cara, porque quando a gente abre a boca é só favela (risos)(Sujeito 3 – Padoka dos Boys).

O Morro Alto já foi uma comunidade, que isso minha filha já foi... se fosse não tinha essas guerra aí não. Comunidade é um lugar onde não tem ninguém controlando ninguém, você pode sair de nariz pra cima. Agora na favela tem os botas pra todo lado, aí fí, é cada um por si e Deus por todos (Sujeito 7 – Bonde das Ariranhas).

*Você conhece a favelinha do alho? **SIM.** Então, lá é uma favela por causa das áreas de invasão, barracão bem fudido, esgoto na porta e essas coisas que a gente vê aí, até os bota chama lá de favelinha. Mas lá todo mundo é amigo, qualquer hora que você entrar lá é de boa, isso pra mim que é comunidade entendeu (Sujeito 9 – Bonde das Ariranhas).*

Eu não entendo algumas vezes as pessoas chamam aqui de Comunidade do Morro Alto, aí quando vai pichar o nosso bairro na televisão, já fala, a favela do curumim, ou a favela da caixa d'água, apesar de que nessas áreas o tiro come solto, mas mesmo assim os dois tão dentro do Morro Alto. Esse povo separa o bairro todo, eu acho isso paia demais (Sujeito 4 – Padoka dos Boys)

O primeiro eixo analítico desenvolvido, neste capítulo, foi verificado por meio das falas das jovens meninas/mulheres durante nosso grupo de discussão com o tema - “sou comunidade” ou “sou favela” - na qual, buscou-se compreender as percepções desses sujeitos acerca do seu local de moradia. As análises dessas categorias se tornaram importantes, pois os termos eram recorrentes nos diálogos observados no decorrer da pesquisa; bem como avaliar o nível de pertencimento a um bairro altamente criminalizado⁹⁶.

⁹⁶ Estudos revelam que, além da própria capital mineira, Ribeirão das Neves e Santa Luzia são as cidades que registram os maiores índices de criminalidade na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), seguidas de Betim, Contagem, Vespasiano e Ibirité. Estudo realizado pelos pesquisadores Luciana Andrade e Alexandre Diniz – PUC-Minas, podem ser consultadas na

Nesse contexto, sabemos que no passado, as favelas eram usualmente representadas como “comunidades” por seus moradores⁹⁷. Essa representação destacava e valorizava uma vida cotidiana marcada por contatos primários, solidariedade, ajuda mútua etc., e possivelmente encontrava correspondência na sociabilidade que ali se desenvolvia. Por outro lado, embora muitas vezes também fosse formulada uma reação à construção da favela na percepção social e nos discursos dos agentes das instituições estatais como um problema para a cidade, isto é, como um “mundo à parte” da cidade e da sociedade, caracterizado pela ilegalidade, por atraso e desorganização social, constituindo uma ameaça potencial (VALLADARES, 2005; SILVA, 2002; ZALUAR, 1997).

Neste contexto atual, o recurso à ideia de “comunidade” nas narrativas dessas jovens moradoras seria uma forma de reconstruir esse espaço, conferindo um sentido positivo para o território e seus moradores, alternativo aos acionados pela “cultura do medo” (SOARES, 1996). Referir-se a bairros favelizados e atravessados pela violência criminal como “comunidades” seria um recurso meramente argumentativo. Nesse aspecto, indago: Seria uma forma de elidir a violência em áreas favelizadas e seus efeitos na cotidianidade que ali se desenvolve? Ou pode ser compreendido como uma descrição aproximada de certos aspectos da vida cotidiana nesses territórios? Para responder a essas perguntas, foi importante analisar em que contextos e circunstâncias os sujeitos da pesquisa, as moradoras empregavam as categorias “favela” ou “comunidade”, buscando apreender como as representações sobre

publicação dos trabalhos apresentados no XII Congresso Brasileiro de Sociologia, no GT Cidades: Transformações, governança e participação. Belo Horizonte, 31 de maio a 3 de junho de 2005.

⁹⁷ Embora o termo comunidade tenha sido produzido por intelectuais e posteriormente por gestores públicos, para os moradores do Conjunto Morro Alto os termos “comunidade e favela” são conhecidos por distintos significados e sentidos. Entretanto, coaduno com Vigotsky (1991), na qual o importante é ouvir o sentido da palavra. Para tanto adotei a concepção de comunidade apresentada pelas jovens.

seu local de moradia se articulavam às narrativas sobre as experiências com a violência nesse território.

Nesse sentido, em muitos relatos sobre a violência praticada pelos integrantes de grupos rivais ou traficantes de drogas no Conjunto Morro Alto, usavam a categoria “favela” e não “comunidade”, para descrever as práticas dos criminosos nesses locais e seus desdobramentos, inclusive suas próprias ações, reações e as de amigos e vizinhos.

Quando aqui era comunidade era como se fosse uma família, era tipo assim, a mulher ou o cara podia até ser bandido, mas conhecia o pai ou a mãe do outro e aí tinha mais respeito. Todo mundo sabia o nome de todo mundo, conhecia todo mundo sabe, agora nunca a gente sabe direito quem vai tá no comando nessas ponta aí (Sujeito -2 – Bonde das Malcriadas)

Lá na favela do curumim o cara da boca lá de cima, que agora ele nem fica lá mais porque ele foi expulso, essa menina denunciou pra mulher dele que ele tinha traído ela. Aí ele ficou invocado e mandou outra chegada dele ir lá e raspar o cabelo dessa menina. Por isso que eu falo se não sabe viver numa favela nem vai lá. Todo mundo falou bem feito porque quem conversa demais cê já viu, né? E ela ficou caladinha, também vai denunciar pra quem, ela se fudeu (Sujeito -4 – Bonde Padoka dos Boys)

Meu pai falou que o pessoal da antiga, que era do mundo do crime, a maioria já morreu, e que os vida loka de hoje nem são “cria” da comunidade, por isso não tem respeito (Sujeito -6 – Bonde das Ariranhas)

Todavia, é importante ressaltar como a delimitação temporal operava na avaliação da violência entre essas jovens. Paralelamente em diversos relatos sobre a violência que abatia-se sobre elas próprias, seus familiares, amigos e vizinhos também relativizavam indiretamente uma submissão à “lei do tráfico”, pois referiam-se aos laços construídos no passado, na “comunidade”, de modo a empreender uma certa moralização da conduta de alguns agentes do crime violento.

Frente a isso, evidencia-se que estariam, assim, tentando restaurar no presente, mesmo que imaginariamente, a dimensão

perdida de “comunidade” como base de uma interação possível, ainda que limitada a certas circunstâncias, com os criminosos. Desse modo, pude observar um processo de auto-organização dessas jovens para lidar com os integrantes dos grupos rivais e ou traficantes sediados, no Conjunto Morro Alto que desenvolveu-se a partir do reconhecimento de sua inserção em uma ordem factual que é caracterizada, de um lado, pela contiguidade com o crime violento no território e pelas diversas situações em que sua presença e atuação alteram suas rotinas cotidianas e afetam seus familiares, amigos e vizinhos. Por outro lado, diante do acesso precário dessas jovens aos bens de cidadania, às instituições e serviços públicos, que lhes dificulta recorrer a alternativas institucionais para contrapor ao risco e à violência, tentam minorá-los ou enfrentá-los em seu cotidiano.

Nesse sentido, e sob esse ângulo, o que muitas vezes se apresenta como “ambiguidade”, pode ser compreendida, em outro nível de análise, como o recurso social/simbólico disponível às jovens moradoras de áreas favelizadas para tentar lidar com o perigo e a insegurança acarretados pela presença e atuação do crime violento no território. Refiro-me aqui, de um lado, a uma atitude de não-confrontação, que envolve uma percepção clara do perigo envolvido em situações de contato – que são inevitáveis, face à contiguidade territorial. Todavia, colocam-se como sujeitos que escolhem não fazer ou não dizer nada que possa provocar explosões de força. Dito de outro modo, essas jovens reconhecem o perigo dessas/nessas situações de encontro com traficantes, com quem muitas vezes não partilham as mesmas regras de conduta (MACHADO, 2004).

Porém, essas interações contêm também momentos de imprevisibilidade, uma vez que não se pode antecipar com segurança que enunciado ou ação serão tomados como confrontação, que resultarão em reações violentas. Nas circunstâncias de insegurança em que vivem esses sujeitos

femininos integrantes de Bondes, que vivenciam a rua e os espaços tidos como “perigosos” e que usualmente se interpreta como “ambiguidade” resultou em grande parte do repertório⁹⁸ e das formas de ação ou omissão de que dispunham para se proteger.

Nesse sentido, o que essas jovens buscaram através dos discursos e práticas analisadas, representou referências mínimas de continuidade de pessoas e coisas para suportar o insuportável. Essas jovens fizeram uso dos repertórios possíveis, assim como desenvolveram diferentes formas de ação, buscando abrigo e apoio nos Bondes e nos bailes funk, para constituir esboços do que Giddens (1991) designou como “segurança ontológica”⁹⁹ e enfrentaram a violência e a insegurança presentes nesses espaços públicos que elas decidiram também ocupar e atuar. Por fim, vale ressaltar que a análise desenvolvida neste capítulo aponta para a pertinência de se considerar a sugestão de Wacquant (2001b) quanto à erosão do sentido de “lugar” em contextos de violência, estigmatização e segregação. Com efeito, torna-se importante, considerar a hipótese de que a modalidade de presença e atuação do crime violento na região do Conjunto Morro Alto esteja transformando algumas dessas localidades, como “Caixa d’água, Curumim, Rua HH” e outros de “lugares” densos no plano da sociabilidade em “espaços” nos quais os laços sociais seriam frágeis, e a interação social crescentemente esvaziada de seu sentido e possibilidades, ao passo que o “encontro”, o “sentido” e as amplas possibilidades de reinvenção estariam no acolhimento das

⁹⁸ Os gráficos com as tipologias criminais, dias da semana, faixa etária e horário, tendo as jovens meninas/mulheres moradoras do Conjunto Morro Alto e região, como autoras ou co-autoras poderão ser consultados nos anexos deste trabalho.

⁹⁹ Giddens compreende a segurança ontológica como fenômeno emocional e não cognitivo que “se refere à crença que a maioria dos seres humanos tem na continuidade de sua autoidentidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes” (1991, p. 95). Neste sentido pode-se pensar que certas práticas se associam a uma “busca” por segurança ontológica, envolvendo tentativas de incidir sobre a contingência e o acaso que alimentam os perigos e a insegurança, e, assim, “prosseguir” a vida

baladas funk. Esses “espaços” configuram-se como um dos poucos “lugares” favoráveis às trocas e a fruição das sociabilidades, representam momentos do *viver comunitário*, erroneamente julgado pelo senso comum, e pelas tidas como “recalcadas” como “espaços” de favelados criminosos. Nesse contexto, apresento no próximo item a organização subjetiva desses espaços e sua materialidade que se configuram na rua, no baile funk, como também em casa.

5.1 Feminilidades nos espaços da rua da casa e dos bailes: sua materialidade e sua organização subjetiva

O gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas ele poderia ser muito bem o dispositivo pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados (BUTLER, 2003, p.59).

A reflexão que apresento orienta-se por uma problematização que compreende jovens meninas/mulheres que vivenciam com prazer e intimidade o espaço da *rua* e das *baladas*, no conjunto Morro Alto e que também partilham momentos de certa “igualdade” com os jovens masculinos/homens em diversas “*transgressões*”. Desse modo, esse processo transgressor iniciou-se em casa, quando essas jovens se mostraram aptas a estar na rua. Nesse sentido, pensar o modo como se dispõe o espaço para essas jovens, constitui uma maneira fundamental de configurar sujeitos em suas relações, ou seja, de significá-los. Meu objetivo neste item da pesquisa foi trabalhar com a relação social que se estabeleceu em diferentes condições entre o tornar-se mulher, a casa, a rua e os bailes para, a partir daí, pensar os sujeitos e seus modos de vida, seus processos de significação que são interpretados pelo par público/privado. A intimidade, a sociabilidade, a hostilidade, a ruptura, a segregação, o equívoco, a contradição me ocuparam durante toda observação. Enquanto menina/mulher de bairro popular como seria *sentir-se em casa*? Como seria *sentir-se na rua*?

Quais os sentidos e significados em ser uma *menina/mulher funkeira*?

Pensando dialogicamente a cidade e o bairro, considerei o espaço em sua materialidade. Dessa perspectiva, o espaço foi, de um lado, “[...] o enquadramento de todos os fenômenos” (ORLANDI, 2004, p.110) e, de outro, ele não se tornou nem um vazio, nem apenas uma função, ele constituiu-se em espaço de interpretação, com sua materialidade em que se confrontaram o simbólico, o subjetivo e o político. Assim, o bairro popular se materializou em um espaço que constituiu um espaço significativo, no qual os sujeitos, as práticas sociais, as relações entre o indivíduo e a sociedade apresentavam uma forma material, resultante da simbolização da relação do espaço, cidadão, com os sujeitos que nele existem, transitam, habitam, politicamente significados.

O corpo dos sujeitos esteve atado ao corpo do bairro e estes foram significados por essa ligação. E de tal modo se articularam, que a representação de um não se separava da representação do outro, em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica etc. O corpo dos sujeitos e o corpo do bairro integraram uma forma de ser. Diante disso, em minhas reflexões, procurei considerar o bairro em seu real, atravessando-o por meio de diversas observações, sustentada pela teoria histórico-cultural¹⁰⁰ e o método do pensamento complexo¹⁰¹,

¹⁰⁰ Essa perspectiva teórica analisa o reflexo do mundo exterior no mundo interior dos indivíduos a partir da interação destes sujeitos com a realidade. Seria afirmar que: A origem das mudanças que ocorrem (no ser humano), ao longo do seu desenvolvimento, está, segundo seus princípios, na sociedade, na cultura e na sua História, conforme apontado por Rey (2007). O termo histórico-cultural, aqui utilizado por Fernando González Rey é também utilizado por René Van der Veer e Jaan Valsiner. O termo sócio-cultural tem sido usado por autores americanos como Wertsch e Michel Cole, entre outros, e é difundido no Brasil por pesquisadores na UNICAMP como Smolka e Angel Pino. Alguns estudiosos brasileiros utilizam o termo sócio-histórico, porque acreditam que o termo cultural no Brasil não reflete uma tradição marxista. Fernando Rey argumenta que o termo cultural, em Cuba, traz essa inflexão. Desse modo, resolvi manter o termo escolhido pelo professor Fernando Rey – histórico-cultural – porque não identifiquei diferenças importantes na formulação. Ressalto que o termo sócio-histórico, no meu entender, não corresponde à tradição marxista de Vigotski. (Nota da autora).

considerando o imaginário que institui este jogo de sentidos entre as feminilidades, o bairro, e o social.

Todavia, tais configurações respingaram em diversas organizações sociais, independente da sua localização na esfera de classes. Ao transitar pelas ruas do Conjunto Morro Alto, ficou evidente a materialidade em que o bairro foi constituído, bem como a organização que os sujeitos produziam naquele lugar singular. Desse modo, o processo de aquisição de um eu ou de uma identidade distinta e separada do restante do mundo é, ao mesmo tempo, o processo que liga o individual ao grupo (que é, também e por sua vez, uma parte do indivíduo que está sendo criado). Na aquisição ou construção das identidades de gênero colocam-se em jogo, de forma imediata e inescapável, experiências culturais generificadas que recortam “territórios” específicos, na qual diferentes sujeitos desempenham (performam) suas vivências com relação à sexualidade e vivência grupal “num processo de criação mútua implementado pelo agir (pela performance) dentro de um universo pré-simbólico e também simbólico” (MATOS, 2000, p.226). Um desses “territórios” - as esquinas - foi analisado sob a perspectiva do pertencimento.

Neste contexto, tanto na pesquisa exploratória, quanto na pesquisa de campo, propriamente dita, me deparei com o feminino, ocupando o espaço da rua em diversos momentos do dia. A concentração rotineira de três grupos de meninas em três esquinas do bairro me chamava atenção. Percebia que elas se arrumavam para estar ali, assim como os meninos que, às vezes, passavam por elas, não se fixavam naquele lugar. Foi possível identificar ainda

¹⁰¹ O pensar complexo significa compreender cientificamente a interdependência e interconexão entre todos os fenômenos físicos, naturais e sociais. O pensamento complexo procura superar uma visão linear, reducionista e disjuntiva do conhecimento, do processo de (re) construção dos saberes científicos. O verdadeiro problema da reforma do pensamento, como diz Morin (2001a), é que se aprendeu a separar, mas é preciso (re) aprender a (re) ligar, estabelecer uma conexão com o propósito de formar uma rede – teia (CARVALHO, 2003, p.97).

que algumas meninas da esquina (A) frequentavam a esquina (B), fato que não se repetia com o grupo da esquina (C). Tive a oportunidade de encontrar os três grupos em diversos eventos de lazer institucionalizados que acontecera no bairro. Essa constatação me provocou buscar valiosas informações. Contudo, a postura dessas jovens meninas/mulheres se apresentava de forma flexível, o que me pareceu atender a uma necessidade política e social imposta a elas; assim narrado pelo sujeito dois em nossa EIS, quando indagada sobre o trabalho da polícia no bairro:

Um dia mesmo que eu tava procurando emprego com minha colega a policial feminina já foi chegando e falando Abre as pernas. Levanta a mão. Já foi revirando nossos bolsos, pegou a bolsa da minha colega e virou toda no chão, viu que não tinha nada, não pegou nada de volta deixou lá tudo no chão espalhado, e ainda entrou na viatura e falou: Enquanto eu não virar a esquina vocês não fecha as pernas e não saem de onde vocês estão, e aí nós ficamos lá igual idiota, nó véi que raiva, pra que isso véi?!

Nesse contexto, e com base na geografia das desigualdades discutidas por Milton Santos (1996) a definição de território tornou-se política, pois se tratava de território usado, espaço banal, na qual podíamos propor dois tipos de espaços: “os espaços que mandam e os espaços que obedecem gerados pelo permanente embate entre o par dialético abundância-escassez (SANTOS, 1996, p. 116)”. Isso seria o fundamento maior das “geografias da desigualdade”. Mas ao criar uma bolha suspensa e isolada, de estrutura truculenta e hostil à realidade em que se insere a arquitetura da injustiça social, mais alimentava que reduzia a desigualdade, e fez com que a espetacularização da miséria se sobrepujasse ao enfrentamento efetivo dos problemas fundamentais da cidade. Materializada na “bolha mirante-panóptico, a incomunicabilidade permanece” (SANTOS, 1996, p.121). E o paradoxo da paz armada, enfim, encontra na arquitetura sua mais perfeita tradução.

Nesse contexto, ficou perceptível que nas proximidades, na qual, estão instaladas as instituições policiais¹⁰² do bairro, esses grupos de meninas/mulheres – os Bondes adquiriram posturas diferenciadas, como forma estratégica para permanecer na invisibilidade: “*Anda pianinho*¹⁰³ *aí porque de lá os bota manja o movimento aqui embaixo*”; “*Não fica gritando aí não sô, para de dar esparro*¹⁰⁴” (NDC – 18 de agosto de 2012). Essas foram frases comuns utilizadas pelas integrantes dos Bondes sempre nas proximidades das instituições policiais. O mesmo fenômeno ocorreu repetidas vezes quando integrantes dos grupos estavam dentro das oficinas de dança do Programa Fica Vivo ou em cumprimento de medida de liberdade assistida no CREAS – Centro de Referência Especializado em Assistência Social.

Diante desses espaços institucionalizados, as meninas/mulheres preferiam “seguir as orientações impostas por tais instituições”. Dessa forma, para a comunidade do Morro Alto como um todo, tais instituições estavam intrinsecamente ligadas aos serviços da polícia, o que de certa forma moldava a postura dos sujeitos, caracterizando, “modos de ser e de conviver” o que me remeteu ao conceito de panóptico descrito e reelaborado por Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* :

O Panóptico (...) permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido (...) Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído (...) Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem,

¹⁰² Como instituições militares ou ligadas a Secretaria de Segurança Pública de MG, situadas dentro do Conjunto Morro Alto e região temos: A 180 CIA PM ESP/36 BPM, as sedes da 56ª e 68ª Área Integrada de Segurança Pública (Aisp), 180ª Companhia de Polícia Militar e a 3ª Delegacia de Polícia Civil de Vespasiano. Fonte: Ascom Seds.

¹⁰³ Andar sem chamar muita atenção, fazer de tudo para não ser percebido(a).

¹⁰⁴ Algo exagerado, escandaloso, etc.

assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é (...) que as pessoas se encontrem presas numa situação de poder, das quais, elas mesmas são as portadoras (...) o essencial é que elas se saibam vigiadas (FOUCAULT, 1975, p.209)

Na perspectiva desse autor o panóptico era fruto do processo de “normalização” do sujeito moderno, proveniente de estudos da “Sociedade Disciplinar”. Tais mecanismos de vigilância visavam interiorizar a culpa e gerar remorso no indivíduo pelos seus próprios atos. Esse discurso foi recorrente na comunidade do Morro Alto, na qual alegavam por um lado a positividade da presença policial constante no bairro, para conter a violência, mas por outro associava o aumento da violência em função da forma como eram realizadas as intervenções.

Mesmo com todos os rearranjos da segurança pública o bairro contava ainda com a presença histórica de duas gangues rivais: a “caixa d’água” e o “curumim”, espaços segundo informações da Secretaria de Segurança Pública, com grupos que atuavam diretamente na dinâmica do bairro, “ora tranquilo, quando sem guerras”, ora violento e inseguro, quando os grupos iniciavam os conflitos. Nesse sentido, o antropólogo Roberto Damatta nos apresenta a “rua” como uma categoria analítica, na qual se constitui por um espaço privilegiado do masculino e “naturalmente” sujeito a todos os perigos e tentações que recheiam aquele espaço e a “casa” o espaço da glorificação feminina (DAMATTA, 1997 p.60).

Todavia, mesmo quando todo o cenário histórico-cultural, inibia a presença da menina/mulher nas ruas, nas noites de balada, induzindo-as a permanecerem no privado; foi no espaço público, que identifiquei grupos de meninas compartilhando as diferenças. Um público feminino que veio se projetando, (re)significando e de certa forma (re)afirmando uma identidade silenciada - *a priori* - pelo patriarcado e - *a posteriori* - pela criminalização da pobreza.

Nesse sentido, esse processo de (re)significação da jovem menina/mulher de bairro popular se materializava através das

baladas funk denominadas aqui como “Pagofunk”, “Quinta Folia” e “Sexta Vip”– que funcionavam de quinta a domingo, em lugares variados na região do Conjunto Morro Alto. Os espaços para tais eventos eram sítios localizados em áreas mais afastadas, locados para tal, nos quais a estrutura para ouvir e dançar o funk era produzida por sons automotivos. Tudo acontecia nas mediações do bairro, ou no espaço¹⁰⁵ Curumim¹⁰⁶ dentro do próprio bairro. Dessa forma, obsevou-se que havia toda uma trama complexa que necessitávamos tentar compreender que, dentre outros elementos, trouxe-me dimensões das relações de gênero construídas no contexto histórico-cultural que compartilhei. Nesse sentido, foi pensando em diferenciar a capacidade rara da espécie humana em recriar seu próprio mundo a partir de suas práticas e modos de vida, que organizei o próximo item, para então discutir as transgressões em momentos de lazer, bem como a elaboração dos códigos na constituição de um ethos feminino singular.

5.2 Feminilidades, Baile Funk e Transgressão: códigos e constituição de um ethos feminino singular

Deve haver uma ligação entre esse processo de “assunção” de um sexo, a questão da identificação e os meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual capacita certas identificações de sexo e foraclui e/ou des-reconhece outras identificações (BUTLER, 2003, p.3).

¹⁰⁵ Rua lateral ao espaço do Programa Curumim no Conjunto Morro Alto.

¹⁰⁶ O programa Curumim visa, com atividades de esporte, lazer e reforço escolar, ocupar o tempo livre não despendido na escola de crianças pobres com idade entre seis e 12 anos. Cada criança permanece cerca de três horas por dia no programa, inclusive durante as férias escolares. O objetivo é oferecer atividades complementares às da escola, incluindo alimentação e vestuário, para facilitar o seu desenvolvimento pessoal e social e, em particular, elevar o desempenho e a probabilidade de permanência da criança na própria escola. De 1991 a 1995, foram implantados cerca de 134 núcleos espalhados por todo o Estado de Minas Gerais, atendendo hoje cerca de 30 mil crianças pobres. Mais especificamente curumim em Tupi-Guarani significa menino veja Gonçalves Dias (1858) e Silveira Bueno (1984).

Procuro aqui abordar a importância das diversões populares, e refletir sobre a quem interessa desqualificar o que vem das camadas populares, como sabemos, não são raras as aproximações dessas diversões como imorais, inadequadas ou distantes das possibilidades educativas. Nesta parte do estudo, ficou evidente que nem sempre o lazer foi reconhecido pela sua importância, mesmo que ele seja garantido constitucionalmente¹⁰⁷ e posto no mesmo patamar de outras necessidades como a saúde, a educação, a segurança dentre outras. Desse modo, torna-se comum desqualificá-lo, principalmente se ele está relacionado ao “curtir um funk”. Nesse contexto, muitas vezes o lazer é apresentado como um tempo para o consumo, como também improdutivo e destinado ao divertimento despretensioso, sem nenhuma outra consequência para a vida dos cidadãos, um mero entreter.

Nesse sentido, é importante salientar que o lazer no Brasil, sempre foi influenciado por princípios positivistas, reforçando o mito da racionalidade iluminista, destacando a educação como um poderoso instrumento de reprodução e adestramento social que, de acordo com Gomes e Pinto (2009), esse contexto:

(...) estreitou relações entre o Estado republicano, a escola e o modo de trabalho capitalista, influenciando a incorporação da recreação ao cotidiano brasileiro. (...) acreditava-se que o tempo vago era nocivo ao desenvolvimento social, devendo ser preenchido com atividades recreativas consideradas saudáveis, higiênicas e moralmente educativas. (GOMES e PINTO, 2009, p. 74)

¹⁰⁷ Artigo 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição” (BRASIL, 1988, p.12). Artigo 227: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer ...” (BRASIL, 1988, p.148). Seção III (Do Desporto), Artigo 217, no parágrafo 3º do item IV: “O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social” (BRASIL, 1988, p. 143).

No meu ponto de vista, o lazer/recreação foi amplamente introduzido, como um complemento às funções da escola, para “salvar” as crianças e adolescentes das influências maléficas da rua¹⁰⁸. Nesse contexto ampliou-se, gradativamente, a preocupação com os usos do “tempo livre” por parte de muitos setores sociais, numa tentativa de mantê-lo dentro dos limites da lei e normas morais estabelecidas socialmente.

Todavia, neste estudo procuro demonstrar as múltiplas facetas desse fenômeno chamado lazer, materializado aqui nas baladas funk, que foram privilegiadas lentes femininas e feministas, nas quais, de certo modo, evidenciaram-se espaços tanto para transgressão, quanto para a subversão.

Nesse contexto, cabe reconhecer o lazer como possibilidade de “humanização da vida” e como “canal privilegiado” de democratização do acesso à cultura. Nesse sentido, para Marcellino (1996), o lazer não pode mais ser “encarado como atividade de sobremesa ou moda passageira” no dia a dia de uma cidade ou metrópole. Assim como, para Gomes e Elizalde o “lazer necessita ser compreendido e reconhecido como uma necessidade humana e como uma dimensão da cultura, representando, portanto, uma prática social complexa que precisa ser historicamente situada” (GOMES e ELIZALDE, 2012, p.81).

A rigor, estamos diante de grandes debates contemporâneos referentes ao uso socialmente referenciado do espaço-tempo do lazer. Seja ele, em um ambiente rural ou urbano. Os estudos nesse campo enfrentam momentos de re-visitas conceituais de grande efervescência discursiva e literária, envolvendo matrizes teóricas nacionais e estrangeiras. Trata-se de estudos que tomam o lazer como possibilidades, ainda recreativas e (in)formativas e que implicam no atendimento a distintos segmentos

¹⁰⁸ Essas estratégias segundo Kishimoto (1993), representou uma das maneiras de “desmoralizar a rua” com vistas a institucionalização de práticas culturais recreativas em espaços fechados, supervisionados e orientados

sócio-profissionais os quais envolvem relações etárias, de classe, étnicas e de gênero.

Nesse sentido, verificando outras abordagens nos estudos do lazer, para entender melhor o funk como possibilidade de lazer, encontrei nos escritos de Padilha o reconhecimento de dois grandes campos teóricos vivenciais nesse fenômeno: as concepções funcionalistas e as críticas, de inspiração marxista. Nesse aspecto, a abordagem funcionalista apresenta a seguinte concepção:

a sociedade é compreendida como harmônica e em constante equilíbrio. Aliás, a função do lazer é esta mesma: colaborar com a sociedade para que ela não perca o equilíbrio. Então, se o trabalho cansa, fadiga, aliena, o lazer recupera, descansa, compensa. Assim, o lazer é concebido como um remédio que visa curar os males sociais (PADILHA, 2002, p. 33).

Quanto à abordagem vinculada ao pensamento histórico crítico, lê-se:

visa compreender a sociedade, tomando, como base, as condições materiais e econômicas da existência, sendo o homem compreendido como um sujeito que constrói e reconstrói a história, ao mesmo tempo em que constrói e reconstrói a si mesmo. Esse processo não se dá de forma harmoniosa, equilibrada, mas, sim, plena de conflitos e contradições. Por isso, a necessidade de recorrer ao raciocínio dialético para ler o que está escrito nas entrelinhas, para alcançar o que está por trás das aparências, ou seja, a essência. As aparências são profundamente enganosas; é preciso atenção na leitura do mundo, pois ele pode ser o que não parece, ou parecer ser o que não é. (PADILHA, 2002, p. 33).

Nesse quadro dual de possibilidades, associei-me à segunda compreensão, sobretudo na sua perspectiva vigotskiana de proposição histórico-cultural contra-hegemônica, entendo o lazer como um constructo polissêmico, como uma dimensão da cultura, um direito social do cidadão e da cidadã, e um espaço de organização popular de produção e socialização de conhecimentos.

Desse modo, assinalar a necessidade de adensar e retomar os estudos por conta de uma questão que se mostra fundamental: o modo como a perspectiva materialista e histórica assumida por Vigotsky aponta para uma discussão acerca da metodologia para o estudo das emoções humanas¹⁰⁹ na história e na cultura, afloradas muitas vezes nos momentos de lazer nos bailes funk aqui pesquisados. Este era um princípio básico do autor, relacionado à sua concepção de funções psíquicas superiores amplamente exposta em suas obras, (1931/1995). Nesse aspecto, Vigotsky tratou as emoções como processos do organismo humano tornados funções da personalidade, histórica e culturalmente contingentes. Desse modo, ideias teológicas, políticas, estéticas e científicas ganharam um lugar não só na descrição, mas também na explicação das emoções humanas. Diante disso, a psicologia mecanicista, concentrada no estudo do “sistema nervoso periférico”, jamais atingiria esse grau de complexidade, expresso na fala abaixo:

Eu faço umas músicas de funk também. Entre o mundo do funk e mulheres é foda, tem umas que colocam roupa curta pra se exhibir pra homem, ou pra mostrar que sabe dançar mais que a outra e eu acho que o funk não é isso. O funk é um momento de lazer, com muita emoção mesmo, emoção pra curtir, extravasar geral, igual quando os meninos vão jogar futebol, eles não lança ali toda sua raiva, alegria e tal, então nós também pode uai. Igual, tem o funk que é consciente e o funk que é putaria, que é mais pra dançar etc. Igual tem uns que chega e fala, nó essa música é pela orde!, porque fala de maconha, bandidagem e tal. Só que a pessoa não para pra pensar que o cara que tá fazendo aquela letra, ele quer divulgar aquilo que ele tá vendo no dia a dia dele (Sujeito -1 –Padoka dos Boys).

¹⁰⁹ Ao longo de sua obra, Vigotski congrega influências de múltiplas origens: materialismo histórico, psicologia estrutural, Ribot, Stanislavski e Espinosa, definindo, no pleno sentido adquirido por tal ideia, que as emoções humanas são funções psíquicas superiores (culturrizadas); a arte e a linguagem, os principais meios culturais que as constituem (VIGOTSKY 1926/2001c, p.97;136)

Nesse sentido, se analisarmos a reflexão das emoções culturizadas dessas jovens – produzidas nos bailes funk - através da evolução histórica das mulheres, perceberemos que os valores masculinos sempre se sobrepuseram aos femininos por volta de dez mil anos. De todo modo, mesmo a Igreja exercendo forte pressão quanto às possíveis transgressões ou subversões praticadas por mulheres, induzindo de certa forma, a um adestramento da sexualidade feminina, dando maior autonomia ao homem; a menina/mulher que tratei neste estudo parece ter constituído uma aptidão mais aproximada de Lilith ou Eva, como discutido anteriormente, produzindo um ethos feminino singular, julgado pela sociedade patriarcal como transgressor. Retomando rapidamente esse adestramento imposto pela Igreja, encontrei nos escritos bíblicos, trechos amplamente opressores conforme pode ser lido na primeira carta de Paulo de Tarso a Timóteo

Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia (...). Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. (I TIMÓTEO, 9; p. 11-14).

Nesse mesmo contexto os estudos mitológicos da história da humanidade, há cerca de vinte mil anos, fazia referência à mulher como grandes deusas fortes e misteriosas, mas que ao mesmo tempo era temida pelos homens, como já descrito no primeiro capítulo deste trabalho. Contudo, a origem de tal poder se baseava no simples fato de que tinham o dom de gerar a vida, supunham assim, que elas pariam deuses, ou seja, detinham o poder primordial de gerar, reproduzir e ampliar inclusive o poder econômico da família (MURARO ; BOFF, 2002). Desse modo, fazendo uma retrospectiva rápida, na Idade Média, as ideias e conceitos eram elaborados pelos eclesiásticos, nos quais as

mulheres eram consideradas pelo clero como seres suscetíveis às tentações demoníacas; por isso deviam ficar sob a tutela do seu marido. Afinal, todas as mulheres descendiam de Eva, a culpada pela queda do gênero humano. Nesse aspecto, Eva concentrava em si todos os vícios tidos como femininos: a luxúria, a gula, a sensualidade e a sexualidade. Sendo assim, a maior parte das autoridades eclesiásticas desse período via a mulher como portadora e disseminadora do mal. Fica perceptível que a sociedade que criminaliza a mulher-eva, a transgressora – em nosso caso a menina/mulher funqueira - seria ainda aquela sociedade que se diz moderna, mas que se sustenta em bases religiosas ditadoras. Nesse enredo, coube-me uma dúvida. Qual seria o objeto da acusação, a transgressão ou o sujeito da transgressão? Evidentemente os dois não podem ser compreendidos inteiramente separados, mas as nuances de sua integração são historicamente diferentes, podendo haver maior ênfase sobre a transgressão que sobre o sujeito, ou vice-versa (FOUCAULT, 1973). Sobre esse assunto Misse expressou:

Na modernidade, com a ênfase posta na racionalidade da ação e no autocontrole, as nuances apontam principalmente para o sujeito, fazendo dele e de sua subjetividade, o ponto de ancoragem e acusação. Constituem-se diferentes tipos sociais segundo a regularidade esperada de que indivíduos sigam variados cursos de ação reprováveis. Quando a ênfase recai sobre a transgressão e não sobre um sujeito, a separação entre o fato e a lei, fazendo com que as sanções sobre o indivíduo independam de sua subjetividade, de suas razões ou motivos. Quando essa separação se extingue, quando a transgressão e o transgressor se tornam uma só coisa, e a separação entre o fato e a lei torna-se maior, o que passa a ocorrer na modernidade, busca-se através da razão instrumental identificar nos transgressores motivos e explicações que o levaram à transgressão (MISSE, 1999, p. 2).

Diante disso, fez-se necessário problematizar as subscrições de estereótipos que rotulam essas meninas/mulheres que frequentam as ruas como depositárias do mal, pela suposta

promiscuidade que ameaça o lar (BADINTER, 1980). Todavia, ao analisar as possíveis transgressões praticadas por meninas/mulheres na região do Conjunto Morro Alto, contactei a comandante Tenente Coronel Cláudia do 36º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais em busca de dados quantitativos, quanto ao número e tipo de ocorrências que envolviam em maior número, meninas/mulheres nos finais de semana. Dessa forma, foi gerado um banco de dados, a partir de um trabalho estatístico minucioso realizado pela equipe do Tenente Rocha, o que possibilitou a elaboração dos gráficos abaixo, compondo as análises, desta pesquisa, a fim de aprofundar nos sentidos atribuídos pela sociedade para esses sujeitos jovens que de certa forma, produziram um ethos feminino para um bairro popular favelizado.

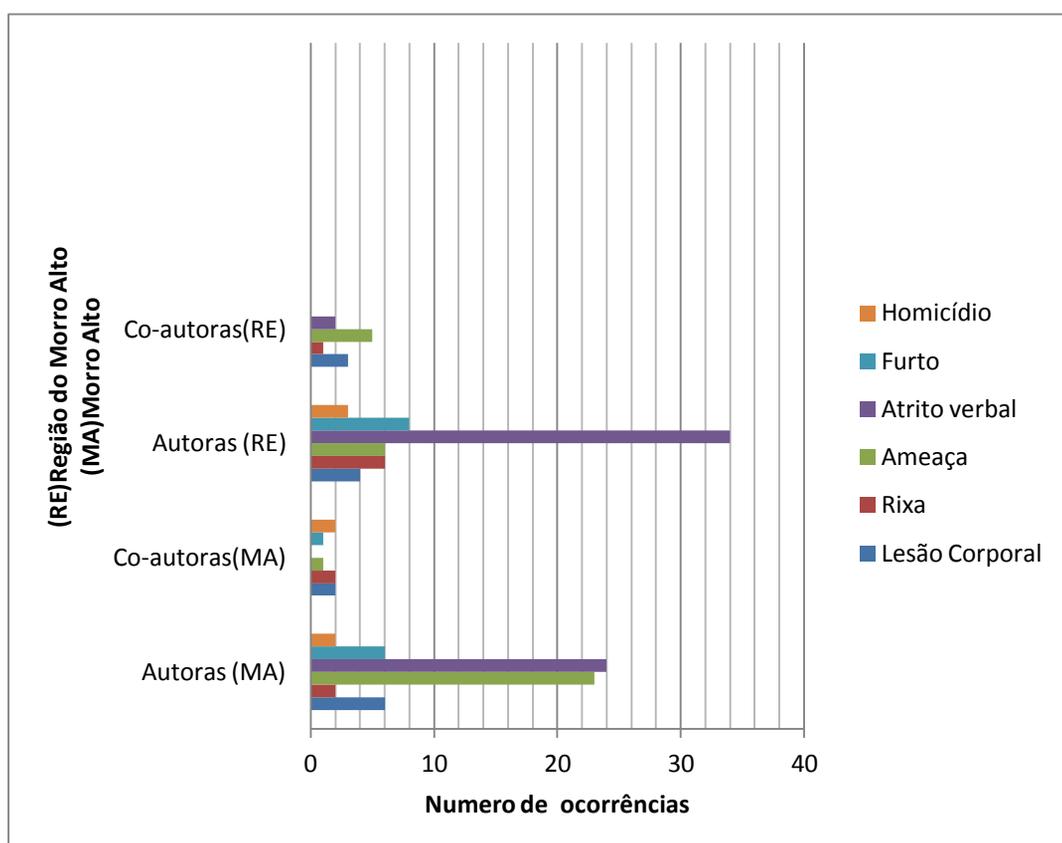


GRÁFICO -1 – Jovens meninas/mulheres entre 12 e 29 anos - autuadas em flagrante como autoras ou co-autoras dos crimes listados.

Dados fornecidos pelo 36º BPM

Elaboração: VIANA, I.F 2012

Os boletins de ocorrência apurados compreendem o período de janeiro de 2011 e outubro de 2012. O primeiro filtro utilizado foi selecionar apenas os boletins realizados entre 18h e 6h da manhã, segundo os dias da semana destinados à prática de lazer no bairro (quinta a domingo) e um terceiro, separar esses boletins por territórios, sendo (RE) região de expansão do Morro Alto que corresponde às áreas ainda não regularizadas pela prefeitura, e o Conjunto Morro Alto (MA). Analisando o gráfico 1 torna-se possível identificar que a principal natureza para a prática criminal nesses dias e horários foi o atrito verbal, totalizando 35 registros na (RE), e 24 na região do (MA), em apenas 21 meses. Em todos os casos a menina/mulher é registrada como autora. Nesse aspecto, foi interessante observar que a natureza criminal de lesão corporal, não acompanham esse número, ficando bem abaixo na escala com 6 registros no (MA) e 4 na (RE). Os dados quantitativos confirmam o que anunciei anteriormente, em que as ofensas fazem menção a pessoas específicas e não a grupos e Bondes funqueiros, ou seja, essas jovens não acompanham a lógica de organização dos grupos rivais masculinos presentes no bairro. Diante disso, não podemos associar de forma imediatista um bonde feminino a um grupo criminoso, não é dele que emergem os atos ilícitos e sim de outros contextos, que são comuns em qualquer instituição social, sendo ela, rica, pobre, branca, negra, etc. Criminalizar um Bonde feminino funqueiro, significa amplamente disseminar, e reforçar, ainda mais, a cultura patriarcal opressora, a desigualdade e o preconceito, assim expresso na fala do sujeito quatro, quando perguntado sobre sua relação com a polícia do bairro:

Já, fui parada umas vezes, principalmente quando tá o bonde junto, mas esse dia eles não me revistaram não. Se tivesse a (Cabo) a (...) nossa ela escama fí, tem uma prima minha que ela é sapatão, ela é igualzinho um homem, tem o cabelo curtinho igual de home, a gente chama ela de (...), hoje ela casou, (juntou as tralhas) com a (...). Aí eles param ela direto quando ela tá com a

gente, achando que é homem né, nesse dia ela já gritou falando eu sou mulher, eu sou mulher, aí a cabo (...) já desceu do carro, já foi arredando as pernas dela no bigudo (lap... lap...) mandou ela pô a mão na cabeça, e já começa a revistar. Nó eu nem olho pra cara daquela mulher direito, eu morro de medo dela, nossa senhora. De rocha! Parece que eles marcam horário, fica na cola da gente toda vez que a gente tá lá na esquina de baixo. O pau quebrando aqui em cima na boca e eles rondando a gente lá embaixo, vai entender...(risos). E tomar cafetão de polícia, aqueles tapão na cabeça, escamando as pessoas sabe e chamando a gente de vagabunda (silêncio)... ou é foda escutar isso, eu ralo tanto pra ter minhas coisas (Sujeito – 4 – Bonde Padoka dos Boys).

Essa perspectiva criminalizante e punitiva se revela nesses episódios nos quais a opressão, a segregação e a humilhação se materializam nas ações policiais. Assim, parece que a função de ressocializar, submetendo o outro a penas e castigos, considerando o sentido da pena e seus prejuízos psíquicos, é apenas uma falácia, conforme descreveu Karam:

O controle social manifestado no poder do Estado de punir, estruturando-se em um sistema que se materializa através do processo de criminalização de determinadas condutas conflituosas ou socialmente negativas, ao mesmo tempo que reduz o enfrentamento de tais condutas à simplista reação de impor uma pena aos seus responsáveis, produz um enorme volume de violência e de dor, sob a forma de deterioração moral, privação da liberdade e morte (KARAM, 1997, p. 67).

Todavia, dentro da teoria das representações sociais, isso seria o processo de objetivação do qual falei anteriormente e que faz parte do processo de formação das representações, ou seja, é o processo de se atribuir algo material a algo que ainda está no plano das ideias, que ainda constitui um conceito. Essa materialização da violência sobre a manifestação da identidade da(o) funkeira(o) e do Bonde, seria a constituição do estigma que a funkeira(o) ou bondeira(o) carrega consigo. Nesse sentido, para melhor entender esse jogo de cartas marcadas com símbolos, códigos e significados diferentes para os grupos sociais envolvidos, Picoolo descreve:

[...] o estigma conferido a estes jovens é justamente aquilo que lhes confere identidade: suas roupas, seus cabelos, suas gírias, seus fascínios pelos símbolos ligados ao tráfico – carros, motos, armas, “novinhas”. Se concordássemos com essa ordem em que antropólogos colocam, estaríamos invertendo as coisas. Não existe o estigma e posteriormente a identidade. É o contrário. A identidade é construída no processo de interação marcado pelo reconhecimento recíproco que permite a *autoconfiança corporal* entre pares (PICOLO, 2004, p.276)

Contudo, o que se percebe é que essa autoconfiança ampliada, junto ao Bonde, assim expressa na fala do sujeito quatro, muitas vezes constitui para as instituições punitivas e para uma parcela da sociedade um enfrentamento às regras, uma série de transgressões que são historicamente aceitas e compreendidas no universo masculino, mas não no feminino. Desse modo, é de suma importância para esses mecanismos punitivos encontrar formas de coibir qualquer que seja as expressões desses grupos. Enquanto pesquisadora, foi de suma importância demonstrar o que está por trás da transgressão feminina. Em nosso caso, a constituição de um ethos feminino raro, ainda imaturo, mas que poderá conduzir meninas/mulheres a modos de viver mais dignos. A esse respeito, Neri cita L.A. Salomé, que defende que esse processo só realiza quando:

[...] pregar a liberdade, e ainda a liberdade, e é preciso infringir todas as barreiras, porque é mais sensato confiar nas vozes do desejo, mesmo quando se exprimem por atalhos, do que confiar em teorias preconcebidas. Em todos os casos em que uma evolução pode conferir a um ser esplendor e alegria, por mais bizarro que possa parecer seu zigue-zague, nem por isso deixará de estar no bom caminho, e terá como objetivo conduzir a maturidade à própria mulher, ou seja, a sua secreta capacidade de viver (L.A. Salomé, *apud* NERI, 2005, p.142)

Dentro desse contexto, sabemos que a menina/mulher de nossos tempos, tem garantido o direito ao voto, ao trabalho, ao estudo, à saúde e ao lazer. Falta-lhe conquistar a maternidade livre,

o direito de dispor de seu corpo e de sua sexualidade. Esta última talvez esteja sendo pleiteada tanto nas letras de músicas funk - “*Não adianta de qualquer forma eu esculacho; Fama de putona só porque como seu macho*” (Tati Quebra Barraco), quanto na forma de dançar e curtir o funk junto ao Bonde. O feminismo apresentado a mim por essas jovens é aquele que rompe a barreira da sexualidade que fora reduzida à função biológica de perpetuação da espécie e que estivera à determinação psicanalítica outrora citada: ser mulher implica em ser mãe.

Desse modo, a continuidade desse jogo possibilita que os embates frente a opressão produzam persistências, e resistências que não eliminam o conflito, mas possibilitam uma nova institucionalidade, na qual pode vir a desestimular a violência psicológica, e até mesmo a física, utilizadas como meios de destruição desse Outro – funqueiro(a) (ZALUAR, 1999).

5.3 O ETHOS da Rua: Um olhar feminista para a ressignificação dos seus códigos

Expressar sobre ethos é também remetermo-nos à Antiguidade Clássica, quando Aristóteles (1988, P. 49-50), afirmava que pouco importava a sinceridade ou não sinceridade do orador ao se mostrar à sua plateia. Ele entendia o ethos como a imagem que o orador transmitia de si mesmo, por intermédio de sua forma de falar, quando, então, adotava as entonações, os gestos, o porte que melhor conviesse aos seus propósitos. O que importava de fato era como ele era compreendido, como era olhado e como era aceito pelo público que se propunha a ouvi-lo. Sobre essa questão Charaudeau (2006b, p. 115) aponta:

De fato, o ethos, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; é antes

de tudo a imagem de que se traveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O ethos relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe a priori do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2006b, p.115).

Nesse sentido, aquilo que somos e aquilo que dizemos podem formar uma identidade, cambiante diante de distintas situações. Ela estará relacionada diretamente com o sentido veiculado por nossas palavras (VIGOTSKY, 2005). O ethos feminino, discutido aqui, constitui também o resultado desse jogo identitário que, por intermédio dele, fundiu-se em uma identidade singular. Desse modo, Charaudeau chama-nos a atenção para o fato de que o ethos não tem de estar exclusivamente ligado aos sujeitos. Ele pode ser expresso, até com maior vigor nos grupos. Esse aspecto me interessou já que refletiu na observação do ethos que perpassou pelas falas das entrevistadas :

Tipo assim, eu indo com shortinho curto não interessa, é o meu respeito lá dentro, se você admitir que o menino te chama de gostosa rir pra ele e deixar, ele vai ficar naquela o tempo todo, e gostosa é isso é aquilo. Uma vez o menino passou a mão na minha bunda, aí eu passei e xinguei ele (falei se você encostar a mão em mim de novo o trem vai ficar feio aqui dentro) aí ele passava perto de mim toda hora e aí ele virava arredava nem encostava. Então a primeira impressão é a que vale (Sujeito – 2 - Bonde das Malcriadas).

Os cara bunitim que as vezes nem te vê chega lá te olha de cima em baixo, com vontade mesmo, começa a dançar pra você, aí já era, a gente já pensa é hoje (risos) (Sujeito – 9 Bonde das Ariranhas).

Como o bairro tá todo dividido, quando a gente tá colada com algum grupo, por causa de rolo com os caras, a gente só passa de um lugar pro outro se for dentro do carro com vidro aberto, em cima de uma moto ou dentro do ônibus, se passar a pé pode tá correndo risco. Agora se eu só fiquei com o cara, não sou mulher dele, eu posso chegar junto em outras quebradas. Isso tudo é regra. (Sujeito – 3 - Bonde das Malcriadas).

É igual chamar a gente de periguete, to nem aí, porque periguete é só um jeito de vestir, é uma mulher com atitude, por isso eu sou uma periguete assumida tá cheio de mulher periguete nesse mundo, só que elas

tem medo de assumir, nós não a gente é mulher de com força! (Sujeito – 5 - Bonde das Ariranhas).

Um dia que eu tava com boné pra trás, o policial perguntou se eu tava matando aula, eu falei não, depois ele perguntou se eu era bandida, eu falei não, só pra evitar né mas fiquei invocada com isso (Sujeito – 5 - Bonde das Ariranhas).

Se for parar pra pensar, é a gente que cuida desses home tudo né?! Quando eles tão marcado aí no bairro mas tá com nós eles fica protegido, por isso que a gente fica muito em rodinha nos pancadão cê já percebeu?! As vezes a gente tá dançando ali em volta do cara, só pra ele poder curtir também um pouquinho, já levamos até nequinho em casa. Olha pra você vê, mulher quando junta pra paz resolve todos esses problema aí de guerra (Sujeito – 7 – Bonde das Ariranhas).

Analisando as falas, ficou evidenciado que há um ethos que demarca a força feminina e que produz diferenças entre as mulheres, caracterizando-as como meninas/mulheres guerreiras aquelas que enfrentam os problemas da rua, inclusive chamando para a sua arena os homens, desafiando a virilidade masculina, distinguindo-se daquelas que vivem à sombra dos parceiros para serem protegidas.

A fala do Sujeito nove ao expressar: “*começa a dançar pra você, aí já era, a gente já pensa é hoje*”, me remeteu para os significados do prazer nesse tipo de ethos, no qual, não só as mulheres rebolam, mas também os homens. A identidade se constitui por contraste e complementaridade, se elas são vistas por eles como objeto de prazer, eles também se tornam objeto desse jogo de disputas. Verifica-se, portanto, que representa um ethos de mulher que está mais consciente de seu poder de escolha no que tange à sua sexualidade. Nesse sentido, o ethos nada mais é do que o resultado da leitura dos códigos que fazemos uns dos outros – e daquilo que imaginamos que pensam sobre nós – quando agimos ou falamos.

Nesse sentido, avalio que representa um imaginário fecundo e renovado cotidianamente num regime de signos em que uma unidade de contrários se revela. Como dizem Bourdieu e

Wacquant (2001), a partir dos estudos sobre a sociedade Cabília¹¹⁰, irremediavelmente a perspectiva atribuída ao macho ratifica uma posição de mando e cria um campo em que se organiza uma equação: pênis igual a falo que sobrepõe o domínio do macho sobre a espécie e, obviamente, sobre o feminino. Para Bourdieu, essa naturalização demarca a virilidade como sinonímia da violência em que se funda uma pertença mítica de homens e mulheres, por meio de valores transindividuais constitutivos da ascendência do macho. É essa composição falonarcisista que recria, coletiva e publicamente, uma pertença imaginária a um mito fundador em que o patriarcado torna-se um dos compósitos relacionais que justificam a virilidade e a assimetria entre os gêneros. De todo modo, essa prescrição falocêntrica se realiza em determinados contextos, mas é questionada em configurações distintas, não se constituindo como um preceito que gera práticas lineares:

Lugar de mulher é em casa, agora, quando a gente quer ter liberdade, algumas horas a gente tem que deixar de ser mulher e virar macho mesmo, senão os cara monta na gente. Ficar na rua com os meninos é dá hora! Mas tem uns lance aí que só eles mesmo pra desembolar. Mas tem a dona (...) que olhando pra ela ninguém dá nada fi, mas na hora que ela resolve “tirar a diferença”, ela peita até um caminhão andando (risos) os soldadinhos aí tudo respeita ela, mas aqui, ela também sabe respeitar eles, só não cuida dos filho dela, deixa tudo com a vó deles. Eu concordo quando ela fala que homem mandando na casa dela jamais vai existir, na minha também não (Sujeito – 6 – Bonde das Ariranhas).

¹¹⁰ Em sua obra *A Dominação Masculina*, Pierre Bourdieu recorre a sua pesquisa etnográfica sobre a sociedade Cabília, realizada durante as décadas de 1950 e 1960. Região de cultura berbere da Argélia, Cabília é uma sociedade ordenada segundo o princípio androcêntrico, no qual o masculino e o feminino se diferenciam na forma de uma oposição e de uma assimetria: o masculino é visto como hierarquicamente superior ao feminino e é construído contra e em relação a este. Segundo o autor, a análise da sociedade Cabília nos forneceria uma “arqueologia” de nosso inconsciente, pois sua tradição androcêntrica – partilhada por culturas mediterrâneas e europeias – sobrevive até hoje em nossas estruturas cognitivas e sociais, de forma parcial e fragmentada. A sociedade Cabila, de certa maneira “exótica” aos olhos contemporâneos, quebraria a falsa familiaridade que temos com nossa própria cultura, nos levando a refletir e a problematizar a preeminência do masculino que, embora contestada e atenuada, ainda permanece nos dias de hoje.

Como se observa na fala acima, as categorias, público e privado foram apresentadas pelo Sujeito seis de uma forma contraditória, já que, ao mesmo tempo, que afirma o imposto pela sociedade patriarcal ao julgar como irresponsável a mulher que não assume o lugar de cuidadora da prole; por outro lado, essa mesma mulher, ganha status de guerreira, quando sai do âmbito do privado e vai para o público, pronta para “brigar” de igual para igual com quem quer que seja. Essa dicotomia entre o que é certo e errado fora percebida como entidades substancializadas, que de certa forma, induziram a jovem a se contradizer. Essas nuances de gênero produziram diversos subgrupos como as que ficam na rua, as que estão no crime, as que estão fora dele, as funkeiras, as integrantes de Bondes, as recalçadas, e assim sucessivamente, como se representassem mundos distintos.

A análise desse movimento, no que tange ao tratamento dado à mulher e aos estereótipos dirigidos a elas, contribuiu para compreender como algumas meninas/mulheres vêm se constituindo enquanto sujeito em nossa sociedade, mesmo inseridas em contextos de criminalidade; bem como as representações que elas constroem de si mesmas, pelos discursos que são proferidos por elas e para elas, e que ideologias permeiam essas narrativas:

Tem um lance que aconteceu num lugar aí (na rua lá de cima) tava todo mundo lá na boa, dançando, bebendo, eu não bebi, eu só faço isso quando to com o (...), aí os cara colocou “tesão de vaca” na bebida da menina; ela ficou tão louca, mas tão louca que deu até pra ver os cabelos encravados dela(risos)(Sujeito – 5 –Bonde das Ariranhas).

Tem que ficar esperta fí, cê acha que eu vou beber no copo de desconhecido; Nunca! Jamais! Igual se eu sair pra curtir minha folga e for beber, eu compro minha Ice e fico com ela ali juntinho de mim sempre fi (Sujeito – 7 –Bonde das Ariranhas).

Os caras acham que chega e escolhe a gente no baile (risos) a gente que escolhe e ainda come eles, cambada de trouxa mesmo. Quem tem o comando entre as pernas é nós fi (risos) (Sujeito – 2 –Bonde das Malcriadas).

Esse bloco de falas, expressaram um ethos relativamente feminista, construído num âmbito popular e favelizado da menina/mulher que não mais aceita o lugar de submissa e que assume um outro lugar, o de “esperta”, que sabe dissimular, que, diferentemente dos meninos/homens agem sem deixar pistas. Todavia, tais realidades da cotidianidade conjugadas com as subjetividades, se apresentaram também expressas em símbolos registrados em espaços territorializados pelos Bondes. Nesse sentido, destaco aqui, que as imagens fotográficas foram empregadas aqui como “uma narrativa visual que informa o relato das observações em campo, com a mesma autoridade do texto escrito” (BITTENCOURT, 1998, p.199). As imagens selecionadas durante meu trabalho, constituíram dados empíricos que embasaram minhas considerações e as enriqueceram com detalhes que nem sempre são obtidos na observação em campo. Essas ilustrações podem ser percebidas na FIGURA 7 apresentada abaixo:



FIGURA 7a – Incrições nas pilastras da Praça Central



FIGURA 7b – Incrição nas pilastras da Praça Central, uma menção a outros possíveis Bondes.

As inscrições realizadas por Bondes nessa praça central denominada “Praça João Roque da Costa”, me chamou atenção por dois motivos centrais: o primeiro em função da territorialidade demarcada por grupos femininos, e o segundo, em função das inscrições serem comunicacionais e diretas. Sendo assim, valho-me das argumentações de Hernandez ao apontar que “para a cultura visual não existem [...] receptores nem leitores, mas apenas receptores e intérpretes [...] para as pedagogias culturais e visuais constituídas nos espaços urbanos, rompem-se as delimitações entre quem ensina e quem é ensinado”(HERNANDEZ, 2003, p. 144), haja vista que essa apropriação, para Martins “[...] não é somente uma relação passiva, de dependência, mas pelo contrário, a apropriação é o resultado de uma interação sintonizada com as experiências que cada indivíduo tem vivenciado”.(MARTINS, 2005, p.141) Nesse aspecto, a FIGURA 8 demonstra a demarcação simbólica e não material do pertencimento de determinadas meninas/mulheres naquele território:

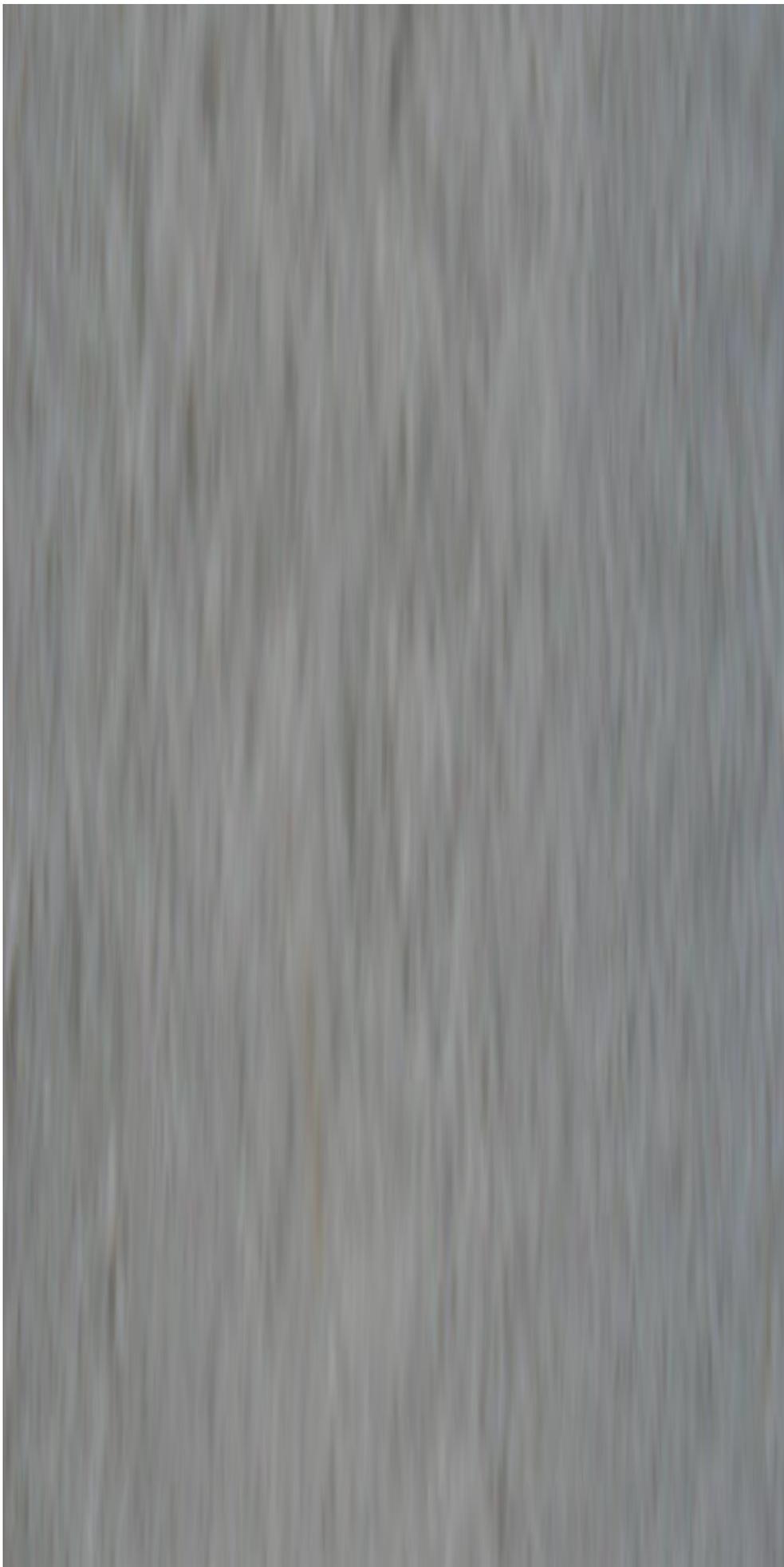


FIGURA 8 - Inscrição na Praça da Lagoa do Morro Encantado – uma reprodução de símbolos

Deparei-me, com essa imagem, que refletiu um legítimo esquema de prestígio social que conviviam essas jovens de forma integrada com outros esquemas externos ao bairro e que regulam a postura dos jovens, e ainda fazem parte dos códigos que regem as formas de associação juvenis nas grandes metrópoles, de uma maneira geral. Ao questionar o Bonde das Ariranhas, o termo “bandidas”, elas fizeram menção a mulheres¹¹¹ que estavam aparecendo na mídia como perigosas e afirmaram que as meninas mais novinhas gostam de se igualar a elas, para serem consideradas fortes. Nesse momento, percebi o quanto as reportagens sensacionalistas influenciavam negativamente a ação e a reação dessas jovens.

Contudo, não é possível esgotar “todos os sentidos do sentido” nem “todos os signos do signo”, “todas as imagens da imagem”, “todos os códigos do código”, pois sempre que traduzimos uma palavra por meio de um pensamento inscrito nessa linguagem algo escapa ao olhar do observador, necessitando ser novamente traduzida e interpretada – e isto é inevitável, pois é imanente à condição humana. Diante disso, “encerro” meu esforço de análise nesse parágrafo, considerando que as perspectivas assinaladas a partir do diálogo estabelecido com a população pesquisada revelou vários elementos que questionam prescrições patriarcais e estereótipos acerca de jovens meninas/mulheres negras favelizadas que praticam a cultura funk.

¹¹¹ Mulher do traficante Nem é presa por associação ao tráfico de drogas. Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/11/mulher-do-trafficante-nem-e-presa-por-associacao-ao-traffic-de-drogas.html>. Xerifa da Rocinha se livra de acusação na justiça. Leia mais: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/xerifa-da-rocinha-se-livra-de-acusacao-na-justica-4223797.html#ixzz2HzQ2vaAl>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se realiza um trabalho de pesquisa é importante ter em mente que os indícios provenientes do levantamento dos dados são um pequeno movimento que pretende mudanças. Deseja-se que a investigação tenha algum significado no quadro das referências culturais do seu tempo histórico. Todavia, o quadro contextual é sempre produto do movimento dinâmico das relações humanas, e se impõe vigorosamente diante do pesquisador como alguma coisa infinitamente maior e mais complexa do que aquilo que ele poderia ter considerado de início como quadro referencial para a realização do seu trabalho. Essa situação fomenta indagações sobre a real medida daquilo que uma pesquisa científica pode oferecer à comunidade na qual se insere. Frente a isso, é importante estar ciente dos limites do trabalho interpretativo que o pesquisador desenvolve e ser cauteloso ao fazer afirmações que, embora se sustentem em dados, serão sempre produtos da atividade interpretativa e objetos de revisões posteriores. Nesse sentido, e após intenso período de construção, seleção e análise de informações, é hora de (re)conhecer o caminho percorrido.

Isso posto, iniciam-se as considerações conclusivas deste trabalho, propondo-se primeiramente, à recapitulação dos objetivos iniciais apresentados, na seção introdutória deste relato de pesquisa, com intuito de criar condições facilitadoras para o estabelecimento de articulações entre os códigos, os sentidos e significados do (tornar-se) ser mulher em um bairro popular favelizado, bem como o ethos transgressor dessas meninas /mulheres junto aos Bondes nos bailes funk, o que, de certa forma, vêm materializando-se em resistências contra a opressão e criminalização da menina/mulher que escolhe a rua como lugar de uma prática protagônica.

Ao questionar, no capítulo dois deste estudo, quais seriam os valores e sentidos de pertencimento que elas adquiriam nos bailes funk e os possíveis caminhos trilhados por elas para vencer a criminalização; por estarem ocupando um espaço relativamente do domínio masculino, pude identificar algumas contradições frente às prescrições patriarcais.

Num primeiro momento, através de uma análise superficial, acreditaríamos que a menina/mulher que se autointitula *funqueira e perigete*, estaria apenas constituindo experiências de lazer alienantes; Desse modo, eu não poderia categorizar essas jovens como meninas/mulheres “empoderadas”, termo advindo da expressão ‘empowerment’ (LEON, 2000) que remete à capacidade das mulheres de terem controle sobre suas próprias vidas, inclusive sobre seus corpos. Todavia, foi possível de maneira minuciosa conhecer a trajetória dessas jovens, acompanhar sua cotidianidade e perceber que ao escolher esses espaços elas se tornam *sujeitos* de suas ações produzindo um *ethos feminino singular* que se desdobra em uma multidimensionalidade constituída de distintos códigos, valores, crenças e atividades.

A existência de grupos de mulheres que possibilitem a construção de um senso de pertença ao coletivo e de um contexto favorável à expressão do dançar funk promove impactos no desenvolvimento do *self* dessas jovens. Os grupos foram significados como contextos de socialização, aprendizado, troca simbólica e afetiva, empoderamento e contato com a diversidade. Além disso,, representam espaços de tensão e desafios.

No que tange às perspectivas feministas, sabemos que perpassaram por várias gerações ou várias fases, conhecidas como “ondas do feminismo” (Costa, 2002; Nogueira, 2001). Essas diferentes fases ocorreram em épocas distintas, historicamente construídas conforme as necessidades políticas, o contexto material e social e as possibilidades pré-discursivas de cada tempo (SCOTT, 2002). Não há, na atualidade, um só feminismo, unívoco e

totalizante, mas vários feminismos (NEGRÃO, 2002). Nesse sentido, consoante com as abordagens feministas, que advogam a ligação do fazer acadêmico com as práticas e lutas sociais (COIMBRA, 2004; FONSECA 2000, 1997; HARDING, 1986; NEVES ; NOGUEIRA, 2003, 2005), este estudo buscou demonstrar que o feminismo, tanto quanto um movimento político, constitui também um corpo de conhecimento filosófico-epistemológico, cujas contribuições têm sido negligenciadas, ocultadas e desvalorizadas pelos jogos androcêntricos de saber poder que perpassam as relações institucionais. Dessa forma, torna-se possível e necessário que articulemos a pesquisa clínica, política e social a fim de seguirmos produzindo saberes e práticas comprometidas e implicadas, para o que as metodologias feministas possam contribuir na discussão das assimetrias e hierarquias presentes nas relações de gênero.

As lutas para a conquista dos direitos sociais das meninas/mulheres, principalmente as negras, se efetivam no espaço cotidiano, repleto de complexidade. Esse processo de luta vem se desenvolvendo a partir das desigualdades que se manifestam nas relações sociais. Na vida cotidiana, dá-se a repetição, a produção e a reprodução das relações sociais dominantes, mas é nesse espaço também que surgem elementos inovadores e propositivos, capazes de provocar rupturas e transformar essas relações. Conforme indiquei no capítulo três, as tensões que emergem desses territórios de luta se estabelecem num campo demarcado por relações de poder.

As participantes apontam espaços informais de interação, como as “esquinas sem nome” e grupos organizados e caracterizados denominados Bondes que se organizam em torno de práticas culturais e de lazer, como contextos privilegiados de canalização da força vital e criativa juvenil, de articulação de ações afirmativas. Isso sinaliza que boa parte de instituições e serviços da chamada política de atenção integral à adolescência e à juventude,

como escolas, serviços de saúde, projetos e programas da segurança pública, e programas culturais, têm desenvolvido suas ações a partir de visões limitadas e afastadas da participação sociopolítica juvenil. O estabelecimento de estratégias descentralizadas favoreceria o diálogo com os jovens por meio da construção colaborativa de políticas públicas para a juventude, mais afinadas com as especificidades dos diferentes segmentos dessa população.

As diversas formas de ação sociopolítica das jovens que participaram deste estudo apontaram ainda para outro aspecto: embora não recusem o diálogo com o Estado, essas jovens e seus Bondes questionaram a efetividade da democracia representativa. Mudaram o foco dessas ações, seguindo um caminho distinto das utopias predecessoras, como o movimento estudantil da década de 60. A politização da intimidade, que foi expressa durante os bailes, a descentralização e capilarização das ações, o reconhecimento da importância dos afetos e desafetos e a valorização do cotidiano como espaço privilegiado de transposição da teoria, desafiavam olhares prescritos e preconceitos diante de meninas/mulheres atuantes e transgressoras.

As narrativas engendradas no contexto interacional da pesquisa apontaram para processos de adesão e resistência ao modelo patriarcal, imposto há séculos. A instabilidade, a fluidez e as contradições passaram a ser incorporadas aos processos de significação da experiência, desafiando identidades de gênero como base comum para a ação coletiva. Posições de comando num Bonde, ou posturas de enfrentamento diante dos riscos apresentados nos bairros populares favelizados, em função do narcotráfico e outros, eram vivenciadas como um dever, reconhecendo a complexidade, a não linearidade, a fluidez e a temporalidade próprias do ser mulher e do tornar-se mulher nesse contexto. Todavia, uma dúvida me acompanhou neste percurso: Como repensar a categoria sujeito empoderado em contextos nos

quais não há garantias mínimas de condições materiais de existência e de direitos sociais? As narrativas das participantes, em seus processos de construção de um senso de si, explicitaram que a relação entre o devir e a identidade política, entre mudança e estabilidade, apresenta-se permanentemente marcada por tensões.

As participantes sinalizaram, nas entrevistas e nas observações, a problematização de suas formas de liberdade, sempre em busca de um cotidiano mais saudável e que não reproduzisse as lógicas de opressão das classes mais abastadas, que as julgam pelo modo de vestir, e pelos locais que frequentam. Essas meninas/mulheres necessitavam ser reconhecidas pela ousadia e coragem de tentar fazer essas conciliações entre as diversas subjetividades em jogo, promovendo impactos no contexto social, bem como em seu cotidiano e na vida de outras mulheres.

Desse modo, os Bondes e suas contradições, constituídos por essas jovens precisavam ser percebidos em suas potencialidades de sinalizarem as contradições humanas, sociais e as próprias contradições do capitalismo mundial integrado. Observei que esses Bondes reivindicavam suas singularidades, por meio das suas práticas cotidianas, dos processos subjetivos numa dimensão política, favorecendo a experimentação de novas pautas relacionais para além do âmbito privado.

Não pretendo, com esse estudo, estabelecer uma análise da efetividade das ações empreendidas pelos Bondes das funqueiras do Conjunto Morro Alto, tampouco comparar sua eficácia a outras formas de organização coletiva. O caráter difuso, fluido e de estruturação ainda “precária” das ações desses Bondes inviabiliza dimensionar os impactos de sua iniciativa sob o prisma das estratégias convencionais de representação social ou da chamada democracia representativa.

Em relação às questões teóricas e metodológicas da pesquisa, considero que as escolhas foram adequadas para a construção de análises mais contextualizadas e mais adequadas à

complexidade e ao dinamismo de formas contemporâneas de ação sociopolítica juvenil, assumindo um caráter intrínseco das abordagens crítico-feminista, levando em conta sempre a investigação dos processos e não dos objetos, observando as mudanças e não a estabilidade. Além disso, avaliei que a profundidade e qualidade das narrativas construídas no contexto das observações, e no contexto interacional das entrevistas, estavam estreitamente ligadas à relação de confiança construída entre as participantes e a pesquisadora ao longo de quase dois anos de inserção no campo. A maneira como os Bondes se organizavam e, de certa forma, se des(re)articulavam, pautados por um ethos coletivo, implicou em contínuas reflexões sobre meu fazer científico. Em que medida minhas teorias e, principalmente, o modo como construía esta pesquisa, era adequado, justo, ético e plural?

Embora todos os cuidados necessários tenham sido tomados para a realização deste estudo, seria leviano não destacar a existência de meninas/mulheres com variadas trajetórias. Algumas com a mesma idade, mas com saberes e experiências singulares, desde a primeira relação sexual, até o uso de drogas, ou sua postura ativa diante do parceiro. Inicialmente, até por desconhecimento do pensamento complexo, e da teoria histórico-cultural, que permeou todo o estudo, ambicionava fazer entrevistas com mais jovens. Contudo o tempo disponível para a realização deste estudo, a metodologia adotada, o interesse em trabalhar com uma estrutura de análise artesanal e complexa, bem como alguns limites pessoais da pesquisadora inviabilizaram a ampliação do número de participantes, neste momento da pesquisa. Alguns aspectos que pretendo aprofundar em outros trabalhos são: um diálogo mais estreito entre a dimensão macrocontextual e a análise das entrevistas; discussões acerca do papel da pesquisadora em observação participante de base feminista; e o aprofundamento dos critérios de identificação de posicionamentos identitários. Além disso, tentar esclarecer que o funk tem uma capacidade para se

tornar instrumento construtor de paz e desenvolvimento social/cultural.

Minha identificação como mulher negra possibilitou a realização da pesquisa nos contornos planejados, mas definitivamente, o fato de compartilhar alguns atributos culturais com as participantes, ou ao menos com boa parte delas, fez com que meus prazos se esvaíssem, dificultando um aprofundamento quanto ao conhecimento no âmbito do privado das meninas/mulheres daqueles Bondes. A compreensão da impossibilidade de apreensão completa da realidade do outro também traz, em si, a filiação às perspectivas histórico-culturais, narrativistas e dialógicas que apoiam o presente trabalho, bem como reforçam a noção de que todo campo semiótico também é pleno de fronteiras, na abordagem de significados mais centrais, outros mais periféricos, e marginais.

Nesse contexto, ao longo deste estudo, reafirmei minha posição de compreender a dimensão política do fazer científico de cunho feminista, em cada uma das escolhas metodológicas. A temática da negritude, por exemplo, atravessava transversalmente as discussões e ações dos Bondes participantes, de modo que a pesquisadora era posicionada, ora como parte do Bunde, ora como audiência, a partir desses marcadores. Os posicionamentos assumidos e atribuídos no contexto interacional da pesquisa, a partir do tema da negritude, tanto estabeleciam tensões como estimulavam atitudes colaborativas entre as jovens e minha pessoa, no lugar de pesquisadora, a partir de processos de identificação pela minha cor e diferenciação por não mais residir no bairro. Nesse aspecto, ficou evidente que é imprescindível discutir raça/etnia ao problematizar os movimentos sociais de gênero e sexualidades.

Desse modo, vale salientar a postura crítica que as participantes assumiam diante de mim, perguntando detalhadamente sobre objetivos da pesquisa, metodologia de construção de informações, e quem “exatamente” participaria de cada momento. Os desafios apresentados ao questionarem minha

orientação sexual, minha identidade étnico-racial, minhas roupas, minha leitura sobre marcos históricos do lugar de pertença dos Bondes – O Morro Alto – foram fundamentais no processo de construção deste trabalho. Todos esses aspectos estabeleciam tensões que se explicitavam no processo comunicativo, demarcando diferenças e similaridades. Nesse sentido, também fui objeto de análise para elas, também fui participante de suas “pesquisas” - fui posicionada e assumi outros posicionamentos além de pesquisadora, impactando a minha própria noção de continuidade e coerência interna. Em suma, o diálogo estabelecido se pautou no campo das intersubjetividades, numa zona relacional constituída de fronteiras, códigos e cooperação. Esses elementos integrados representaram a tessitura deste trabalho acadêmico.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, L. Sexismo e racismo- dois exemplos de exclusão do outro. In H. G. Araújo, P. M. Santos ; P. C. Seixas (Coord.). *Nós e os Outros: a exclusão em Portugal e na Europa*. Porto: SPAE, 1998.

AMORIN, M. F. *O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino*. Campinas: UNICAMP, 2009.

ANDRADE, José Vicente. *Gestão em Lazer e Turismo*. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2001.

ALMEIDA, R. de O. *Mulheres que Matam*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ARENDRT, Hannah. A Banalização da Violência: In: DUARTE, André. *A Banalização da Violência: A atualidade do pensamento de Hannah Arendt (1906-1975)*. DUARTE, LOPREATO, BREPOHL, Hannah, André, Christina, Marion (Org). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. v. 1 p. 14.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara F. Vieira. São Paulo-Brasília: Editora Hicitec-Editora UNB, 2008.

BAQUERO, M. (2001). Capital social na América Latina. In M. Baquero (Org.), *Reinventando a sociedade na América latina: Cultura política, gênero, exclusão e capital social*. Porto Alegre: UFRGS. (pp. 50-70).

BARBIER, R. *A Pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRET, Michele; PHILLIPS, Anne. "Introduction". In: BARRETT, M.; PHILLIPS, A. (Eds.). *Destabilizing theory: contemporary feminist debates*. Stanford: Carolina Univ. Press, 1992

BECKER, Howard Copyright. *OUTSIDERS: Estudos de sociologia do desvio*. 1ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. v. 1 p. 16-21.

BERGER, P. ; LUCKMANN, T. (1966). *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro: Vozes.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo; Companhia das Letras, 1986

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO; MOREIRA LEITE (org). *Desafios da imagem*. Fotografia, iconográfica e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papyrus (1998).

BOMBASSARO, L. C. *Ciência e mudança conceitual*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

BOFF, L. O masculino no horizonte do novo paradigma civilizacional. In: BOECHAT, W. (Org.), *O masculino em questão*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 96-108.

BRUSCHINI, C. *Mulher e Trabalho: a brasileira conquista novos espaços*. Mercado Global: São Paulo, 1982. nº87, p.52-58.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. (1984). Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Witting e Foucault. In S. Benhabib ; D. Cornell (Orgs.), *Feminismo como crítica da modernidade* (pp. 139-154). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis*. 15.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

BRUHNS, Heloisa Turni. *O corpo parceiro e o corpo adversário*. Campinas: Papyrus, 1993.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. *O que é lazer?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: *Estudos de gênero face aos dilemas da sociedade brasileira*. São Paulo: 2001.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". In: *REVEJ@- Revista de Educação de Jovens e Adultos*, v. 1, n.0, ago. 2007, p.55-67.

CARDOSO, N. M. Mulher e maus-tratos. In: STREY, M. (Org.), *Mulher: Estudos de gênero*. São Leopoldo: Unisinos, 1997b. p. 127-138)

CAVALIERI, Sérgio Filho. *Programa de Sociologia Jurídica*. Jorge Zahar, 2004.

CECCHETTO, F. As galeras funk cariocas: entre o lúdico e o violento. In: Vianna, H. (Org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 92-116.

CONNEL, R.W. ; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity. Rethinking the Concept. *Gender ; Society*, Vol. 19, nº 6, p. 829-859, 2005.

CORREA, ROSENDAHL, Roberto L., Zeny (Org.). *Geografia Cultural: um Século*, V.3 Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

COSTA, C. L. O sujeito no feminismo: Revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, Nº19, 2002, p. 59- 90.

COSTA, L. F.; Penso, M. A., ; Féres-Carneiro, T. Reorganizações familiares: As possibilidades de saúde a partir da separação conjugal. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, nº 8, 1992, 495-503.

COTT, Nancy: *The Grounding of Modern Feminism*. New Haven, Yale University Press. 1987, p. 4-5.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: _____. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 25-62.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado*. Trad. Theo Santiago, 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990

CHALMERS, A. *O que é a ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHRISLER, J. C. ; SMITH, C. A. Feminism and psychology. In M. A. Paludi (Org.), *Praeger guide to the psychology of gender* .Westport: Praeger, 2004. p. 271-292.

DIAS, M. O. L. S. Teoria e métodos dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, A. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.), *Uma questão de gênero* . Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 39- 53.

DADOUN, R. *A violência: Ensaio acerca do homo violens*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EICHLER, M. *Non sexist research methods: A practical guide*. Winchester: Allen ; Unwin, 1988.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

_____. *O processo civilizador*. v2 Rio: Zahar, 1994

ESPINOZA, Olga. *A mulher encarcerada em face do poder punitivo*. São PAULO: IBCCrim, 2004.

ESSINGER, Sílvio. *Batidão: uma história do funk*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FONSECA, T. M. G. (2000a). *Gênero, subjetividade e trabalho*. Petrópolis: Vozes.

FONSECA, C. Honra, humor e relações de gênero: Um estudo de caso. In A. Costa ; C. Bruschini (Orgs.), *Uma questão de gênero* (pp. 310-333). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

FONSECA, C. A mulher valente: Gênero e narrativas. *Horizontes Antropológicos*, 1(1), 1995a p.113-130.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro:Edições Graal, 1988.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de janeiro: Graal,1992.

_____. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. RJ: Graal, 1979.

FREITAS, Wagner Cinelli de Paula. *Espaço urbano e criminalidade: lições da Escola de Chicago*. São Paulo: IBCCRIM, 2002.

Gergen, K. J. The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, nº40, p.266-275, 1985.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000 (a).

_____. Sociologia Configuracional: as emoções e o lazer. In: BRUNHS, H.T.:*Lazer e Ciências Sociais: Diálogos Pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002.

GÓIS, C. W. L. *Psicologia Comunitária: Atividade e Consciência*. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOMES, Christianne Luce. “Mapeamento Histórico do Lazer na América Latina: Em busca de novas abordagens para os estudos sobre o tema” In: ISAYAMA, SILVA, Helder F., Silvio R.(Org.) *Compreensão do Lazer Pela Perspectiva da Cultura*.

GONZÁLES REY, F., (2000). *El lugar de las emociones en La constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski*. Educação e Sociedade, v. 21, nº 71, p. 132-148, jul.

_____. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson. 2003.

_____. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: REY, Fernando González (org) *Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2005.

_____. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson/Pioneira, 2002.

_____. *O social na Psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Pioneira/Thomson., 2004.

GUBA, E. G. ; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin ; Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage, 1994. p. 105-117.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. B. *Mioropolítica: cartografias do desejo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GOMES, C. Pesquisa e produção de conhecimentos sobre o lazer na América Latina: Diagnóstico e perspectivas In: PINTO, L.M.S.M. (Org.). *Lazer, turismo e hospitalidade: Desafios para as cidades sede e sub sedes de megaeventos esportivos*. Atibaia: Dinamica Print Gráfica e Editora, 2010, p. 107-111.

GOMES, C.; PINTO, L. O lazer no Brasil: Analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas / El ocio en Brasil: Análisis de prácticas culturales cotidianas, académicas y políticas. In: GOMES, Christianne et al (Org.), *Lazer na América*

Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte, Brasil, Editora UFMG, 2009. p.67-180.

GOMES, Christianne L.; MELO, Victor A. “Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa”. *Revista Movimento*. Porto Alegre, n. 19, 2003.

GELL-MANN, M. *O Quark e o Jaguar: as aventuras no simples e no complexo*. Tradução: Alexandre Tort. Rio de Janeiro, ROCCO, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP;A, 2006.

HARDING, S. *The science question in feminism*. Ithaca, NY: Cornell university, 1986.

HARDING, S. *Feminism and methodology*. Indiana: Indiana University., 1987.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1993, p. 7-31.

HARDING, Sandra. *Whose Science Whose Knowledge? Thinking from Women's lives*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

_____. *Ciencia y feminismo*. Madrid: Ediciones Morata, 1996.

_____. “Existe um método feminista?” In.: BARTRA, Eli (org.), *Debates em torno a uma metodologia feminista*. México, D.F.: UNAM, 1998, p.09 a 34.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial” In: *Cadernos Pagu* (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/ Unicamp, 1995.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de Indicadores Sociais*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

JAIVEN, Ana Lau. Cuando hablan las mujeres. In: BARTRA, Eli (org.), *Debates em torno a uma metodologia feminista*. México, D.F.: UNAM, 1998, p.185-198.

KARAM, M. L. A utopia transformadora e a abolição do sistema penal. In E. Passeti ; R. B. D. Silva, *Conversações abolicionistas:*

uma Crítica do sistema penal e da sociedade punitiva. São Paulo: IBCCrim, 1997.

KELLER, E. F. *Reflections on gender and science*. New Haven:Yale University, 1985.

KIRKWOOD, Julieta. *Ser política en Chile: las feministas y los partidos políticos*. Santiago: Flacso. Março, 1986.

KONDER, A. *Criminalidade e violência*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1998.

LAKATOS, Eva; Marconi, Marina. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Atlas, 1992.

LEONTIEV, A. *O Desenvolvimento do Psiquismo*. São Paulo: Moraes, 1990.

LEON, M. Empoderamiento: Relaciones de las mujeres con el poder. *EstudosFeministas, Florianópolis* 8,191-207. [v. 8, n. 2 ,200.0](#)

LIMA Camargo, L.O.: “Lazer e urbanização na América Latina”, en *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, junio 2010. Disponível em : <www.eumed.net/rev/cccss/08/lohc.htm>, Acesso em: 13 set. 2012.

LUNA, L. (2002). La historia feminista del género y la cuestión del sujeto. Disponível em : < <http://www.nodo50.org/mujeresred/luna>>, Acesso em: em 05 de mar de 2012.

MALUF, S. *Encontros noturnos: Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MATOS, O. Benjamin e o feminino: Um nome, o nome. In M. Tiburi, M. M. Menezes; E. Eggert (Orgs.), *As mulheres e a filosofia* . São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 103-122.

MARTIN, Bidy. Sexual Practice and Changing Lesbian Identities, In: Michèle Barrett ; Anne Phillips (eds.). *Destabilizing Theory: Contemporary Feminist Debates*. Cambridge:Polity Press, 1992.

MARQUES, Walter Ernesto Ude. Pedagogia Social: uma disciplina emergente. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 10, n. 59, p. 19-27, 2004.

MARQUES, Walter Ernesto Ude. Redes sociais e trabalho sócio-educativo: alguns apontamentos para uma metodologia inclusiva. *TudoHaver*, Belo Horizonte, v. 1, p. 1-6, 2000.

MARQUES, Walter Ernesto Ude. Juventude, Redes Sociais e Políticas Públicas. *Veredas do Direito*, Belo Horizonte - MG, v. 2, n. 3, p. 67-78, 2005.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura e subjetividades entre os jovens. In:BORELLI, Silvia H.S.; FREIRE FILHO, João (org.). *Culturas Juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC,2008.p.9-32

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente: por uma sociologia da vida cotidiana*. Trad. Alípio de Sousa Filho. Natal/RN: Ed. Argos, 2001;

_____. *O elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998;

MARQUES, Walter Ernesto Ude ; CARRETEIRO, Maria Teresa . “Juventude e virilidade: a construção social de um ethos guerreiro”. Pulsional. *Revista de Psicanálise* (São Paulo), v. 191, p. 63-73, 2007.

_____. “Redes Sociais: possibilidade metodológica para uma prática inclusiva”. In: MS. (Org.). *Adolescentes: pensando juntos/Adolescentes: fazendo juntos*. 1 ed. Brasília: Secretaria de Saúde, 2003, v. 2, p. 17-23.

_____. Exclusão social, inclusão marginal no mundo da drogadição. In: Maria Fátima Olivier Sudbrack; Maria Inês Gandolfo Conceição; Eliane Maria Fleury Seidl; Maria Teresinha da Silva. (Org.). *Adolescentes e drogas no contexto da justiça*. 1 ed. Brasília: Plano, 2003, v. , p. 97-102.

MELO, Victor Andrade de. *Lazer e Minorias Sociais*. São Paulo: Ibrasa, 2003.

MENEZES, M. M. Da academia da razão à academia do corpo. In M. Tiburi, M. M.Menezes ; E. Eggert (Orgs.), *As mulheres e a filosofia* . São Leopoldo:Unisinos, 2002. p. 8-12.

MICHAELIS, Weiszflog W. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos; 1998. p.2259

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOLON, S. I.. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. São Paulo, SP: EDUC, 1999

MCHUGH, M. C. ; COSGROVE, L. Feminist research methods: Studying women and gender. In M. A. Paludi (Org.), *Praeger guide to the psychology of gender* (pp. 155- 182). Westport: Praeger, 2004.

MORIN, Edgar. (Org.). *A Religação dos Saberes: O desafio do século XXI: Jornadas Temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin*. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. v. 1

MURARO, R. M. *A mulher no terceiro milênio: Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. (4. ed.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

NARVAZ, M. ; KOLLER, S. H. Famílias, gêneros e violências: Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. In M. Strey, M. P. R. de Azambuja ; F. P. Jaeger (Orgs.), *Violência, gênero e políticas públicas* (Vol. II, pp. 149- 176). Coleção Gênero e Contemporaneidade. Porto Alegre: Edipucrs, 2004a.

NEGRÃO, T. Feminismo no plural. In: M. Tiburi, M. M. Menezes ; E. Eggert (Orgs.). *As mulheres e a filosofia* . São Leopoldo: UNISINOS, 2002. p. 271-280.

OLIVEIRA, Marcus V. Amorim de Oliveira. Criminalidade feminina: um fenômeno em transformação. *Diálogo Jurídico*. Disponível em <[http:// www.ffb.edu.br](http://www.ffb.edu.br) .> Acesso em 12 mar. 2009.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A Construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG/IUPERJ, 2004.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. Desmistificando a concepção de adolescência. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 38, n. 133, 2008.

OZELLA, S. *Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. Cortez Ed. São Paulo, 2003.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Trad. Marta Avancini. Paz e Terra, 1993.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

PERROT, Michelle(Org.). *Os excluídos da história: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1988. v. 12 p. 167.

PIRES, C. . Antígona: Hermenêutica do público e do privado. In: M. Tiburi, M. M. de Menezes ; E. Eggert (Orgs.), *As mulheres e a filosofia* . São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 123-134.

PRONI, M.W. *A teoria do lazer de Elias e Dunning*. In: Simpósio internacional Processo Civilizador, 6., Assis. Coletânea. Lasergráfica. Assis. 2001.

RAVAZZOLA, M. C.. Violencia familiar: El abuso relacional como un ataque a los derechos humanos. *Sistemas Familiares*, nº23, 1997, p. 29-42.

RICHLIN, A. . Zeus and Metis: Foucault, feminism and classics. *Helios*, 18, 1991, p.160–180.

RINNE, E. (1988). *Medéia*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

ROJEK, C. *Leisure theory: principles and practice*. Great Britain: Paulgrave, 2005.

ROJEK, C. O Lado Obscuro do Lazer: Formas Anormais. In: anice Lúce Martins Fortini, Christianne L. Gomes, Rodrigo Elizalde (orgs.). *Desafios e perspectivas da educação para o lazer*. J. Editorial SESC/Otium, 2011, 440 p.

ROSALDO, M. (1995). O uso e o abuso da antropologia: Reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Horizontes Antropológicos*, 1(1), 11-36.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women. Notes on the "Political Economy" of Sex". In: REITER, Rayna. (Ed.) *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975.

SANTOS, Milton. *Espaço, tempo, técnica*. São Paulo:HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *Territorio e sociedade*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1996

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA, A. O. ; BRUSCHINI C. (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, pp.: 183-215

SAFFIOTTI, Heleieth I.B., *O Poder do Macho* . 12ª ed. São Paulo, Editora Moderna, 1987.

SANTINI, Rita de Cássia Giralde. *Dimensões do lazer e da recreação: questões espaciais, sociais e psicológicas*. São Paulo: Angelotti,1993.

_____. *Meninos do Serrote entre a Inocência e a Maldade: práticas e representações acerca da infância numa comunidade do*

interior (1940-1970). Monografia (Especialização em História), UEFS, Feira de Santana, 2000.

SILVA, M.M.L. Crimes da era digital. NET, Rio de Janeiro, jan. 2011. Seção Ponto de Vista. Disponível em <http://www.brasilnet.com.br/contextos/brasilrevistas.htm> Acesso em: 28 jan.2011.

SILVA, Joseli Maria. Geografias Feministas, Sexualidades e Corporalidades: Desafios às Práticas Investigativas da Ciência Geográfica. *Revista Espaço E Cultura* - 2 , Rio de Janeiro, v. 1, n. 27, p. 168, Janeiro - Junho

SCOTT, Joan W. Relendo a história do feminismo” In: _____. *A cidadã paradoxal*. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SCOTT, J. W. . Gender: A useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, 91(5), 1986, p.1053-1101.

SORJ, Bila. O Feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: A. O. Costa ; C. Bruschini (orgs.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fund. Carlos Chagas, 1992. p. 15-23

SOUZA Jessé. *A Construção Social da Subcidadania: Para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica*. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2003.

SOUZA, J. CAVALCANTE DE, *Platão: O Banquete ou Do Amor*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966, p. 117-9.

SPELLER, G. M. A importância da vinculação aos lugares. In L. Soczka (Ed.). *Contextos humanos e psicologia ambiental*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. p. 133-168.

SODRÉ, M. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion ; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Dominós da História*. Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

_____. Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 5, nº 1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997.

_____. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana. 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. Pisando no sexo frágil. In: *Revista Nossa História*, ano 1, nº 03, jan/2004.

STREY, M. N. . Gênero. In M. G. C. Jacques, M. N. Strey, N. M.G. Bernardes, P.Guareschi, S.A. Carlos ; T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea:Livro-texto* . Petrópolis: Vozes, 1998.pp. 181-198.

TIBURI, M. . “Toda beleza é difícil”. Esboço de crítica sobre as relações entre metafísica, estética e mulheres na filosofia. In M. Tiburi, M. M. de Menezes ; E. Eggert (Orgs.), *As mulheres e a filosofia* . São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 23-46.

TIBURI, M; Menezes, M. ; Eggert, E. . Prefácio. *As mulheres e a filosofia* . São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 7-12.

TILLY, Louise A. *Gênero, história das mulheres e história social*. Campinas: Cadernos Pagu, 1994. Tradução do original, 1990. p. 29-62.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VASCONCELOS, Tânia M. P. Do castigo ao prêmio: concepções de infância e educação numa comunidade do interior (1940-1970) In: *Revista da FAEBA*, Salvador, v. 14, n 24, p 175-191, jul/dez., 2005.

VAITSMAN, J. Pluralidade de mundos entre mulheres de baixa renda. *Estudos Feministas*, 2, 1997. p. 303-319.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1988.

WACQUANT, Löic. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade: o que queremos dizer quando falamos sobre corpo e sexualidade? In: LOURO, Guacira (org.). *Pedagogias da sexualidade*. Porto Alegre: Contra-Bando (no prelo).

WILLIAMS, R. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1969.

_____. *Palabras clave: un vocabulario de la cultura e sociedad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

ZALUAR, A. *A guerra privatizada da juventude*. Folha de São Paulo. São Paulo. 1997.

ZALUAR, Alba. Democratização Inacabada: fracasso da Segurança Pública. In: *Revista Estudos Avançados*, vol. 21 n° 61. São Paulo, 2007

ZANELLA, A. V. Atividade, significação e constituição do sujeito: Considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 9(1), 2004. 127-135.

ZILLI, L.F. *Violência e criminalidade em vilas e favelas dos grandes centros urbanos: um estudo de caso da Pedreira Prado Lopes*. 2004. 233 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2004.

YÚDICE, George. The funkfication of Rio. In ROSS, Andrew; ROSE, Tricia (Orgs.) *Microphone fiends: youth music and youth culture*. 1994. p.193-217.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturada com as jovens.

Local: Morro Alto e Região

Roteiro de Entrevista (a entrevista será conduzida a partir das respostas das jovens, portanto pode ser mais aprofundada ou mais superficial).

1-Perfil básico

Qual o seu nome idade, local onde mora, se estuda e onde, se trabalha e com o que?

2-Rotina

Com quem mora e o que faz depois da aula e nos finais de semana?

3-Histórias de Vida

Onde nasceu e como foi sua infância? Como está sendo sua juventude? O que espera do futuro?

4-Comunidade

Fale um pouco sobre o lugar onde mora? Como é a sua relação com as pessoas (vizinhas)?O que acha de mais **legal** na sua comunidade e o que acha que deve ser melhorado.

5-Visão de lazer/diversão

O que tem de mais divertido no bairro pra vocês meninas?

O que mais gosta de fazer no tempo livre (saída da escola, recreio, festinhas, encontro na lagoa, etc.)?O que faz lá e com quem?

O que pensa a respeito do funk entre as jovens?Por que rola “**guerra**” nas baladas no bairro? O que pensa sobre as meninas que não frequentam a “lagoa” ou o pagode ou um funk a noite:

O que significa ir pra balada e “**ficar de boa**”?

6-Polícia

Como você percebe a polícia no Bairro, Já viu a atuação da polícia com alguma jovem do bairro? Você já foi parada pela polícia alguma vez?

Conte-me sobre suas aventuras na escola, seus **roles**, se já assinou alguma advertência (ocorrência), ou já foi parar no Conselho Tutelar? Conhece alguma amiga que tenha ido?

7-Identidade/Feminilidades

Como você se vê o que acha de si mesma? Qual a sua reação diante de uma **zoação**?

Vocês se dividem em grupos assim como a **galera** da caixa d’água e Curumim?

Ou cada menina respeita a sua **área**?

O que é ser uma mulher “periguete”?

Qual a diferença do “**Tamojunto**” para o “**ColaComigo**”?

Como você encara a traição de uma “**chegada**”?

Você é do tipo que parte pra cima durante um conflito, ou é da turma do “deixa disso”?Por que?

O que é violência pra você?

O que mais provoca brigas entre meninas/mulheres na saída da escola ou recreio? E sobre as brigas nas festas/baladas pagode(funk) por que **rola**?

Mas o que as meninas/mulheres acham de seus atos?

Aprofundando a entrevista: Grupo de jovens do qual participa

Como são seus amigos da comunidade, onde se reúnem se identifica com eles e porque, o que eles representam, se quando passou a se relacionar com o seu grupo de amigos passou a ter tratamento diferente e por quem, quando se reuniam, o que faziam, se o grupo tinha um nome, o que significa, qual era o seu papel no grupo, qual era a sua relação com os outros jovens, se se relaciona ou relacionou afetivamente com alguém do grupo, se já houve brigas /conflitos e porque, o grupo tinha rivais, como isso funciona, se ficavam na rua, como é isso, o que conquistou com a entrada no grupo, como acha que era a sua participação no grupo, se acha que sua opinião era considerada dentro do grupo, se já morreu alguém do grupo, o que acha disso, se já “perdeu” alguém próximo, se já foi motivo de briga entre grupos rivais, o que pensa sobre isso, se conhece armas e drogas, se já teve acesso a isso, o que acha disso, sabe como usar, possuía arma, já guardou drogas e armas, porque, como se sente em relação aos meninos, e às outras meninas.

Obs:

- A ordem das questões poderá ser alterada conforme o curso da entrevista.

APÊNDICE B - Termo de consentimento informado livre e esclarecido único para (pais/responsáveis e crianças a partir de 12 anos).

Prezado(a) Senhor(a)

Eu, Iara Félix Viana mestranda, portadora do RG M7.606.067, residente na Rua “N”, nº 34, Caieiras, CEP.33.200-000, na cidade de Vespasiano - MG, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é **Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de relações de gênero em um bairro popular**, coordenada pelo Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques.

O objetivo deste estudo é analisar como as jovens do Conjunto Morro Alto e região interagem nos espaços públicos na busca da construção de suas identidades, assim como as “relações” existentes entre essas jovens e a violência em momentos de lazer, para tanto, necessito da sua autorização para que sua filha possa participar desta pesquisa através de entrevista que será gravada em mídia digital, em local de escolha da jovem, podendo a mesma se recusar a responder qualquer pergunta que lhe cause constrangimento. A pesquisa terá ainda como metodologia, a observação participante, por ter a mestranda uma longa inserção na comunidade, dessa forma, (quando autorizada) acompanhará a voluntária nos diferentes espaços de lazer fará ainda análise documental nas instituições de acolhimento a essas jovens do bairro. Os dados coletados serão mantidos no Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ), da UFMG. Tais informações serão guardadas por dois (02) anos e apagada após esse período.

No presente vimos convidar a sua filha a participar, desta pesquisa de forma voluntária, com seu consentimento, na qual serão adotados todos os cuidados possíveis para a preservação da sua integridade, mediante a algum desconforto que possa ocorrer durante o processo de entrevista. Diante disso e pela experiência com a comunidade tomaremos todas as medidas protetivas necessárias.

A participação da sua filha não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito das feminilidades em um bairro popular, que em futuras propostas de políticas públicas para a juventude poderão beneficiar outras jovens.

Informamos que o Sr(a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas através do e-mail lara.viana@globo.com e/ou telefone (0xx31) 8534.8259.

Garantimos que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outras jovens, não sendo divulgada a identificação de nenhuma das participantes. Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo, punição ou constrangimento.

Não existirão despesas ou compensações financeiras pessoais para a participante em qualquer fase do estudo. Assumimos o dever de utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a identificação da sua filha.

Disponibilizamo-nos ainda através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, ORICOLÉ, Av. Presidente Carlos Luz,

4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG, (31) 3409-2337. Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Comitê de Ética e Pesquisa (COEP), da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592.

Antecipamos agradecimentos,

Iara Félix Viana – Mestranda

Prof. Dr. Walter Ude – Orientador da Pesquisa

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo **Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de relações de gênero em um bairro popular**.

Eu discuti com a pesquisadora **Iara Félix Viana** sobre a minha decisão em permitir a participação da minha filha nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação da minha filha é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Ficou acordado que minha filha será verbalmente informada sobre a pesquisa no limite de sua capacidade. Concordo voluntariamente em permitir a participação da minha filha neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade, prejuízo ou constrangimento.

Data ____/____/2012

Assinatura do pai (mãe) ou responsável

Nome da criança:.....

Assinatura da Criança: _____

Data ____/____/2012

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE C - Termo de consentimento informado livre e esclarecido para pais/responsáveis de adolescentes entre 13 e 17 anos

Prezado(a) Senhor(a)

Eu, Iara Félix Viana mestranda, portadora do RG M7.606.067, residente na Rua “N”, nº 34, Caieiras, CEP.33.200-000, na cidade de Vespasiano - MG, cujo telefone de contato é (31)8534-8259, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é **Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de relações de gênero em um bairro popular**, coordenada pelo Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques.

O objetivo deste estudo é analisar como as jovens do Conjunto Morro Alto e região interage nos espaços públicos na busca da construção de suas identidades, assim como as “relações” existentes entre essas jovens e a violência em momentos de lazer, para tanto, necessito da sua autorização para que sua filha possa participar desta pesquisa através de entrevista que será gravada em mídia digital, em local de escolha da jovem, podendo a mesma se recusar a responder qualquer pergunta que lhe cause constrangimento. A pesquisa terá ainda como metodologia, a observação participante, na qual a mestranda (quando autorizada) acompanhará a voluntária nos diferentes espaços de lazer e análise documental nas instituições de acolhimento as jovens do bairro. Os dados coletados serão mantidos no Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ), da UFMG. Tais informações serão guardadas por dois (02) anos e apagada após esse período.

No presente vimos convidar a sua filha a participar, desta pesquisa de forma voluntária, com seu consentimento, na qual serão adotados todos os cuidados possíveis para a preservação da sua integridade, mediante a algum desconforto que possa ocorrer durante o processo de entrevista. Diante disso e pela experiência com a comunidade tomaremos todas as medidas protetivas necessárias.

A participação da sua filha não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito das feminilidades em um bairro popular, que em futuras propostas de políticas públicas para a juventude poderão beneficiar outras jovens.

Informo que o Sr(a). tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas através do e-mail iara.viana@globo.com e/ou telefone (0xx31) 8534.8259. Garantimos que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outras jovens, não sendo divulgada a identificação de nenhuma das participantes. Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo, punição ou constrangimento.

Não existirão despesas ou compensações financeiras pessoais para a participante em qualquer fase do estudo. Assumimos o dever de utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a identificação da sua filha.

Disponibilizamo-nos ainda através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, ORICOLÉ, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG, (31) 3409-2337. Anexo

está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida. Comitê de Ética e Pesquisa (COEP), da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592.

Antecipamos agradecimentos,

Iara Félix Viana – Mestranda

Prof. Dr. Walter Ude – Orientador da Pesquisa

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo **Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de relações de gênero em um bairro popular.**

Eu discuti com a pesquisadora **Iara Félix Viana** sobre a minha decisão em permitir a participação da minha filha nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que a participação da minha filha é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em permitir a participação da minha filha neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade, prejuízo ou constrangimento.

_____/_____/_____

Data

Assinatura do pai (mãe) ou responsável

Nome da Adolescente: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Data ____/____/_____

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável

APÊNDICE D - Termo de consentimento informado livre e esclarecido para adolescentes entre 13 e 17 anos

Prezada Jovem,

Você está sendo convidada para participar da pesquisa: **“Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de relações de gênero em um bairro popular”** que tem como pesquisador responsável o Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques, contando com a participação da mestrandia Iara Félix Viana. Esta pesquisa pretende analisar como as jovens interagem nos espaços públicos, constroem suas identidades, como frequentam a “rua”. Entender quais e como são as “relações” existentes entre as jovens e a violência em momentos de lazer, principalmente nas “baladas” locais. Para realização da pesquisa utilizaremos entrevistas que serão gravadas em mídia digital, transcritas e analisadas como fonte de informações. Para as entrevistas a mestrandia Iara Félix, irá ao encontro das voluntárias, sendo o local, dia e horário indicado pelas jovens. A pesquisa terá ainda como metodologia, a observação participante, na qual a mestrandia (quando autorizada) acompanhará a voluntária nos diferentes espaços de lazer, fará também análise documental nas instituições de acolhimento as jovens do bairro. Os responsáveis pela pesquisa se comprometem em garantir sigilo absoluto no tratamento das informações que somente serão disponibilizadas para os envolvidos nesta pesquisa. Informamos ainda que os riscos são mínimos sendo adotados todos os cuidados possíveis para a preservação da sua integridade, mediante a algum desconforto que possa ocorrer durante o processo de entrevista. Diante disso e pela experiência com a comunidade tomaremos todas as medidas protetivas necessárias. Esclarecemos que todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade da mestrandia, não havendo qualquer forma de remuneração financeira para as voluntárias. Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para. Os dados que irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Os dados coletados serão mantidos no Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ), da UFMG, por dois (02) anos e apagado após esse período. A sua participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito das feminilidades em um bairro popular, que em futuras propostas de políticas públicas para a juventude poderão beneficiar outras jovens. Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do e-mail iara.viana@globo.com e/ou telefone (0xx31) 8534.8259. Disponibilizamo-nos ainda através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, ORICOLÉ, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG, (31) 3409-2337. Comitê de Ética e Pesquisa (COEP), da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592.

Antecipamos agradecimentos,

Iara Félix Viana – Mestranda
Pesquisa

Prof. Dr. Walter Ude – Orientador da
Pesquisa

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecida sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa “**Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de relações de gênero em um bairro popular**” como voluntária e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Vespasiano _____/_____ de 2012.

Assinatura da participante (voluntária) da pesquisa

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável

APÊNDICE E - Termo de consentimento informado livre e esclarecido para jovens maiores de 18 anos

Prezada Jovem,

Você está sendo convidada para participar da pesquisa: **“Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de relações de gênero em um bairro popular”** que tem como pesquisador responsável o Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques, contando com a participação da mestranda Iara Félix Viana. Esta pesquisa pretende analisar como as jovens interagem nos espaços públicos, constroem suas identidades, como frequentam a “rua”. Entender quais e como são as “relações” existentes entre as jovens e a violência em momentos de lazer, principalmente nas “baladas” locais. Para realização da pesquisa utilizaremos entrevistas com as jovens que serão gravadas em mídia digital, transcritas e analisadas como fonte de informações. Para as entrevistas a mestranda Iara Félix, irá ao encontro das voluntárias, sendo o local, dia e horário indicado pelas mesmas. A pesquisa terá ainda como metodologia, a observação participante, na qual a mestranda (quando autorizada) acompanhará a voluntária nos diferentes espaços de lazer e análise documental nas instituições de acolhimento as jovens do bairro. Os responsáveis pela pesquisa se comprometem em garantir sigilo absoluto no tratamento das informações que somente serão disponibilizadas para os envolvidos nesta pesquisa. Informamos ainda que os riscos são mínimos sendo adotados todos os cuidados possíveis para a preservação da sua integridade, mediante a algum desconforto que possa ocorrer durante o processo de entrevista. Diante disso e pela experiência com a comunidade tomaremos todas as medidas protetivas necessárias. Esclarecemos que todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade da mestranda, não havendo qualquer forma de remuneração financeira para as voluntárias. Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Os dados que irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Os dados coletados serão mantidos no Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ), da UFMG, por dois (02) anos e apagada após esse período. A sua participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito das feminilidades em um bairro popular, que em futuras propostas de políticas públicas para a juventude poderão beneficiar outras jovens. Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do e-mail iara.viana@globo.com e/ou telefone (0xx31) 8534.8259. Disponibilizamo-nos ainda através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, ORICOLÉ, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG, (31) 3409-2337. Comitê de Ética e Pesquisa (COEP), da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592.

Antecipamos agradecimentos,

Iara Félix Viana – Mestranda

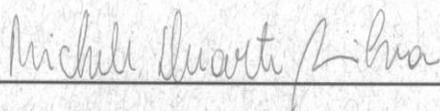
Prof. Dr. Walter Ude – Orientador da Pesquisa

Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNCIDE F – Termo de anuência institucional do Programa Fica Vivo.

PROTOCOLO

Após leitura e esclarecimentos da mestrandia Iara Félix Viana, eu, Michele Duarte Silva, na condição de representante institucional, como Diretora do Programa FICA VIVO! Concedo parecer favorável à realização da pesquisa aos pesquisadores na unidade do Conjunto Morro Alto em VESPASIANO-MG. Reitero que autorização para a pesquisa foi concedida em 11 de maio de 2012 pela Secretaria de Estado de Defesa Social – Coordenadoria Especial de Prevenção à Criminalidade, através da Sra. Ana Carolina Gonçalves Ferreira – Gerente de Orientação Técnica e do Trabalho em Rede, no qual ficaram acordadas apenas as visitas às oficinas e observação, sendo a pesquisadora acompanhada por um estagiário (técnico do programa), resguardando a rotina das oficinas e a identidade das voluntárias envolvidas.



Diretora do Programa Fica Vivo!

APÊNCIDE G – Termo de anuência institucional do Conselho Tutelar

FOLHA DE ESCLARECIMENTOS – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Prezado representante legal do(a) Conselho Tutelar de Vespasiano – MG.
Sr.(a) **Lourdes Bernadete Viana**

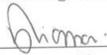
A mestrandia em Lazer Interdisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais está realizando uma pesquisa sobre o tema “Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de ser mulher em um bairro popular”, Iara Félix Viana, portadora do RG M7.606.067, residente na Rua “N”, nº 34, Caieiras, CEP.33.200-000, na cidade de Vespasiano - MG, cujo telefone de contato é (31)8534-8259, pretende desenvolver tal pesquisa coordenada pelo Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques.

Com o objetivo de investigar o envolvimento de meninas/mulheres, moradoras do Conjunto Morro Alto, com a violência em momentos de lazer no intuito de captar os distintos significados e sentidos atribuídos a esse tipo de atividade no processo de construção social das suas feminilidades. Para tanto selecionamos algumas Instituições que atendem essas jovens em distintos momentos. Para aprofundar o tema necessitamos da anuência institucional deste Conselho para análise documental das mesmas. Em síntese, a pesquisa propõe investigar as práticas e os discursos dos atores sociais, analisar como essas jovens interagem nos espaços públicos na busca da construção de suas identidades, assim como as possíveis “relações” existentes entre essas jovens e a violência/criminalidade.

A coleta de dados da pesquisa será desenvolvida através da leitura dos relatórios dos conselheiros constantes nos processos, bem como análise quantitativa no livro de visitas e do disque denúncias, que deram entrada neste Conselho Tutelar no período de 2005 a 2012. Os dados obtidos serão utilizados especificamente para esta pesquisa, sendo que a identidade dos voluntários não será revelada publicamente. Esclarecemos que não haverá remuneração financeira de qualquer natureza. Espera-se com essa pesquisa, os seguintes benefícios: - Compreender como se dá a participação dessas jovens em práticas dadas como infracionais em momentos de lazer; - Contribuir para a elaboração de futuras políticas públicas de prevenção à criminalidade feminina; - Contribuir para o entendimento do pertencimento à comunidade, bem como os usos dos espaços públicos; Compreender as feminilidades presentes nos bairros populares. As informações obtidas na pesquisa serão usadas exclusivamente em caráter científico. Assumimos o dever de utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a identificação dos sujeitos envolvidos. Os dados coletados serão mantidos no Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ), da UFMG. Tais informações serão guardadas por dois (02) anos e depois destruídas. Todas as despesas relacionadas a este estudo serão arcadas pelos responsáveis pela investigação no âmbito da UFMG. Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do e-mail iara.viana@globocom.com, telefone (0xx31) 8534.8259. Disponibilizamos ainda através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, ORICOLÉ, Av. Presidente Carlos Luz,

4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG, (31) 3409-2337 e informamos o endereço do Comitê de Ética e Pesquisa (COEP), da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592. Assim, se o(a) Sr(a) entendeu a proposta da pesquisa e concorda favoravelmente assinar o protocolo abaixo dando seu consentimento formal.

Antecipamos agradecimentos,

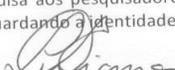

Lara Félix Viana - Mestranda


Prof. Dr. Walter Ude - Orientador da Pesquisa

Belo Horizonte, 15 de junho de 2012.

PROTOCOLO

Após leitura e esclarecimentos da mestranda Lara Félix Viana, eu Lourdes Bernadete Viana, na condição de Conselheira do Conselho Tutelar de Vespasiano-MG, concedo parecer favorável à realização da pesquisa aos pesquisadores. Reitero a liberação dos arquivos no período solicitado, para ampla análise, resguardando a identidade dos envolvidos em cada processo.


Conselheiro(a) Responsável

Conselho Tutelar
Federal 8 069/90
Municipal 1500/90
Endereço: Rua 33 200-000 Tel: 3621-4032
3934-9731
Data: 02/06/12
Conselheiro Tutelar

APÊNCIDE H – Termo de anuência institucional do 36º Batalhão de Polícia Militar de Vespasiano

FOLHA DE ESCLARECIMENTOS – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Prezado representante legal da do 36º Batalhão Delegacia de Polícia Militar em Vespasiano – MG.

TEN. CEL. PM Marcelo Martins de Resende.

A mestrandia em Lazer Interdisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais está realizando uma pesquisa sobre o tema "**Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de ser mulher em um bairro popular**", lara Félix Viana, portadora do RG M7.606.067, residente na Rua "N", nº 34 , Caieiras, CEP.33.200-000, na cidade de Vespasiano - MG, cujo telefone de contato é (31)8534-8259, pretende desenvolver tal pesquisa coordenada pelo Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques.

Com o objetivo de investigar o envolvimento de meninas/mulheres, moradoras do Conjunto Morro Alto e região, com a violência em momentos de lazer no intuito de captar os distintos significados e sentidos atribuídos a esse tipo de atividade no processo de construção social das suas feminilidades. Para tanto selecionamos algumas Instituições que atendem essas jovens em distintos momentos. Para aprofundar o tema necessitamos da anuência institucional para análise documental e estatísticas das mesmas. Em síntese, a pesquisa propõe investigar as práticas e os discursos dos atores sociais, analisar como essas jovens interagem nos espaços públicos na busca da construção de suas identidades, assim como as possíveis "relações" existentes entre essas jovens e a violência/criminalidade.

A coleta de dados da pesquisa será desenvolvida através de um levantamento do nº de ocorrências que envolvem meninas/mulheres no período de 2005 a 2012, bem como análise quantitativa no sistema das estatísticas criminais. Os dados obtidos serão utilizados especificamente para esta pesquisa, sendo a identidade das voluntárias não revelada publicamente. Esclarecemos que não haverá remuneração financeira de qualquer natureza. Espera-se com essa pesquisa, os seguintes benefícios: - Compreender como se dá a participação dessas jovens em práticas dadas como infracionais/criminais em momentos de lazer; - Contribuir para a elaboração de futuras políticas públicas de prevenção à criminalidade feminina; - Contribuir para o entendimento do pertencimento à comunidade, bem como os usos dos espaços públicos; Compreender as feminilidades presentes nos bairros populares. As informações obtidas na pesquisa serão usadas exclusivamente em caráter científico. Assumimos o dever de utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a identificação dos sujeitos envolvidos. Os dados

coletados serão mantidos no Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ), da UFMG. Tais informações serão guardadas por dois (02) anos e após destruídas. Todas as despesas relacionadas a este estudo serão arcadas pelos responsáveis pela investigação no âmbito da UFMG. Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do e-mail iara.viana@globo.com, telefone (0xx31) 8534.8259. Disponibilizamos ainda através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, ORICOLÉ, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG, (31) 3409-2337 e informamos o endereço do Comitê de Ética e Pesquisa (COEP), da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592. **Assim, se o(a) Sr(a) entendeu a proposta da pesquisa e concorda favor assinar o protocolo abaixo dando seu consentimento formal.**

Antecipamos agradecimentos,



Iara Félix Viana – Mestranda



Prof. Dr. Walter Ude - Orientador da Pesquisa

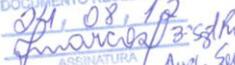
Belo Horizonte, 24 de agosto de 2012.

Protocolo

Após leitura e esclarecimentos da mestranda, Iara Félix Viana, eu enquanto representante legal do 36º Batalhão da Polícia Militar de Vespasiano, Comandante Ten. Cel. PM Marcelo Martins de Resende, concedo parecer favorável à realização da pesquisa aos pesquisadores, na Unidade desejada, mediante os procedimentos internos já acordados.

Ten. Cel. PM Marcelo Martins de Resende
Comandante(a)

Ten. PM Felipe Gouvêa Rocha
Técnico Responsável que acompanhará as atividades da pesquisadora na Instituição.

PMMG - 36.º BPM
DOCUMENTO RECEBIDO EM
08/08/12
ASSINATURA  Avul. Sec

ANEXOS

ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Lazer, Feminilidades e Violência: Os códigos e significados de relações de gênero em um bairro popular.

Pesquisador: Walter Ernesto Ude Marques

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 02983712.9.0000.5149

Instituição Proponente: PRO REITORIA DE PESQUISA ((UFMG))

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 157.106

Data da Relatoria: 25/10/2012

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos possíveis riscos da participação na presente pesquisa, os pesquisadores referem considera que são mínimos(pequenos), na forma de possível constrangimento ou desconforto emocional no momento da entrevista. Diante disso e pela experiência e inserção junto a comunidade estudada serão todas as medidas protetivas necessárias.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As diligências foram atendidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão todos presentes

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

SMJ sugiro que o projeto seja aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado conforme parecer.

BELO HORIZONTE, 28 de Novembro de 2012

Maria Teresa Marques Amaral
(Coordenador)



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
Área Interdisciplinar

ATA DA 66ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

IARA FÉLIX VIANA

Às 14h00min do dia 15 de março de 2013 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer** requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques (Orientador)	X	
Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (UFMG)	X	
Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira (PUC-MG)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: aprovada

O **resultado final** foi comunicado publicamente para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 15 de março de 2013.

Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques (Orientador)

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (UFMG)

Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira (PUC-MG)